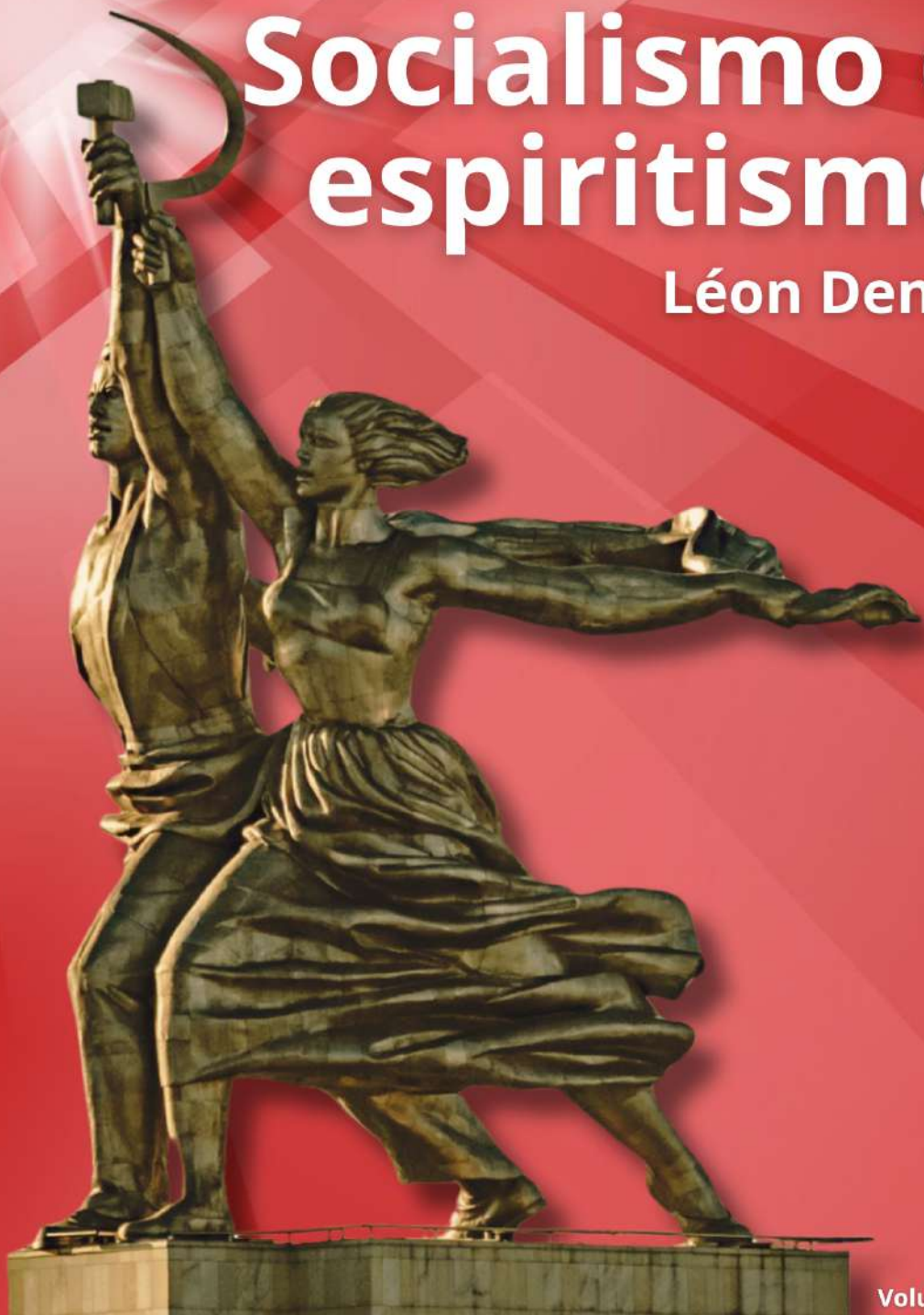


Socialismo e espiritismo

Léon Denis



Volume 1

Espíritas
à Esquerda



Coleção
Clássicos Espíritas à Esquerda

COLEÇÃO CLÁSSICOS ESPÍRITAS À ESQUERDA

Volume 1

SOCIALISMO E ESPIRITISMO



Léon Denis
(1846-1927)

Artigos do autor publicados na *Revista Espírita* de 1924,
à época dirigida por Jean Meyer.

Tradução, prefácio e notas de Sergio Mauricio Pinto

**Espíritas
à Esquerda** | 

Capa: Espíritas à Esquerda

Imagem de capa: Operário e mulher kolkosiana, é uma escultura de 24,5 m, feita de aço inoxidável em 1937 pela escultora soviética Vera Mukhina para ser a peça central do pavilhão soviético da Exposição Internacional de Paris.

Encontra-se atualmente instalada numa das entradas do Centro Panrusso de Exposições em Moscou, Rússia.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Denis, Léon, 1846-1927

Socialismo e espiritismo [livro eletrônico] / Léon Denis; tradução
Sergio Mauricio Costa da Silva Pinto. – 1. ed. – Salvador, BA:

Espíritas à Esquerda, 2026. – (Clássicos espíritas à esquerda)

PDF

Título original: Socialisme et spiritisme.

ISBN 978-65-01-98318-9

1. Comunismo 2. Espiritismo 3. Política 4. Socialismo I. Título. II.
Série

26-342803.0

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB-8/8415

Sumário

Prefácio.....	3
Cinco anos depois.....	13
Socialismo e espiritismo - I	25
Socialismo e espiritismo - II	36
Socialismo e espiritismo - III	46
Socialismo e espiritismo - IV	56
Socialismo e espiritismo - V	70
Socialismo e espiritismo - VI	80
Socialismo e espiritismo - VII	90
Socialismo e espiritismo - VIII.....	99

Prefácio

Certamente esse livro de Léon Denis, *Socialismo e espiritismo*, é um dos marcos do chamado espiritismo progressista. Ele serve como uma boa introdução às discussões sobre as relações entre sociedade e espiritualidade. No texto, o autor trata de temas como a educação, o trabalho, o capital, as ideologias políticas, o socialismo, o comunismo etc., e relaciona-os ao espiritismo, entendido como a grande luz que transformará as sociedades humanas.

Esse texto não foi escrito exatamente como um livro, ao menos da forma clássica como se imagina sua elaboração. Léon Denis, que era colaborador habitual da *Revista Espírita*, a mesma que fora fundada por Allan Kardec em janeiro de 1858 e que ainda continuava a ser publicada, escreveu uma série de artigos mensais durante o ano de 1924 com o título *Socialismo e espiritismo*. Foram sete artigos publicados nos meses de fevereiro a agosto e um outro em outubro. Esses artigos reunidos se tornaram essa já clássica obra, apesar de pouco divulgada.

Nessa nova tradução, foi também incluído o artigo publicado em janeiro de 1924, intitulado *Cinco anos depois*, tratando do tema do pós-guerra e suas repercussões espirituais. Essa é a primeira tradução para o português desse texto, portanto inédito em nossa língua. Considerou-se importante essa inclusão como introdução e contextualização do momento vivido pelo autor e de suas reflexões sobre as questões espirituais e a sociedade naquele momento de muitas perdas materiais e humanas. Nesse artigo, Léon Denis, além da introdução das análises espirituais sobre os temas sociais e políticos que detalha nos artigos seguintes, divulga diversas correspondências recebidas que falam sobre a alegria de encontrar o espiritismo num momento de tanta dor causado pelo horror da guerra recém-encerrada.

Os demais oito artigos têm outras traduções em português já publicadas.

E por que então uma nova tradução? Por alguns motivos importantes: primeiro, porque haveria problemas de direitos autorais referentes aos textos já publicados que demandariam ações editoriais que poderiam inviabilizar a nova publicação; segundo, porque não havia disponível ainda uma tradução feita por quem pudesse compreender não apenas o texto em sua língua original, mas também as nuances filosóficas das escolas socialistas, a fim de bem entender todas as citações e referências usadas pelo autor; terceiro, porque se vislumbrou uma nova edição com notas explicativas que pudessem efetivamente contextualizar todas as referências presentes no texto, dando ao leitor mais propriedade sobre aquilo que é argumentado pelo autor; e quarto, porque se pretendia incluir o artigo *Cinco anos depois* em nova edição da obra, como acima explicado.

A tradução buscou aproximar o máximo possível o texto ora publicado do original em francês. Buscou-se manter as estruturas frasais originais e o uso das palavras mais próximas entre as línguas para que o leitor pudesse perceber, mesmo de forma enevoada, por problemas da própria tradução, a beleza literária da escrita de Léon Denis. Ao ler Denis em francês, a impressão que se tem é que se está a ouvir um discurso transcrito, pois a pena do autor reflete sua conhecida capacidade oratória quase que nas mesmas intensidade e beleza.

Léon Denis é, ao mesmo tempo, um espírita e um socialista apaixonado pelas duas propostas filosóficas de ação no mundo. E, apesar de suas idiossincrasias, é aquele que faz, de forma até então inédita, a aproximação entre essas duas doutrinas. Entende com clareza que o mundo precisa de transformação, e vislumbra que o socialismo e o espiritismo, juntos, podem sim ser esse *leitmotiv* para transformar a injusta realidade social. Mas ele se coloca de forma clara como um reformista, jamais como um revolucionário, como afirma peremptoriamente no artigo de agosto de 1924: “*sou um evolucionista e não um revolucionário*”. Entende-se sobre isso que, para ele, não há sobressaltos no processo das mudanças que ocorrem nas sociedades humanas, e sim que essas mudanças se dão de forma gradual e contínua, sem choques radicais.

Apesar desse entendimento do autor, os espíritos, em resposta a Kardec, afirmam sobre as bruscas transformações que *“Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos”*¹.

Ao afirmar-se *“evolucionista”*, Denis se posiciona dentro do espectro multifacetado do socialismo, que não é uno e nem sempre dialógico, haja vista as grandes dificuldades históricas, ainda hoje muito presentes, de diálogo entre socialistas de vieses filosóficos distintos. Esse aspecto curioso e trágico do socialismo é citado pelo autor no artigo de março de 1924 – *“No momento, os socialistas estão divididos em escolas rivais”* – e tratado mais extensivamente no artigo de maio – *“Ainda hoje os socialistas se dividem em diversas escolas”*. Vale lembrar que os próprios Friedrich Engels e Karl Marx, no *Manifesto do Partido Comunista*, listam algumas formas conhecidas de socialismo.

Dentro da classificação do *Manifesto*, poder-se-ia incluir Léon Denis entre os socialistas crítico-utópicos, que, para os autores, sobre esses socialistas,

Não resta dúvida de que estão convictos de defender, em seus planos, principalmente o interesse da classe trabalhadora enquanto classe mais sofredora. O proletariado não existe para eles senão sob o aspecto de classe mais sofredora.

Mas a forma embrionária da luta de classes, assim como sua própria situação social, levam-nos a considerarem-se muito acima desse antagonismo de classe. [...]

*Eis porque rejeitam toda ação política, principalmente toda ação revolucionária. Querem atingir seu objetivo mediante vias pacíficas e tentam, pela força do exemplo, desbravar caminho para um novo evangelho social mediante experiências em pequena escala, evidentemente fadadas ao fracasso*².

¹ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: edição antirracista. Salvador: Espíritas à Esquerda, 2022. p. 366.

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 77-78.

Já Léon Denis sobre o socialismo de viés marxista e sobre Marx, especificamente, diz:

Os alemães, em grande número, aderiram às teorias de Karl Marx, que se inspiram num materialismo brutal e preconizam a luta de classes que logicamente resulta na ditadura do proletariado, ou seja, o bolchevismo. Ora, sabe-se o que esse regime fez com a Rússia.

[...] o socialismo de Karl Marx, o homem amargo e odioso cujo principal objetivo é a guerra de classes, tudo isso é desprovido de generosidade e grandeza e não resulta senão em tumulto e esmagamento de uns pelos outros.

Constata-se nesses dois fragmentos dos autores as dificuldades encontradas no diálogo entre os diversos socialistas, chegando, algumas vezes, ao uso do *argumentum ad hominem*, ou seja, o argumento contra a pessoa e não contra as ideias, reduzindo o diálogo e a crítica de ideias a ataques pessoais inconformes com o esperado respeito nos debates ideológicos.

Para Léon Denis, e isso fica explícito na leitura de seu texto, a sociedade só será transformada a partir da transformação dos indivíduos. Portanto, como ele vê a educação como peça fundamental para transformar as pessoas, a única forma de se transformar a dura realidade do povo é por meio da educação massiva dos princípios moralizantes, segundo ele, do espiritismo.

Isso, que é também reiterado por alguns outros autores progressistas, é estranho à obra kardecista, uma vez que o que se depreende das respostas dos espíritos compiladas por Kardec é que esse processo é concomitante, ou seja, indivíduo e sociedade se transformam juntos numa complexa imbricação. Pode-se chamar isso de relação dialética. Indivíduo e sociedade, sem nenhuma hierarquia temporal, transformam-se mutuamente numa relação em espiral sem fim.

E o que dizem os espíritos sobre isso na obra kardecista:

573. Em que consiste a missão dos espíritos encarnados?

“Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as insti-

tuições, por meios diretos e materiais. [...]³.

Portanto, o trabalho de “*instruir os homens*” ocorre simultaneamente à melhoria das instituições, “*por meios diretos e materiais*”. Ou seja, indivíduos e sociedade transformam-se juntos num complexo processo de relações sociais que leva à evolução conjunta de todos. Mesmo porque, como dizem também as mesmas respostas compiladas por Kardec, o descaço e a indiferença com o mundo e a sociedade são chamados de “*duplo egoísmo*”⁴.

Um outro ponto que merece comentário introdutório é a referência feita por Léon Denis ao que entende por luta ou guerra de classes. A forma como o autor se refere ao fenômeno explicita seu entendimento inapropriado sobre a questão. Eis algumas dessas referências encontradas em *Socialismo e espiritismo*:

[...] A chamada “luta de classes” existe apenas no papel. Na realidade, não há mais classes desde a Revolução, [...].

[...] o socialismo de Karl Marx, o homem amargo e odioso cujo principal objetivo é a guerra de classes, [...].

[...] A luta de classes é uma tática perniciosa que afasta do socialismo aqueles que seriam seus melhores elementos [...].

Sua forma de escrever sobre o tema mostra que entende a luta de classes como uma estratégia promovida pela classe operária para a conquista do poder. E isso é um grave erro conceitual, pois luta de classes não é uma tática ou um objetivo para absolutamente nada, luta de classes é uma constatação dum fenômeno da realidade concreta.

Assim como Isaac Newton teorizou uma lei gravitacional a partir dos fenômenos físicos observados e Charles Darwin, uma lei de transformação das espécies também a partir de fenômenos naturais estudados, a luta

³ KARDEC, *op. cit.*, p. 299.

⁴ *Ibid.*, p. 377.

de classes é uma teorização sobre um fenômeno social encontrado em todas as sociedades humanas em que há classes sociais distintas e que explicam, em parte, o próprio movimento da história.

A luta de classes, pode-se resumir, não passa da constatação de que classes sociais distintas vivem em qualquer estrutura social em embates contínuos em busca da melhoria de sua qualidade material de vida. E esse embate presente nas sociedades humanas é um fato, não uma estratégia ou um objetivo, e que pode ser compreendido como o motor da história, ou seja, um fenômeno social inerente às sociedades e que as transformam continuamente. Todo o primeiro capítulo do *Manifesto* traz uma ótima abordagem introdutória sobre essa questão e que merecia ter sido mais bem compreendida pelo socialista Léon Denis, haja vista que as referências feitas sobre luta de classes nesse texto ora traduzido revelam certo descuido com a questão conceitual. Abaixo o fragmento introdutório do capítulo do *Manifesto*:

A história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a cada etapa conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto. [...] ⁵.

Estando claro o que vem a ser luta de classes e o equívoco conceitual de Léon Denis, outro ponto importante sobre esse tema merece breve comentário: para todos aqueles que querem uma sociedade mais justa e fraterna, como é o desejo sincero do autor, é necessário, como pré-requisito, conhecer a realidade de forma inteira, sem o véu alienante do fetichismo presente no ideário social imposto pela classe dominante. Não basta escamotear a realidade ou acreditar que não se falar de luta de classes fará simplesmente com que ela não exista, porque, diante da realidade concreta, a única opção viável é enfrentá-la para compreendê-la. Engels e Marx, no prefácio à obra *A ideologia alemã*, falam sobre isso

⁵ MARX; ENGELS, *op. cit.*, p. 23-24.

da seguinte forma:

Certa vez, um bravo homem imaginou que, se os homens se afogavam, era unicamente porque estavam possuídos pela ideia da gravidade. Se retirassem da cabeça tal representação, declarando, por exemplo, que se tratava duma representação religiosa, supersticiosa, ficariam livres de todo perigo de afogamento⁶.

É óbvio que a luta da personagem citada no texto acima é vã e inglória, porque como já dito, cabe, diante do fato, do dado do real, apenas a busca exaustiva da sua compreensão mais profunda.

Sendo então a luta de classes um fenômeno social, um fato concreto da realidade, não a conhecer e ignorar sua força transformadora da própria realidade é sucumbir antecipadamente ao desejo, por mais sincero que seja, de se alcançar uma nova sociedade onde haja justiça, fraternidade e dignidade, porque ninguém luta para transformar algo que desconhece, a não ser que não se saiba aonde se quer chegar. E aí, caberia a citação adaptada da resposta dada à Alice pelo gato de Cheshire: “*Para quem não sabe aonde ir, qualquer caminho serve*”⁷.

Léon Denis também se apresenta como adversário ideológico do socialismo soviético, chamado por ele de “*teorias do bolchevismo*”. Isso não chega a ser uma novidade, pois muitos socialistas já se colocaram contrários a estratégias e movimentos que fizeram eclodir a Revolução Russa de 1917 e organizaram o estado soviético. Esse viés socialista tornou-se conhecido como marxismo-leninismo, por conta da liderança incontestada de Lênin na reflexão e na ação revolucionária durante esse momento histórico.

De forma reducionista, o autor, em certo momento de seu texto, associa o que chama de bolchevismo à ditadura do proletariado. E aqui se tem outro problema de ordem conceitual tratado de forma descuidada nos

⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982. p. 18.

⁷ CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 84.

artigos de 1924. Ditadura do proletariado é um conceito que requer um entendimento cuidadoso de quem com ele lida, pois a palavra “ditadura”, nesse contexto, tem um significado diverso daquele usado pelo senso comum, associado principalmente à ausência de democracia e liberdade, a arbitrariedades e, quase sempre, à violência. Aqui não caberia uma dissertação sobre a expressão, também comentada em breve nota no artigo de maio de 1924. No entanto, vale ressaltar que a interpretação dada pelo autor é inadequada e revela alguma desatenção no seu preparo para tratar de temas que, por suas próprias observações, desconhecia.

Não se poderia esquecer nesse ponto a observação de Kardec sobre os comentários críticos de desconhecedores das propostas espíritas. Kardec sempre lembrava da necessidade de se conhecer uma ciência para dela tratar com autoridade e não com certa incúria, levando-o, portanto, a desconsiderar as críticas que exalavam desconhecimento sobre o tema. Diz Kardec explicitamente no item I da *Conclusão* de *O livro dos espíritos*:

*Apelo para todos os adversários de boa-fé e os adjuro a que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam. Porque, em boa lógica, a crítica só tem valor quando o crítico é conhecedor daquilo de que fala. Zombar de uma coisa que se não conhece, que se não sondou com o escarpelo do observador consciencioso, não é criticar, é dar prova de leviandade e triste mostra de falta de critério*⁸.

Evidentemente que não se pretende aqui afirmar leviandade –palavra forte usada por Kardec– da parte de Léon Denis, que deu mostras de seu real interesse pelo tema do socialismo, mas apontar certo descuido em usar conceitos que, pelo que se lê nos artigos ora traduzidos, não tinha o domínio necessário para embasar algumas críticas e comentários.

Um último ponto deveras interessante e sugestivo do texto, e que também merece destaque, é a publicação de algumas mensagens psicografadas no artigo de agosto de 1924, o penúltimo capítulo dessa tradução. São mensagens de políticos franceses relevantes do séc. XIX que tecerem

⁸ KARDEC, *op. cit.*, p. 502.

seus comentários sobre a conjuntura política e social daquele momento. No dizer do autor:

Creio dever deixar a palavra aos nossos guias e protetores invisíveis, muitos dos quais participaram da liderança política do século passado.

Para o estranho movimento espírita hegemônico e conservador no Brasil, que abandonou as práticas evocatórias kardecistas listadas em suas obras, tais mensagens apresentadas por Léon Denis devem soar, no mínimo, hereges e antiespíritas, e por dois motivos que horrorizam os críticos: a provável evocação feita pelo autor desses políticos de outrora e a discussão em reuniões, com envolvimento direto de espíritos, de temas sobre política e sociedade.

Kardec, em diversos artigos da *Revista Espírita*, apresenta suas evocações em trabalhos espirituais em que esteve envolvido diretamente ou não. Em seu *O livro dos médiuns*, o subtítulo é explícito: *Guia dos médiuns e dos evocadores*. Mas, apesar dessa experiência kardecista e de outros grandes nomes do movimento espírita dos sécs. XIX e XX, muitos espíritas preferiram seguir o caminho infundado do “o telefone só toca de lá para cá”, optando por uma prática meramente ritualística e de caráter estritamente religioso e abandonando a racionalidade necessária à prática do contato com os espíritos.

Léon Denis nos apresenta nesse capítulo citado a potência do que pode ser capaz o espiritismo quando usado como ferramenta de análise da realidade concreta e a consequente possibilidade de sua transformação. E é esse poder, escondido por tanto tempo nos escaninhos dos interesses de classe, que os espíritas progressistas, como Léon Denis, lutam por libertar a fim de encantar as mentes férteis e profícuas das novas gerações de espíritas que virão. E essa é a tarefa histórica do movimento espírita progressista: fazer ecoar bem alto essa potência transformadora do espiritismo, lutando incessantemente pelo resgate das propostas desse espiritismo libertador.

Apesar de apresentar alguns problemas, comuns dentro do campo da fé progressista, essa é certamente uma obra essencial para a introdução da discussão das relações entre espiritismo e sociedade.

Sergio Mauricio Pinto
Março de 2022

Cinco anos depois

Revista Espírita – Janeiro de 1924

Cinco anos e mal saímos das angústias duma longa guerra em que tudo parecia desmoronar num abismo de sangue e fogo¹. A esperança renasceu com a perspectiva duma paz próxima. Segundo os projetos do presidente Wilson², os povos, curados da guerra pela própria guerra, abjurariam seus ódios, seus rancores e se reconciliariam num abraço fraterno. Um mundo novo deveria emergir das ruínas e dos túmulos. As luzes do amanhecer já clareavam o horizonte.

Cinco anos se passaram, mas nossas esperanças não se realizaram. Ao contrário, a vida tornou-se mais difícil, os problemas que a guerra deveria resolver multiplicaram-se; as causas do conflito são inumeráveis.

Os perigos não vêm somente de fora, mas também de dentro. Em toda parte, rivalidades invejosas, cobiças ardentes e egoísmos ferozes; egoísmo de nações, classes e indivíduos. Jamais a sede de prazer e a ganância se manifestaram com tanta intensidade.

A civilização cristã, que se acreditava estar a salvo de qualquer catástrofe, mostrou-se tão instável quanto as civilizações pagãs.

¹ Léon Denis se refere ao final da I Grande Guerra, ocorrida entre julho de 1914 e novembro de 1918, pois o texto desse capítulo foi escrito nos meses finais de 1923 para ser publicado em janeiro de 1924.

² Thomas Woodrow Wilson foi presidente dos Estados Unidos durante o período da I Grande Guerra. Após o final da guerra, o presidente Wilson, num discurso muito conhecido, apresentou proposta com quatorze pontos para a superação das diferenças entre as nações, para evitar novos conflitos daquela magnitude e para formar uma associação a fim de garantir a integridade territorial e a independência política dos países, que se tornou a Liga das Nações, surgida em 1919 como um dos resultados do Tratado de Versalhes. Essa proposta de Wilson resume o que se passou a chamar de “wilsonianismo”, um idealismo liberal que pretendia entender as causas da guerra e propor formas de evitar novos conflitos mundiais. Apesar do liberalismo como pilar de sua doutrina, Wilson foi também conhecido pelo apoio à segregação racial e a ideais de supremacia branca.

Elementos de barbárie geram-se no submundo social, uma barbárie que não oferece os recursos vitais de outrora. Inspirada pelo ódio e pelo desejo, ela é apenas uma boa força para destruir, mas não para edificar.

A guerra não nos ensinou nada; suas duras lições permaneceram incompreendidas e ineficazes. Serão necessárias, portanto, lições mais difíceis para esclarecer os homens sobre o real sentido da vida e seu propósito?

A alma humana está gravemente doente, e essa é a causa do mal-estar do nosso tempo. Não há tratados, convenções e códigos que possam acabar com isso. Males espirituais requerem remédios espirituais. As religiões podem-nos oferecê-los? Procura-se em vão, hoje, onde se encontra o verdadeiro e puro cristianismo.

Por muito tempo o cristianismo foi considerado a única força moral capaz de elevar o homem acima de si mesmo, de seus instintos sensuais e brutais; o único poder espiritual capaz de arrancar a alma dos pântanos terrenos, de sanear-la, de purificá-la e de carregá-la, nas asas da oração, às regiões divinas.

Mas a última guerra nos mostrou o pouco de espaço que esse sentimento, essa crença, ainda tinha no espírito humano. Vimos dois soberanos, dois grandes povos ditos cristãos³, desencadearem esse flagelo monstruoso que cobriu o mundo de sangue e de horror. E o poder representativo do cristianismo na Terra não encontrou uma palavra de protesto, nem durante a devastadora invasão da Bélgica⁴ nem durante o torpedeamento do *Lusitania*⁵!

³ Aqui Léon Denis se refere ao Império Austro-Húngaro e à Alemanha, dois estados que tinham forte tradição cristã e foram responsabilizados historicamente pela I Grande Guerra.

⁴ A invasão da Bélgica é um dos episódios que marcam o início da I Grande Guerra. A Alemanha, desrespeitando a histórica condição de neutralidade belga, entre os dias 2, 3 e 4 de agosto de 1914 invadiu o país europeu ocupando-o quase na sua totalidade. Esse episódio foi determinante para a entrada do Reino Unido na guerra contra a Alemanha.

⁵ O RMS Lusitania foi um navio britânico de passageiros que fazia regularmente a travessia do Atlântico durante o início do séc. XX. Com o transcorrer da I Grande Guerra, a Alemanha declarou como zona de guerra os mares no entorno do Reino Unido. Em sua última viagem,

Se o evangelho deve continuar a exercer uma influência salutar e sustentar as almas falidas no caminho da vida, é na condição de ser interpretado em seu sentido verdadeiro e profundo, restaurado em sua pureza primitiva, a do pensamento de Jesus. As igrejas, por seus hábitos arraigados, tornaram-se inadequadas para tal reforma, a menos que uma corrente irresistível de opinião externa as obrigue a fazê-lo.

Quanto à ciência positiva, igualmente benéfica ou prejudicial, dependendo do uso que dela se faz, será impotente para tornar o homem mais feliz e melhor; será incapaz de esclarecê-lo, guiá-lo e consolá-lo enquanto permanecer indiferente ou fechada ao estudo do mundo invisível, que é o mundo das causas e das leis.

Quando numa nação a fé enfraquece, quando o ideal se oculta e a concepção da existência se restringe, empobrece-se, torna-se evidente para qualquer observador imparcial que imediatamente, por uma espécie de reação automática, o sensualismo se espalha, os atos de violência se multiplicam e os elementos de anarquia se desenvolvem. E é isso o que ocorre em nossa época.

* * *

Em certos momentos de reflexão, sinto-me tomado de pena por essa grande massa humana que avança na estrada da vida sem saber exatamente aonde ela leva. Estranhos viajantes, a maioria dos homens caminha pela névoa sem saber de onde vêm nem aonde vão, alheios à sua própria natureza e às leis de seu destino, sem poder discernir o porquê e o propósito de sua caminhada. Como, então, surpreender-se de seu aspecto às vezes incoerente e da vida social misturada a tantas causas de incertezas e erros?

vindo dos Estados Unidos à Grã-Bretanha, o Lusitania, na tarde de 7 de maio de 1915, já próximo à costa sul da Irlanda, foi bombardeado por um submarino alemão. Suas sérias avarias o levaram ao fundo do mar em apenas 18 minutos, resultando na morte de 1.198 pessoas, entre passageiros e tripulantes.

No entanto, caminhar é relativamente fácil, desde que a estrada permaneça reta e plana. Mas é preciso contar com os buracos, as encostas íngremes e as escarpas.

Há também as chuvas, as rajadas de vento, as tempestades. Compreende-se que queremos falar de provas, de reveses e de separações cruéis, numa palavra, de vicissitudes que ameaçam o homem em todas as encruzilhadas da existência.

Então uma fé sólida, uma fé iluminada torna-se necessária, bem como a compreensão da grande lei para enfrentar as adversidades e evitar a vergonha, o desânimo, o desespero e o suicídio. Ora, o que mais falta em nossa época é precisamente essa fé, essa confiança, essa certeza; é o conhecimento do sentido profundo, do verdadeiro propósito da vida.

A fé é a posse da verdade. Quando se baseia na razão e na ciência, ela nos dá uma força moral incomparável, o autocontrole e o domínio dos sentidos; ela soberbamente ergue a vontade contra o mal.

A fé esclarecida deve, portanto, ter como critério os princípios superiores, as adesões da consciência e o testemunho dos fatos. Nessas condições, ela repousará em bases inabaláveis e desafiará todas as contradições.

A partir de então, a existência mudará de aspecto; a vida parecerá bela e boa apesar de suas provas, pois se compreenderá que tudo contribui para a educação e o progresso do ser. Discernir-se-á por quais vínculos toda a vida está ligada à ordem universal e às suas leis, e daí decorrerá a garantia de que nada pode perecer, que tudo está ajustado com sabedoria, equidade e harmonia e que poderíamos ser felizes ao colocar nossas possibilidades de ação em conformidade com essa lei.

Mas, repetimos, onde encontrar fé em nossa época? Os mesmos que se apoiam no dogma hesitam nas questões de punição eterna, redenção, graça etc. Na realidade, o propósito da vida lhes escapa e seus pensa-

mentos e sua vontade permanecem acessíveis a todos os apelos do prazer e da fortuna. Quanto aos céticos e aos materialistas, a questão da fé é para eles inexistente.

Se a religião e a ciência atual não podem responder a essa questão capital, teremos então de nos elevar mais alto e procurar alhures uma fonte mais abundante de luz e revelação. Ora, essa fonte, nós a encontramos no ensinamento dos espíritos.



Nos momentos conturbados da história, quando todos os recursos terrenos se tornaram insuficientes, então as potências superiores intervêm. Para dissipar a escuridão que pesa sobre o destino humano, para iluminar o caminho e mostrar o objetivo, uma intervenção do alto tornava-se necessária: e ela se fez. Por meio século, o mundo dos espíritos age ao nosso redor; sua ação, lenta e invisível, mas irresistível, já se faz sentir em todos os pontos do globo.

Melhor que o padre e o sábio, os mortos podem-nos falar, com sua competência sobre a morte e suas consequências, da condição das almas no além e de todas as questões relacionadas à vida futura. E, quando esses espíritos são os de nossos próprios pais, de entes queridos que conhecemos na Terra, que nos dão abundantes provas de sua identidade e de seu persistente afeto, como seus ensinamentos, seus testemunhos não se revestiriam aos nossos olhos de mais autoridade do que a de todos os interessados argumentadores ou dogmatizadores?

Essa doutrina dos espíritos, que se poderia qualificar como universal, pois é tanto da Terra quanto do espaço, traz-nos a maior soma de luz que o homem jamais possuiu sobre os problemas da vida, da morte, da evolução e do destino. Ilumina as profundezas do passado e do futuro e as conecta numa unidade grandiosa. Mostra-nos na série de nossas sucessivas existências que nossos méritos e deméritos são as causas de nossas alegrias e sofrimentos, e que há uma justa penalidade, pois uma lei da justi-

ça rege todos os nossos atos.

Ao especificar a noção de dever e responsabilidades, oferece-nos um poderoso meio de cultura moral, um constante desenvolvimento das faculdades e qualidades da alma que evolui em direção ao seu fim supremo: a perfeição.

E, por meio dessa doutrina, a magnífica unidade do mundo nos aparece: uma unidade de plano, de pensamento e de direito, que ressalta o esplendor da obra divina. Mas, acima de tudo, traz tesouros de consolo àqueles que estavam destroçados, desesperados e revoltados com a vida por causa da separação dos entes queridos. Dá-lhes a certeza do reencontro e, para muitos, a prova de sua presença, ainda que invisível, e de sua assistência na vida enquanto aguardam pela hora desse reencontro no além.

E essas não são afirmações gratuitas da minha parte, pois tudo o que digo é em meu próprio nome, já que há cinquenta anos me comunico com os meus que se foram. E recebi, dos mais diversos países, milhares de confidências e declarações, como as que reproduzirei a seguir em pequeno número, devido aos limites impostos pelo espaço dessa revista.

Ao publicar essas cartas, pretendo simplesmente fornecer aos aflitos novos elementos de certeza. Gostaria de poder citá-las todas, a fim de multiplicar as provas experimentais da sobrevivência, mas isso é impossível devido ao seu grande número e às apreciações lisonjeiras que elas contêm sobre meu trabalho. Ora, isso não é, a meu ver, como a obra de Allan Kardec, que expôs o ensinamento dos espíritos-guia. Eu apenas desempenhei nessas circunstâncias o papel de porta-voz, ou, se se preferir, o de um daqueles ecos fiéis nas montanhas repetindo o que diz a grande voz do infinito.

Belgrado, 14 de outubro de 1922.

“Faz dois anos e meio que perdemos nossa única filha, nossa amada criança. Sua morte nos mergulhou em profunda dor, num desespero sem limites. Ela era todo nosso amor e, nesse amor, toda a nossa vida tinha sido concentrada.

Em nossa profunda dor, meu marido e eu nos perguntamos: o quão bom é viver quando se está sem rumo? Por que trabalhar e lutar? E então, quando nossa tristeza estava no seu auge, quando o consolo não chegava de parte alguma, um dia ouvi uma voz interior que me disse: ‘Leia os livros espíritas, leia as obras de Léon Denis.’ E eu obedeci a essa voz. A religião não me deu o consolo que busquei; mas você mo proporcionou por meio de suas obras. Minha alma foi iluminada por um raio de esperança; compreendi que a vida não é um acaso fortuito, mas que ela é governada por leis imutáveis e justas. Estou convencida de que estou apenas por um momento separada da minha amada filha e de que nos reencontraremos na vida espiritual.

“Quando esse sentimento me tomou completamente, veio-me o desejo de ajudar outras mães enlutadas e todos aqueles que choram pela perda de seus entes queridos. E como nenhuma de suas obras ainda foi traduzida para o sérvio, peço-lhe a autorização para traduzir seu livro ‘Depois da morte’. Quantas mães aflitas que choram por seus filhos, caídos em batalha, ser-lhe-ão gratas e o a-bençoarão pelas palavras de consolo encontradas em seu livro!”

Kosara Katitch.

Obiličev vende 46.⁶

Castelsarrasin, 20 de janeiro de 1918.

“Dois corações despedaçados, aniquilados, duas vidas destruídas pela dor lhe devem o milagre de sua ressurreição. Perdemos ao dever, à sublime devoção, coroando uma vida de virtudes, o ser mais querido, e nossa angústia era extrema. Foi relendo seus livros, e lendo-os para a minha filha, uma pobre viúva desesperada, que um alento adentrou nossos corações e a grande e bela expectativa de revê-lo renovou-nos a coragem de viver, deu-nos esperança, e essa esperança se transformou em certeza.

“Nosso filho voltou para nos confortar. Espontaneamente ele se manifestou à minha filha pela escrita em 11 de fevereiro de 1916; ele morreu por sua pátria, que tanto amava, em 9 de outubro de 1915, em Tahure, na Champanhe. Desde então, obtivemos muitas conversas e ensinamentos de nosso amado filho; mas quero contar-lhe como ocorreu o primeiro choque de felicidade! Minha filha, sentada à sua escrivaninha, escrevia em seu caderno o valor dos dias pagos ao criado. Naquele momento, sua pena, em vez de registrar números, escreveu com força ‘Sou eu’; força suave, quase carinhosa, mas que imprimiu à mão sua vontade, seu desejo. ‘Oh! meu Deus’, gritou minha filha numa explosão de alegria misturada com medo. ‘É você, Albert?’ e, trêmula, abaixou novamente sua

⁶ Provavelmente transliterado pelo autor de Košara Kačić - Obiličev Venac 46.

pena. Um grande ‘sim’ ainda mais suave e carinhoso lhe respondeu. Em conversas posteriores, ele respondeu a todas as suas perguntas.

“Meu marido, professor, antes cético e materialista, escreveu sob o mesmo impulso e agora está convencido. Eu mesma obtive comunicações escritas com provas de identidade.

“Que belas páginas, que ensinamentos sublimes, que alegria e que maravilhosa felicidade possui nossa amada criança. Ele não quer que choremos, mas constantemente nos exorta à bondade, ao dever e à virtude. Todas as alegrias do mundo, todos os tesouros da terra não são nada diante da felicidade inefável que possuímos. É por isso que eu queria agradecer-lhe. Não o proíbo de divulgar essa nova prova aos bons e generosos corações interessados nessa ciência tão bonita e tão verdadeira, mas lhe peço que oculte nosso nome”.

M. B.
Professora.

Paris, 25 de agosto de 1917.

“Atingida por um infortúnio cruel, a morte em plena juventude dum amado marido, que sucumbiu em batalha após três anos no front, cujo corpo permaneceu nas linhas inimigas, fui resgatada pelo livro mais abençoado que já conheci: ‘Depois da morte’, sua obra, que um amigo compassivo e bem inspirado emprestou-me. Era o momento de eu ler esse livro, de com ele envolver-me. Foi para mim uma fonte de luz, de apaziguamento, de serena e forte resignação. Graças a você, finalmente compreendo a verdade que a Igreja nos esconde por culpada cegueira, se voluntária. A certeza de que meu querido marido ainda vive perto de mim e numa vida mais feliz —bem-merecida por suas belas virtudes e por seu último sacrifício— e a certeza de que ele ainda me ama e que o reencontrarei, sozinhas, dão-me a coragem necessária para continuar minha jornada e me preparar para minhas novas responsabilidades, pois espero um filho pequeno.

“Quando estou sozinha, ouço ao meu redor golpes repetidos que me são doces ao coração. Consegui até escrever algumas palavras automaticamente. Em 8 de junho, soube pelo espírito do meu marido que ele fora baleado na cabeça, de frente para o inimigo, o que me foi confirmado somente em 8 de agosto”.

M. Godefroy.

Lyon, 26 de maio de 1920.

“Querido mestre, permita-me dar-lhe esse título, você que me revelou o grand-

oso propósito da vida elevando minha alma sufocada pelo materialismo. Sou jovem, criado no credo da Igreja; meus estudos, e especialmente o da ciência positiva, mataram minha fé. Para mim, como para muitos de meus amigos, a vida, um acaso, era apenas uma grande ironia. Tornei-me um zombador, negando todos os ideais, mas era apenas uma máscara para esconder minha profunda tristeza; lamentei a ingênua fé da minha infância. Um dia, o acaso derrubou um de seus livros em minhas mãos. Foi, para mim, uma revelação; mas me sinto impotente para descrever os sentimentos violentos e, apesar disso, tão dóceis despertados em mim pelos sublimes horizontes que você me revelou. Você criou minha alma uma segunda vez.

“Desde então, li todas as suas obras; e elas sempre permanecerão como companheiras da minha vida. Fizeram-me entender a utilidade da dor e o resgate de nossos erros através do amor, do estudo e da caridade”.

Louis Pellegrin.

Um funcionário de uma de nossas grandes escolas⁷ oficiais me escreveu nesses termos:

Paris, 13 de fevereiro de 1923.

“Depois de um luto cruel, eu tinha chegado à última encruzilhada, aquela antes da velhice. Fui educado na religião católica, mas os dogmas da minha infância já não me satisfaziam mais e as velhas fórmulas me pareciam mortas. Procurei por outras, fui até o panteísmo de Spinoza, mas sua secura e aridez me congelaram; tudo isso carecia de calor e de vida; os templos onde eu entrava sempre me pareciam desertos. Foi um momento muito difícil e estava começando a ficar desanimado. Então, uma conversa inesperada me levou a ler seu livro: ‘Depois da morte’, e foi uma revelação. Todas as ideias vagas que adormeciam em mim e as aspirações não formuladas tomaram corpo: foi como uma repentina cristalização. Pareceu-me ouvir uma língua há muito esquecida, uma língua que conheci no passado, em tempos muito antigos. Senti um calor em meu coração, uma tranquilidade em meu espírito e uma serenidade que eu ignorava há muito tempo. A partir de então, minha vida interior tomou uma nova direção e, creio, definitiva. Não foi uma curiosidade frívola e mundana que me levou até você, mas sua concepção de fins humanos, essa condução de todos em direção à luz e aquelas esperanças radiantes que você oferece ao espírito

⁷ Uma “grande école”, ou grande escola, é um “estabelecimento de ensino superior que recruta seus alunos por concurso e assegura a formação de alto nível”, segundo documento do Ministério da Educação Nacional da França. Historicamente, nos cursos superiores por elas oferecidos é preparada a maior parte da elite empresarial, política e científica francesa.

inquieto dos homens”.

Comandante B...

Bucareste, 3 de setembro de 1923.

“Antes de mais nada, quero expressar-lhe minha profunda gratidão! Por meio de seus escritos, você salvou minha alma. Embora muito religiosa, após um grande infortúnio, a perda da minha única criança, a ideia de suicídio me assombrava. Pedi consolo às minhas crenças religiosas, e nada consegui além da revolta. Por força da ponderação, cheguei a duvidar de Deus, de sua bondade e sua justiça. Eu não podia conceber um Deus justo e bom atingindo tão cruelmente uma pobre mãe que nada tinha feito para merecer esse terrível destino.

“Por mais de um ano, um desespero crescente torturou minha pobre alma. Eu ansiava pela morte, pelo nada! Uma de minhas tias me aconselhou a ler ‘A nova revelação’ de Conan Doyle, o que fez nascer em mim uma réstia de esperança. Tomei gosto por leituras espirituais; o primeiro livro que adquiri foi o seu ‘Depois da morte’. Eu o li, reli e o lerei várias vezes. Hoje, uma nova fé preenche minha alma. Eu creio em Deus, em sua bondade, em seu amor! Se a perda da minha querida filhinha ainda me faz sofrer cruelmente, tomei minha dor com paciência e espero com serenidade pelo dia em que Deus me chamará até Ele para me unir à minha criança.

“Em nosso país, há tantos aflitos a quem a grande guerra retirou filhos, maridos, pais e irmãos, que encontrariam, como eu, uma consolação para suas tristezas, se pudessem conhecer os benefícios do espiritismo! Tendo um ardente desejo de me tornar útil à causa espírita e aos meus semelhantes, peço-lhe, por amor à verdade, a permissão para traduzir suas obras”.

Mina Radovici.

Taverny, 17 de janeiro de 1920.

“Bastante afetada pela guerra, a leitura de seus livros me reconforta e me deixa com uma paz de espírito jamais sentida. Perdemos sucessivamente um irmão de vinte anos, meu pai, um médico-major da 1ª classe, que morreu de uma doença contraída em hospitais, e, em 1918, outro irmão de vinte e oito anos, capitão na 4ª Infantaria, todos heróis gloriosos, se é que existam.

“Minha pobre mãe, duma dolorosa tristeza, mas muito piedosa, mantinha em seu coração uma vaga esperança de ver nossos entes amados novamente e, corajosamente, viveu para mim e meu irmão mais novo.

“Eu, com a alma em revolta, não sendo capaz de compreender certas injustiças de nossa religião, quase me inclinei para o nada. Quando um amigo começou a me falar de espiritismo, a leitura de seus livros e toda a lógica sublime que vem deles abrandaram em nós os ressentimentos da vida, deixando-nos a confiança e a fé no futuro. Minha querida mãe agora está sorrindo, quase feliz! Várias vezes, por meio da mesa e da escrita, já tivemos evidências indiscutíveis da presença de meus irmãos”.

Jeanne Favier.

Lille, 10 de janeiro de 1898.

“Escrevo-lhe sob a deliberada sensação de leituras que me impressionaram profundamente, as de suas obras. Sua magnífica síntese da humanidade produziu-me o efeito de uma revelação, cheia de entusiasta admiração e me fez ver o caminho. Quem escreveu tais páginas tem direito ao reconhecimento daqueles que apoiou na vida espiritual e a certeza de que eles cumprem com alegria esse dever será, sem dúvida, a melhor recompensa da sua vida generosamente usada em favor dos outros. Acredito que seu trabalho continuará sendo uma das pedras angulares do edifício a ser construído e tenho o prazer de lhe prestar essa homenagem enquanto ainda estiver conosco. Adeus, senhor, sou pela eternidade um dos seres a quem você entreabriu o livro da verdadeira ciência”.

Dr. L. Moty,

Major-Médico, do 1º Corpo do Exército.

Vê-se por essas cartas que as revelações do além e a doutrina dos espíritos respondem plenamente às necessidades e aspirações daqueles que sofrem. Elas constituem um supremo remédio para esses males da alma que falamos acima e que corroem nosso século atormentado.

Sem dúvida, não são coisas novas. No passado, homens privilegiados e grandes iniciados conheciam essas altas verdades, mas eram apenas exceções. Atualmente, a humanidade, amadurecida pelo esforço dos séculos, mais evoluída, mais experiente, tornou-se capaz, como um todo, de assimilar esses princípios regeneradores. É por isso que todos que não encontraram, nem nos dogmas das religiões nem nas negações materialistas, as luzes que iluminam e explicam a vida voltam-se a essa revelação celestial.

Reafirmando em conclusão, as declarações e os testemunhos se multiplicam e podemos acrescentar àqueles que acabamos de ler centenas e centenas de outras manifestações de todo o mundo. Elas demonstram que a influência do mundo invisível em nosso planeta aumenta gradualmente e se torna geral. As forças do além estão trabalhando e nenhum poder humano poderá parar sua ação.

A comunhão entre os dois mundos torna-se cada vez mais íntima e profunda e o número daqueles que nela encontraram uma fonte de consolo e esperança aumenta incessantemente. Nos tempos difíceis em que vivemos, isso é como um orvalho benfazejo que desce às almas amarguradas, ressecadas por provações e dor.

Em breve será o refúgio supremo de todos aqueles que amam e buscam a verdade.

Socialismo e espiritismo - I

Revista Espírita – Fevereiro de 1924

Espiritismo e socialismo estão unidos por laços estreitos, pois um oferece ao outro o que lhe falta a mais, ou seja, os elementos de sabedoria, justiça, ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem os quais corre o risco de permanecer impotente ou de afundar na anarquia.

Mas, acima de tudo, importa bem definir o sentido dos termos que empregamos. Para nós, o socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios capazes de melhorar a situação material, intelectual e moral da humanidade. Nessas condições, há numerosas nuances, variedades de opiniões, de sistemas, do socialismo cristão ao comunismo, e todo homem preocupado com o destino de seus semelhantes pode-se dizer socialista, quaisquer que sejam suas predileções.

Minha intenção não é tanto tratar a questão social do ponto de vista político ou econômico, mas investigar quanta influência o socialismo pode ter sobre a evolução do espírito humano, e particularmente sobre a educação do povo. As questões sociais, que há algum tempo assumiram um caráter violento e ameaçavam incendiar o edifício onde vivemos, perderam um pouco de sua intensidade. É o momento de considerá-las sem paixão, sem amargor, com a calma que convém aos espíritos reflexivos, apaixonados pela justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos em paz e harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral.

Subscrevemos de bom grado as reivindicações legítimas da classe operária que reclamam para o trabalhador sua parcela de influência e bem-estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, mas reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, após ter arruinado a sociedade russa.

O que caracteriza atualmente, aos nossos olhos, o estado de espírito dos socialistas, com exceção de alguns raros elementos, é o conhecimento insuficiente e bastante rudimentar das leis universais, sem a observação das quais toda obra humana está condenada antecipadamente à impotência e à esterilidade, quando não resulta em desordem e caos.

A vida das sociedades, como a do universo, é o equilíbrio de forças opostas, de forças contrárias. O equilíbrio perfeito é a ordem, a paz e a harmonia; mas, assim que uma dessas forças se sobrepõe às outras, tem-se perturbação, confusão e sofrimento. O estado de inferioridade do nosso mundo provém precisamente da instabilidade das forças físicas e sociais em ação em sua superfície, pois umas afetam as outras.

Todo o passado nos mostra a predominância das classes altas, ditas dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje são as classes operárias que às vezes querem assumir e dirigir, por sua vez, a sociedade. Mas o despotismo de baixo não é melhor do que o de cima; é bem pior, porque mais brutal e mais cego.

Desde a última guerra o nível intelectual e moral foi sensivelmente reduzido. As paixões desencadearam-se, apetites e desejos tornaram-se mais intensos, mais ardentes. É que os melhores se foram; levados por sua dedicação, pelo espírito de sacrifício, correram à morte como a uma festa, enquanto os outros, mais prudentes e menos altruístas, souberam preservar sua vida. Aqueles que se ofereceram em holocausto para a salvação dos outros pairam em massa acima de nós¹, assimilando novas forças e luzes. Eles logo regressarão ao seio dessa humanidade que precisa de seu concurso para trabalhar por sua evolução. Entre a geração que surge, espíritos de valor já tomaram seu lugar e numa vintena de anos² os veremos afirmarem-se por seus méritos e virtudes adquiridos; mas, até lá, te-

¹ Sir Conan Doyle, o grande escritor inglês, mostra-nos uma fotografia tirada em 11 de novembro, em Londres, no Túmulo do Soldado Desconhecido durante o minuto de silêncio e recolhimento. Nela se vê uma multidão de cabeças de jovens, entre as quais o eminente escritor afirma reconhecer a de seu filho morto no *front*. (Nota original do autor.)

² Vinte anos depois desse texto, a Europa estava mergulhada no horror da II Grande Guerra.

remos que atravessar um período difícil durante o qual todos aqueles que têm consciência de seus deveres e da solidariedade que nos une a todos, os espíritas sobretudo, deverão pagar por si mesmos e guiar seus semelhantes no árduo caminho do progresso.

A grande lei da evolução que rege todos os seres também deve servir de base para qualquer organização social. Todos têm direito a uma situação de acordo com suas aptidões e qualidades morais. Ora, esse acervo que trazemos de nossas vidas anteriores, só a educação espírita poderia detalhar.

O essencial seria, então, ensinar primeiramente a todos os homens de onde eles vêm, aonde eles vão, ou seja, qual é o real propósito da vida e do destino. Só então aparecerá, em todo o seu brilho e em todas as suas consequências sociais, essa imensa solidariedade que liga os seres em todos os graus de sua ascensão, forçando-os, para o seu próprio bem, a retornar à Terra e a outros mundos nas mais diversas condições, a fim de neles adquirir as qualidades inerentes a esses meios e, por vezes também, redimir um passado culpado.

Depois das doutrinas do passado que nos trouxeram apenas escuridão e incerteza, o espiritismo projeta uma viva claridade sobre o caminho a percorrer; no encadeamento de nossas vidas sucessivas, ele nos mostra a ordem, a justiça e a harmonia que reinam no universo. Que o sábio socialista adote esta grande doutrina, essa vasta e profunda ciência que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que seus partidários dela se impregnem e lhe conformem seus atos e ela poderá tornar-se uma das alavancas que conduzirão a humanidade a destinos melhores.

* * *

Embora me seja odioso, creio dever insistir no estado de espírito em que me proponho tratar desse amplo assunto.

Nasci na classe operária e nela conheci as lutas e as privações. Meu pai era pedreiro, depois se tornou um pequeno empreiteiro, mas frequentemente lhe faltava trabalho e foi preciso mudar de ramo. Eu mesmo, depois de ter recebido uma instrução bem básica, comecei como um pequeno empregado comercial e o trabalho manual não me era estranho. Já, aos doze anos, eu removia folhas de cobre na Casa da Moeda de Bordéus, e meus dedos infantis, sob o atrito do metal, por vezes se tingiam de sangue. Aos dezesseis anos, numa fábrica de cerâmica em Tours, eu carregava o cesto com as peças nos dias que as desenformavam. Aos vinte anos, numa manufatura de couro, eu transportava peles na hora da prensagem, ou manobrava “a margarida”, uma grossa ferramenta de madeira que serve para amaciar couros. Obrigado durante o dia a ganhar meu pão e o dos meus velhos pais, dediquei muitas noites ao estudo, a fim de completar minha pouca bagagem de conhecimentos, e daí data o enfraquecimento prematuro da minha visão.

Depois da guerra de 1870, percebi que era necessário trabalhar com ardor pela educação do povo. Para tanto, com alguns cidadãos dedicados, fundamos na nossa região a *Liga do Ensino*, da qual me tornei secretário-geral, criamos bibliotecas populares e iniciamos uma série de conferências por toda parte. Isso, para mostrar que sempre mantive o contato com as classes trabalhadoras, que compartilhei suas preocupações e suas aspirações por progresso. Interessei-me bastante pelo movimento cooperativo e por muito tempo responsabilizei-me, gratuitamente, pelos livros dum grupo de sapateiros reunidos numa cooperativa.

Agora que a idade branqueou minha cabeça e a experiência chegou, aprecio bem mais os benefícios proporcionados a todos da reencarnação entre os humildes e da livre aceitação da lei do trabalho. Na verdade, o trabalho é um soberano preservativo contra as armadilhas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, paz e felicidade, quando realizado com inteligência e entusiasmo.

Também compreendo melhor por que a lei da evolução obriga a imensa maioria dos seres a renascer no seio das classes trabalhadoras para nelas

desenvolver as energias saudáveis, moldar os caracteres e tornar o homem verdadeiramente digno desse nome. Na luta constante contra as privações e no esforço cotidiano para se desvencilhar do abraço das necessidades, aos poucos a vontade se afirma, o juízo se forma e as mais belas qualidades florescem. É por isso que as maiores almas que passaram sobre a Terra: o Cristo, Joana D'Arc e tantos outros nobres espíritos, quiseram nascer nas condições mais obscuras para servir de exemplo à humanidade.



Devo dizer aqui que, no curso da minha vida, desde a minha infância, em meio às dificuldades que tive que superar, sempre fui apoiado pelo além. Nos momentos que acabei de falar, sentia-me empurrado no meu caminho por uma força invisível, uma força cuja natureza eu ainda ignorava, pois meus guias espirituais só se revelaram um pouco mais tarde. Contudo, já possuía uma faculdade medianímica, a da escrita, e obtinha comunicações numa forma bastante literária. Mas essa faculdade desapareceu de repente quando me tornei conferencista. Meus protetores do espaço me explicaram que tinham adaptado seus auxílios fluídicos às minhas facilidades oratórias e aos meios de improvisação como sendo mais eficazes na popularização do espiritismo. Pude notar vários casos análogos de transformação das faculdades psíquicas, sobretudo nos médiuns de incorporação.

Naquela época, eu ainda não tratava publicamente das questões espíritas, escolhia temas mais ou menos diretamente a elas relacionados, como a *Pluralidade dos mundos habitados*, *O gênio da Gália*, *Joana D'Arc*³ e outros assuntos que me permitiam abordar incidentalmente o problema do mundo invisível.

Foi só por volta de 1880 que abordei essa questão de forma franca e pública. O público era pouco favorável e mais de uma vez foi necessário su-

³ Títulos de conferências feitas por Léon Denis durante o período relatado.

portar as zombarias, as objeções pueris e, sobretudo, o tumulto. Hoje, os conferencistas espíritas são mais bem acolhidos. Se seus ouvintes nem sempre são convencidos, pelo menos escutam com cortesia. Essa diferença de atitude dá a medida exata dos progressos realizados por nossas crenças num período de quarenta anos.

Foi sobretudo durante minhas conflitantes conferências na Bélgica, com Volders⁴ e Oscar Beck⁵, dois fortes líderes do partido socialista, que pude perceber que esse último estava profundamente imbuído de teorias materialistas e, conseqüentemente, na impossibilidade de relacionar seu plano de reforma às leis gerais do universo cuja essência é toda espiritualista. É verdade que há brilhantes exceções, entre as quais citarei Jaurès⁶, que sempre foi um espiritualista convicto, eloquente e mesmo poeta em sua época. Mas não parece que nesse ponto ele tenha feito escola.

De minhas constantes relações com trabalhadores de todos os tipos, uma consideração se tira: é que os trabalhadores, nas cidades ou no campo, tomados individualmente, isoladamente, são pouco acessíveis a doutrinas subversivas: comunismo e anarquia. Sem dúvida, retiveram do passado, de séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas de opressão; mas possuem no fundo de si o sentimento de realidade, eles amam a justiça e o progresso.

É sobretudo nos grandes centros industriais que os agitadores têm mais controle sobre as massas operárias e que o discurso inflamado dos ora-

⁴ Jean Volders foi jornalista e político belga e um dos fundadores do Partido Trabalhista Belga (POB, na sigla original), de orientação socialista. Volders morreu em maio de 1896.

⁵ Oscar Beck foi um militante socialista e marxista do Partido Trabalhista Belga na região de Herstal, no norte da Bélgica. Morreu em 1894.

⁶ Jean Jaurès foi, além de amigo de Léon Denis, deputado, professor, conferencista e autor de diversos textos sobre política e socialismo. Na arena política sempre se colocou como um socialista convicto, mas contrário ao socialismo revolucionário, que sempre rejeitou, apesar de com ele sempre dialogar. Era um pacifista e defensor da laicidade do estado. Em 1904 fundou o jornal socialista *L'Humanité*, que se tornaria posteriormente o jornal oficial do Partido Comunista Francês. Com o início da I Grande Guerra, tornou-se uma voz firme contra a guerra e foi assassinado, em julho de 1914, por um jovem nacionalista que queria a entrada da França na guerra contra a Alemanha.

dores oportunistas obtém mais sucesso em empurrá-los a excessos. Mas isso ocorre por pouco tempo. A França é um país de bom senso e razão que permanece refratária às teorias do bolchevismo⁷ e outras doutrinas estrangeiras. A chamada “luta de classes” existe apenas no papel. Na realidade, não há mais classes desde a Revolução⁸, ou pelo menos não há mais entre elas limites precisos, porque a penetração é recíproca e contínua. Todo operário trabalhador e econômico pode tornar-se patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e dele recruta incessantemente: é de seu seio que se ergueu a maioria dos homens que ilustrou a humanidade; é dele que surgiram tantos “burgueses”, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado, quantos pequenos rentistas e pequenos proprietários, por causa da guerra e suas consequências econômicas, regressaram ao proletariado? Seu número é difícil de determinar, porque ao mudar de situação eles quase sempre mudam de residência e se perdem no turbilhão das grandes cidades.

A infelicidade é que os campos se despovoam e que a plethora de cidades aumenta sem cessar. Abandona-se o trabalho saudável e regenerador dos campos, para se confinar em locais apertados, privados de ar e luz. Assim, pouco a pouco, o ser humano se esteriliza, diminui e escorrega por um declive perigoso.

* * *

Parece que assistimos a um início de desagregação da sociedade. O cimento que une os elementos do edifício, ou seja, o espírito de família,

⁷ Bolchevismo é uma referência à ideologia da ala bolchevique, liderada por Lênin e surgida da cisão do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) entre mencheviques e bolcheviques a partir de 1903. Os bolcheviques pregavam que um partido socialista deveria ter uma estrutura de poder centralizada e defendiam que os trabalhadores somente chegariam ao poder pela luta revolucionária. Os bolcheviques foram os principais responsáveis pela vitória na Revolução Russa de 1917.

⁸ Léon Denis se refere à Revolução Francesa, cujo principal marco histórico inicial é a queda da Bastilha, ocorrida em 14 de julho de 1789. É interessante notar que durante o séc. XIX a França testemunhou alguns movimentos revolucionários que mostraram que as classes sociais estavam bem presentes e em enfrentamento contínuo.

a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso etc., enfraquece-se e se decompõe.

Quem é o responsável por esse estado de coisas? Em grande parte, a Igreja e a escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja tornou-se impotente para comunicar ao corpo social essa fé viva que é a grande mola e a própria alma das nações. Seu catecismo, incompreensível e incompreendido, é notoriamente insuficiente para esclarecer e guiar as crianças do povo nos difíceis caminhos da existência. Alguns, é verdade, ainda podem contentar-se com isso; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão seco e endurecido.

Falemos da escola atual, laica e obrigatória. Foi uma reação contra a escola congregacional imbuída de preconceitos dogmáticos e rotinas antigas. Os promotores da escola laica tinham um programa e um propósito: compartilhar com todos, num impulso de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da instrução e do conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos na obra comum. Essa instrução foi complementada por noções de moralidade bastante impregnadas de ideal espiritualista. Os manuais de Paul Bert⁹ e de Compayré¹⁰ ensinavam a existência de Deus, a imortalidade do ser, e procuravam reacender o fogo sagrado nas almas francesas; mas seus sucessores, em sua política pragmática, eliminaram pouco a pouco essas noções de idealismo e a escola regrediu sob a influência materialista.

A partir de então, a educação laica, desprovida de elevação, desenvolveu

⁹ Paul Bert foi médico, deputado socialista do Partido Radical e ministro da educação, tendo escrito textos e manuais sobre fisiologia e educação. Foi um declarado inimigo do clericalismo e defensor intransigente da laicidade do estado, propondo leis para uma educação gratuita, laica e obrigatória. A citação feita por Léon Denis a Paul Bert não parece refletir seu pensamento, que tinha como divisa "*Nem Deus, nem mestre*". Bert morreu em novembro de 1886.

¹⁰ Gabriel Compayré foi professor, pedagogo, filósofo e deputado republicano moderado, especializado em psicologia da infância e história da educação. Escreveu várias obras sobre educação, incluindo um curso completo de instruções cívicas para jovens e crianças que trazia referências a Deus, à pátria francesa e aos valores republicanos, mas suas referências espirituais não eram admiradas pelo Vaticano que inseriu seu curso no *Index Librorum Prohibitorum*. Compayré morreu em fevereiro de 1913.

o sentimento individualista. Do orgulho ao egoísmo há apenas um passo, e, trinta anos depois, isso cresceu, graças ao bem-estar proporcionado por uma civilização bastante materialista. Quando a educação é desprovida de freio moral, de sanção, e vem misturar-se à paixão material, ela apenas superexcita os apetites, o desejo de prazeres e se traduz por um egoísmo desenfreado.

É necessário, portanto, combater o egoísmo com um ensino idealista regenerador. Com o egoísmo vencido, será mais fácil extinguir as outras paixões que corroem o coração humano.

A escola neutra hoje representa um corpo de conhecimentos privados do bem moral necessário para constituir uma educação e uma direção eficaz. Recuperaria seu prestígio, seu poder benéfico, assimilando uma doutrina espiritualista independente, capaz de substituir todos os ensinamentos confessionais. Ora, essa doutrina, somente o espiritismo lhe pode fornecer. No aguardo dessa necessária fusão, qual é o nosso papel como espíritas? É criar, multiplicar o exemplo de nossos irmãos lioneses, as escolas dominicais onde a doutrina e a moral espíritas são ensinadas às crianças, bem como aos adultos.

O que dizemos da escola primária se aplica igualmente ao ensino superior e mesmo à ciência, que não passa dum conjunto de teorias passageiras, de hipóteses provisórias que um século constrói e o século seguinte destrói e substitui, como o demonstrou o sr. Ch. Richet¹¹, com um vigor e uma franqueza que não são sem mérito.

É verdade que uma nova ciência se edifica pouco a pouco. Ela tem por base a experimentação psíquica; mas se depara com tantos preconceitos, parcialidades e procedimentos materialistas, que levará muito tem-

¹¹ Charles Richet foi médico fisiologista e descobridor da soroterapia e da anafilaxia. Foi premiado com o Prêmio Nobel de Medicina em 1913. Além da fisiologia, Richet interessava-se por fenômenos medianímicos, tendo publicado em 1922 o longo *Tratado de metapsíquica*, contendo seus estudos na área; e também por aviação, tendo desenvolvido em 1907 um giroplano em parceria com Louis Breguet. Richet morreu em dezembro de 1935.

po até se realizar essa síntese necessária e esperada que ligará nossas ciências atuais, parciais e fragmentárias, num todo harmonioso, ou seja, numa concepção geral da vida e do universo. Tornar-se-ia assim um motivo de ação, um foco de luz capaz de iluminar e guiar o homem nos caminhos até então incertos de seu destino.

A ciência não está feita, ela se faz; um dia, tornada integral e homogênea, abraçará em seus estudos os mundos visível e invisível e penetrará nesse oceano de vida oculta que nos envolve. Ela tirará de si as leis e, acima de tudo, essa grande lei de ascensão que conduz cada um de nós, através dos tempos, a estados melhores. Assim, atingido esse elevado domínio do conhecimento, poderá servir de base ao ensino e à educação, pois terá não somente uma lei, mas também uma moral a oferecer à humanidade.

Hoje, ela ainda é apenas o balbuciar da criança tentando soletrar as primeiras letras do grande livro eterno e divino.

Esmagado sob o peso da matéria cuja densidade é maior entre nós do que nos globos vizinhos, sufocado por uma atmosfera envenenada pelos fluidos das paixões terrenas, como o homem poderia conhecer a vida invisível que preenche o espaço? Como ele poderia fazer uma ideia das hierarquias espirituais que se estendem até as alturas onde se senta o Incrédulo? E, todavia, é isso o que o homem mais precisa conhecer, já que é o objetivo supremo de seus esforços, a sanção de seus atos, a compensação reservada às suas provações e aos seus males.

É verdade que, pela descoberta de forças radiantes e de estados sutis da matéria, a ciência humana começou a vislumbrar a possibilidade duma vida invisível; mas, antes de analisar esse estado de vida e, por seus procedimentos e métodos atuais, de ter estabelecido suas leis e consequências morais, podem-se passar séculos! Até que nossa ciência terrestre tenha alcançado o nível das necessidades sociais, o ensino dos espíritos nos vem abrir mais vastos horizontes, introduzindo-nos às leis e harmonias da vida universal. Pouco a pouco, em todas as partes do globo, uma co-

munhão se estabelece entre os vivos e os mortos. E em breve, de toda a Terra, levantar-se-á o hino da alegria, o grito de gratidão e amor Àquele que, em sua sabedoria e providência, permitiu que essa grande revelação ocorresse no exato momento em que a humanidade parecia deslizar em direção a um abismo de trevas e dor, Àquele que dispôs todas as coisas com infinitas sabedoria, providência e arte.

Socialismo e espiritismo - II

Revista Espírita – Março de 1924

Nosso mundo, dissemos anteriormente¹, é levado por uma corrente poderosa a uma era de transformação social. O socialismo, qualquer que seja a opinião que se tenha sobre ele, que se o aprove ou que se o culpe, continuou seu caminho apesar da resistência e tornou-se uma força com a qual é preciso contar. Ele tem para si o futuro; ele triunfará talvez sob formas bem diferentes daquelas que se concebem atualmente e sua obra será pacífica ou sangrenta consoante o princípio e a ideia central que o inspirará.

No momento, os socialistas estão divididos em escolas rivais. Eles trabalham de diferentes formas para reunir os elementos necessários para fundar um novo edifício social. Mas lhes falta o essencial, o cimento que deve juntar esses elementos, a saber, a fé elevada e o espírito de sacrifício que ela inspira. Falta-lhes o poderoso ideal que aquece, fecunda e vivifica.

Para construir a cidade futura, para estabelecer a lei social definitiva, é preciso antes de tudo conhecer a lei universal do progresso e da justiça e tomá-la como guia. Pois se não conformarmos nossas obras à lei eterna das coisas, faremos apenas uma obra efêmera construída sobre a areia e que desmoronará.

Tem a ciência algo a ver com esse poderoso movimento que invade o mundo e o penetra cada vez mais? Não, é a vontade de fazer cessar, ou pelo menos de aliviar o sofrimento humano; é o intenso desejo de acabar com as iniquidades sociais que inspira o socialismo em suas várias formas.

Esse movimento, que a ciência não criou, conseguirá ela contê-lo, dirigi-

¹ Ver a *Revista Espírita* de fevereiro de 1924. (Nota original do autor.)

-lo, atribuindo-lhe o elevado propósito que deve enobrecer e idealizar seus esforços? Desse ponto de vista, a ciência atual é impotente.

Como vimos, os socialistas que se inspiram em certas teorias científicas elevaram o materialismo e o ateísmo ao nível dum princípio. Fizeram tábua rasa de qualquer esperança no além, de qualquer ideia de imortalidade, de qualquer concepção dum ideal divino, e é esse estado de espírito que o tornará estéril ou funesto. Pois, como já dizia Mazzini², o grande democrata italiano, sobre seu partido e o que se pode dizer de todos os partidos: *“Vejo ao meu redor o estado de dissolução, o individualismo que forçosamente resulta na ausência dum pensamento religioso, dum pensamento elevado; vejo nessa ausência a causa da perda temporária de nosso partido e nela encontro a explicação de todos os fenômenos que nos entristecem”*³.

Perguntar-se-me-á se esse elevado senso de justiça e solidariedade, se esse ideal superior é compatível com o conflito de interesses e a luta pela vida. Pode-se exigir do homem, em nome de princípios políticos ou direitos econômicos, que ele renuncie ao seu egoísmo, ao seu amor-próprio e ao seu forte apego aos bens materiais?

Para pôr um freio às violentas paixões, às furiosas cobiças, a todos os baixos instintos que impedem o progresso social, não basta apelar à inteligência e à razão, é preciso sobretudo falar ao coração do homem, ensiná-lo a conhecer o real propósito da vida, seus resultados, suas consequências, suas responsabilidades e suas sanções. Enquanto o homem ignorar o alcance de seus atos e seu impacto sobre seu destino, não haverá me-

² Giuseppe Mazzini foi político, jornalista e ativista pela unificação da Itália e um dos líderes do movimento revolucionário italiano, participando de inúmeros levantes e revoltas durante o séc. XIX e tendo seus esforços cooperado na criação da Itália independente e unificada. Opunha-se vigorosamente ao marxismo e ao liberalismo, tendo-se aproximado do socialismo utópico de Saint-Simon. Era um cristão fervoroso e acreditava que a união entre fé e política era fator essencial na luta por uma sociedade mais justa a ponto de pregar que o partido deveria ser também um partido religioso para lançar as bases dum catolicismo humanitário. Seu lema era *“Dio e Popolo”*, ou seja, *“Deus e Povo”*. Morreu em março de 1872.

³ Cartas íntimas. (Nota original do autor.)

lhoría duradoura no destino da humanidade. O problema social é sobretudo um problema moral, já dissemos. O homem será infeliz enquanto for mau.

E, no entanto, o povo, malgrado sua ignorância e seus erros originais, mantém-se ainda mais acessível às verdades consoladoras. Ele sofre, perde-se e às vezes se exaspera, mas vibra quando se sabe apelar aos seus generosos sentimentos. Sua educação deve-se fazer inteiramente do ponto de vista psíquico. O materialismo nele está na superfície. Há um grande trabalho a se realizar junto às massas quase incultas!

Edgar Quinet⁴ estava certo quando escreveu: *“Como não se aperceber que o problema religioso envolve o problema político e econômico e que qualquer solução desse último tem apenas o valor duma hipótese enquanto não se tiver resolvido o primeiro”*.

De fato, deve-se lembrar que é em sua fé religiosa que as comunidades cristãs do oriente e do ocidente, e na América as sociedades de *quakers*⁵, *shakers*⁶ etc., encontraram as regras de disciplina, o princípio de associação e de dedicação que asseguraram o bem-estar e a prosperidade dessas instituições e de seus adeptos.

Mas em nossa época e em nossa França, a fé religiosa não tem mais intensidade suficiente para servir de base a uma transformação social ou a uma organização econômica. Os nebulosos ensinamentos das igrejas sobre as condições da vida futura, seu estreito dogmatismo, suas ameaças

⁴ Edgar Quinet foi um historiador, intelectual e deputado francês com volumosa produção bibliográfica. Apesar de atuar, como político, ao lado dos radicais extremos, tendo participado ativamente da Revolução de 1848 na França, era contrário ao sufrágio universal, considerando tal proposta como irracional em seu princípio e perigosa em seus resultados. Morreu em março de 1875.

⁵ *Quakers* são comunidades religiosas protestantes conhecidos pela defesa do pacifismo e da vida simples, apesar das rígidas regras comunitárias; por rejeitarem qualquer organização clerical; e por viverem no recolhimento e na prática da solidariedade e da filantropia.

⁶ *Shakers* eram comunidades religiosas protestantes que surgiram a partir de cisão de comunidades *quakers* no séc. XVIII, mas que tinham como principal característica diferencial a opção pelo celibato. Os *shakers*, ao contrário dos *quakers*, desapareceram quase por completo.

pueris, relativas a punições imaginárias, tudo isso acabou semeando, mesmo entre seus fiéis, o ceticismo ou a indiferença.

Mas eis que a revelação dos espíritos vem iluminar com uma luz implacável as condições da vida no além e o destino dos seres. Por ela, a lei de reparação se impõe a todos; não mais na forma dum inferno ridículo, mas por existências terrenas que podemos observar e constatar ao nosso redor, existências de labuta, sofrimentos e provações por meio das quais o ser redime um passado culpado e conquista um futuro melhor. Assim a punição se trona clara. Cada um de nossos atos recai sobre nós e juntos constituem a trama de nosso destino. A justiça e a solidariedade encontram ali sua plena e completa aplicação. Sentimo-nos ligados a nossos semelhantes na medida dos sacrifícios que fazemos por eles, destinados a nos reencontrar, a unirem-se a nós e a nos acompanhar através de nossas incontáveis etapas nas mais variadas condições sociais, em nossa ascensão rumo a um objetivo grandioso e comum.

Os ensinamentos do além-túmulo exercem uma profunda impressão sobre aqueles que os recebem, pois na maioria das vezes emanam dos seres que conheceram e amaram na Terra, de seus próprios parentes e amigos, com provas de identidade e detalhes psicológicos que não permitem duvidar da natureza nem da presença dos manifestantes. Em suas sugestivas mensagens, descrevem suas sensações na vida do espaço, suas respectivas situações, boas ou más, conforme seus méritos e seu grau de evolução. Eles retratam o sofrimento moral causado pela lembrança das falhas cometidas e a necessidade do retorno à carne a fim de desenvolver as energias latentes do *eu*, para reparar e para evoluir. Esses ensinamentos proporcionam a todos que deles participam uma compreensão mais nítida das grandes leis divinas de justiça e harmonia que regem o universo e, como resultado, mais coragem na prova e mais determinação no dever.

À medida que tais conhecimentos se propagam, uma corrente se estabelece entre o céu e a Terra, entre os adeptos e seus protetores invisíveis; por ela ascendem as aspirações humanas e descem as forças, as assistên-

cias e as inspirações. Pouco a pouco se vê produzir em todos os participantes esse brilho da alma e essa expansão do coração, vê-se criar uma atmosfera de confiança fraternal que facilitará a solução dos inúmeros problemas sociais que o egoísmo, a ignorância e o ódio até então tornaram insolúveis. Foi isso que permitiu ao grande escritor inglês Conan Doyle⁷ escrever sobre o espiritismo: *“Recebemos nos últimos anos uma nova revelação que se distancia bastante dos maiores acontecimentos religiosos ocorridos desde a morte do Cristo, porque muda inteiramente tanto o aspecto da morte quanto o destino da humanidade. É uma revolução que nos faz encarar a morte sem medo e é para nós um imenso consolo quando aqueles que amamos passam para trás do véu”*⁸.

* * *

Na realidade, poder-se-ia dizer que o espiritismo nada mais é do que o socialismo, etéreo, baseado em regras absolutas de justiça e nas leis da consciência e da razão. Seus princípios são inescapáveis; eles mostram à humanidade o caminho do dever pelo qual alcançará a verdadeira luz e a plenitude de sua liberdade e de seus direitos. Os espíritas sabem que a obra divina representa o trabalho da justiça, da sabedoria e da beleza. Tudo age, progride e ascende do átomo a Deus. As leis da evolução são soberanas, mas em nossa Terra essa evolução não pode ser senão lenta e gradual.

Se pudéssemos ver as coisas do alto, constataríamos que essa evolução do nosso planeta segue regras fixas. Já estamos em posse de forças radiantes, de correntes de ondas que nos permitem comunicar nosso pensa-

⁷ Arthur Conan Doyle foi médico e famoso escritor escocês, muito lembrado em todo o mundo pelas histórias de sua personagem mais conhecida, o detetive Sherlock Holmes. Além de autor de inúmeros romances, contos, peças de teatro e poesias, Conan Doyle também escreveu ensaios sobre política, direito, diplomacia e sobre o espiritualismo do início do séc. XX. Entre suas obras espiritualistas estão *A nova revelação*, *O leitor espiritualista*, *Léon Denis: o mistério de Joana d'Arc* e *A história do espiritualismo*. Conan Doyle morreu em julho de 1930.

⁸ Sir Conan Doyle: *A nova revelação*, p. 139. (Nota original do autor.)

mento a qualquer distância e que abrem novos horizontes à ciência⁹.

Em breve, por processos análogos, relacionar-nos-emos com as sociedades do espaço e receberemos delas exemplos e lições.

A grande iniciação é, portanto, derramada gota a gota, para que os seres sejam dela mais bem impregnados e se submetam à regra soberana e universal do bem e do belo. Pois é no esforço que cada um deles faz para se elevar à alta concepção da beleza física e moral do mundo que reside a fonte de todos os prazeres intelectuais e o motivo de todo o progresso.

Tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista individual, a realização da lei do belo mantém-se como objetivo essencial, a regra e a recompensa dos esforços comuns. Cada um deve contribuir à sua medida para a ordem e a harmonia do todo. As almas superiores, os gênios, os artistas, os poetas, trabalhando na obra da beleza, contribuem para elevar as inteligências e tocar os corações; outros executam as tarefas mais humildes que lhes incumbem, tarefas não menos necessárias à vida de todos, enquanto se elevam a um papel mais importante e estético no universo.

É a essa lei sublime que se vincula a noção do direito e do dever de cada indivíduo de participar da ordem social em razão de seu grau de evolução. Alguns trabalham na ordem imediata para assegurar os meios duma vida transitória, outros para um propósito mais amplo na ordem futura, para preparar a evolução coletiva.

Se todos os homens estivessem imbuídos do esplendor dessas leis, se compreendessem o propósito que perseguem ao longo do tempo, associar-se-iam de todo seu coração e de toda sua alma à obra universal de beleza e harmonia, pois saberiam que, trabalhando para o todo, trabalhariam para si mesmos. Não se veriam mais tanto ódio, resistência e re-

⁹ Ver meus artigos sobre espiritismo e forças radiantes na *Revista Espírita*, de 1923. (Nota original do autor.)

volta e muitos males e sofrimentos seriam poupados à humanidade. Pois está tudo na compreensão do objetivo a alcançar e na ação dos meios adequados para realizá-lo.

É isso que a doutrina dos espíritos nos ensina, e é nisso que ela é superior às revelações precedentes e incompletas que nos deram, sobre o futuro da alma, apenas vagas indicações e pálidas descrições do paraíso adequadas ao estado pouco evoluído do pensamento humano.

* * *

Muitos leitores dessa *Revista* me perguntam o que penso da crise atual (janeiro de 1924)¹⁰. Minha opinião pessoal pouco importa e prefiro resumir aqui, a título de resposta, as instruções dadas por nossos guias espirituais sobre esse tema complexo e delicado:

As lições da guerra, dizem eles em essência, não deram os frutos que se poderiam esperar. Passado o perigo, a matéria pesou mais fortemente sobre o espírito; superexcitou os desejos e as cobiças. Como se impede esse transbordamento de paixões que nos arrasta ao abismo? Suprimindo o meio que as desencadeia: o dinheiro! Daí a crise financeira que grassa no tempo presente.

Todos vocês devem sentir-se afetados do ponto de vista social ou financeiro. Cada um deve olhar para trás, questionar o passado e medir suas próprias responsabilidades. Somente assim uma reviravolta poderá ocorrer. Por uma lei imanente e superior, qualquer capital adquirido sem es-

¹⁰ A França teve, como consequências da I Grande Guerra, significativas perdas humanas, financeiras e de infraestrutura. O período do pós-guerra até 1924, por conta desses problemas, foi marcado por forte instabilidade econômica e política, com mudanças constantes de governos e de propostas de recuperação social e econômica. A França, que contava com as reparações financeiras devidas pela Alemanha para sua recuperação, conforme disposto no Tratado de Versalhes, frustrou-se com a recusa alemã em cumprir essa parte do acordo. Sem os recursos esperados, a França, sob o governo de Poincaré, homem forte da direita francesa, voltou à guerra com a Alemanha em janeiro de 1923, num episódio conhecido como a "Ocupação do Ruhr".

crúpulo e sem trabalho desaparecerá; podem-se prever inúmeras ruínas e a quebra de vários grandes estabelecimentos.

Do ponto de vista espiritual, é preciso regenerar a massa pelo trabalho e por uma nova orientação, pois é pelo trabalho que se podem criar os objetos necessários às trocas que são as fontes vitais da existência. O que é que serve para a troca? É o dinheiro. Assim, o dinheiro, que depois da guerra perdera seu valor como resultado de sua excessiva difusão, deverá reavê-lo gradualmente em razão do esforço e do trabalho nacional. Seus vizinhos intrigam contra vocês, mas suas intrigas se voltarão contra si mesmos.

É como resultado, não da perda de vidas humanas, mas da perda de fortunas que sua população entenderá melhor a lei do trabalho e se lhe submeterá de bom grado. Ela ainda tem medo, o que é o começo da sabedoria. A crise será resolvida pelo próprio jogo de acontecimentos que do Alto se julgou útil deixar amadurecer. Espera-se ainda pela solução dessa crise por meio das lutas econômicas e políticas.

No momento, importa que cada um se volte a si mesmo; a espiritualidade os ajudará a isso. Uma nação sem ideal e sem propósito elevado logo é reduzida a pó. Doravante, os mais opostos círculos políticos devem inspirar-se por um ideal superior, um ideal que alie ao mais amplo racionalismo.

Do mesmo modo que para contemplar um afresco, um quadro, é preciso certo recuo por parte do observador, assim, para julgar nossa civilização ocidental, é preciso considerá-la do alto. Então, sob suas partes brilhantes, vê-se aparecer o longo cortejo de seus erros, de seus defeitos e de suas misérias morais. Sua maior falha é ter dado muito espaço às coisas da matéria, passageira e perecível, em detrimento do espírito, cuja vida é imortal e infinita. Daí, uma contradição com a lei suprema da evolução e, dessa contradição, resulta um estado social e uma situação conturbados, distorcidos e às vezes dolorosos.

Restituamos ao espírito sua supremacia e vejamos na matéria o que realmente ela é: um meio de ascensão e não um objetivo. Aprendamos a conhecer e a nos comunicar com esse universo invisível no qual nossos destinos se desdobram sem limites. Aprendamos a colocar nossas vibrações e nossos pensamentos em harmonia com esse mundo dos espíritos onde somos chamados a viver nossa verdadeira vida.

Cada ser humano é um pequeno polo vibratório; entre todos os homens há transmissões fluídicas, entre mundos há correntes poderosas de mesma natureza. De modo geral, há relação magnética entre todos os seres vivos e tudo se conecta a uma causa única e superior, a um centro de forças que anima todo o universo.

Pelo estudo do invisível, chegaremos a entender melhor essa comunhão de seres e mundos da qual participamos, mesmo sem nosso conhecimento. De fato, o que é a intuição, o gênio e a inspiração, senão mensagens impressionantes de cérebros em vibração; pois não estamos mais nas mesas girantes!

As relações se alargaram entre os diferentes planos da vida espiritual e de mais alto advém um ensinamento, chega-nos uma revelação que dissipa os sombrios enigmas da vida e do destino. Sentimo-nos imersos num oceano de força e vida cujos recursos são ilimitados.

A sociedade terrena, para prosseguir sua evolução, deve renunciar ao materialismo que é insuficiente e apoiar-se doravante nessa noção mais elevada das sucessivas existências do ser e duma vida universal regida por leis de equidade e harmonia.

Façamos dessas leis um princípio de educação moral e justiça social, porque por elas tudo se explica e se esclarece. De fato, é pela compreensão dessa regra essencial, aliada à noção de deveres e responsabilidades que ela contém e de sanções que ela provoca, que se revelará aos nossos olhos a grandeza e a beleza da vida. Nela se encontrará o supremo remédio para nossos males e a solução para os graves problemas do momento

presente e do futuro.

Socialismo e espiritismo - III

Revista Espírita – Abril de 1924

*“Conhece-te a ti mesmo!”*¹, dizia a sabedoria antiga; ora, o que o homem menos conhece é ele mesmo, e dessa ignorância advém a maior parte de seus erros, suas falhas e seus males. O homem moderno se interessa apenas por seu envoltório material, ou seja, pelo que há de menos essencial em nós. É através da parte sutil e imponderável de nosso ser, a que escapa aos nossos sentidos, que pertencemos a esse mundo invisível do qual saímos ao nascer, aonde retornamos na morte e que é o mundo das causas e das sanções, o único permanente e duradouro.

Essa forma invisível, impalpável, que sustenta e anima nosso corpo durante a vigília, que dele se desprende durante o sono e após a morte, é em todo momento a sede de nossa alma e de suas faculdades: consciência, razão e julgamento. Por ela, estamos ligados à ordem superior e divina e, como ela, imperecíveis.

Nela também está a fonte de intuições profundas, inspirações que iluminam todo o nosso ser quando sabemos abstrair-nos das influências materiais e dar livre desenvolvimento aos poderes ocultos em nós. Mas o homem raramente ouve as vozes que falam dentro dele, distraído que é, frequentemente, por preocupações externas.

Se soubéssemos ler o belo livro da consciência, encontraríamos nele o reflexo de todas as leis superiores. Mas as vozes da consciência e as fontes de inspiração foram sufocadas, afogadas sob o crescente fluxo de interesses e paixões materiais, o ensino dos espíritos veio restabelecer a lei moral, lembrar a todos as regras da vida aqui embaixo e no além. E por esse ensinamento a justiça apareceu-nos como a norma do universo,

¹ A expressão *“conhece-te a ti mesmo”* é a mais citada das 147 máximas délficas inscritas no pátio do Templo de Apolo, em Delfos. A autoria dessas máximas é desconhecida e essa, em particular, ficou muito famosa pelo uso feito por Sócrates em seis diálogos de Platão.

não mais a justiça humana, sempre manca, mas a justiça divina, infalível e temperada pela misericórdia.

Não mais punições eternas, mas a possibilidade, para todos os culpados, da reparação e da reabilitação pela expiação e pela dor. Não mais paraíso, inferno e purgatório que se abre ou fecha por meio de preces pagas. Nem mais o nada onde se misturam desordenadamente, sem distinção e sem amanhã, o bem e o mal, o justo e o injusto, o homicida e a vítima! E acima de tudo a certeza de que não há separação definitiva para aqueles que se amaram; a perspectiva do rever, da ascensão comum a melhores destinos e a mundos mais felizes. E também a prova que seres afetuosos, embora invisíveis, assistem-nos, protegem-nos, inspiram-nos e guiam nossos passos nas íngremes sendas da vida, a prova que nenhum de nós está sozinho, abandonado, mas que uma proteção tutelar se estende sobre todos e nos une aos nossos amigos do espaço num sentimento de confiança e amor. O espiritismo bem compreendido e bem praticado torna-se, assim, para corações sofridos e almas desoladas, uma imensa fonte de força moral e consolo.

Aqui se faz uma questão: o que é a moral? No que ela consiste? É somente uma concepção arbitrária de dever, um conjunto de preceitos estabelecidos pelo homem e que varia de acordo com o tempo e o ambiente? Não! A moral é uma das expressões da lei eterna e divina, de evolução e progresso, lei da qual é inseparável, porque encontra nela seu apoio e sua sanção.

É por isso que a moral dita positiva, separada da noção de imortalidade e da ideia de Deus, é seca e fria; não impressiona nem o coração nem o espírito e permanece estéril. É a semente lançada sobre a rocha. Tem sido essa a moral da escola laica por cerca de trinta anos, e podemos constatar os frutos ácidos na mentalidade das gerações que dela saíram. Para reagir a esse estado de espírito, pensa-se, em certos ambientes, em abrir espaço novamente à escola congregacional, mas isso seria fugir de Cila

para cair em Caríbdis².

O ensino moral deve mostrar a todos o propósito da vida, que não é a busca da felicidade, como muitos supõem, mas o aperfeiçoamento e a purificação do ser que deve sair da existência melhor do que nela entrou. Os meios de realização são o trabalho, o estudo e o esforço constante em direção ao bem.

Pela observação da lei moral, o homem se eleva; violando-a, ele se rebaixa e se diminui; autocondena-se a subir mais dolorosamente a encosta na qual escorregou.

Basta lançar um olhar ao nosso redor para ver os males, as enfermidades, os contratempos e a consequência de existências anteriores, desperdiçadas ou perdidas. Mas, como as verdades mais evidentes e mais duras, as lições da adversidade são difíceis de fazer compreender ao homem moderno cujo espírito foi distorcido por tantos séculos de erros dogmáticos.

A partir dessas considerações, conclui-se que a reforma social, para ser mais segura e mais prática, deveria começar pela autorreforma. Se cada um de nós se impusesse uma disciplina intelectual e uma regra capaz de sufocar e destruir o fundo de egoísmo e brutalidade que as eras nos legaram e toda a mórbida bagagem que trazemos ao nascer e que é a herança de nossas vidas passadas, e isso de forma a fazer nascer em nós o novo homem, a melhoria do ambiente seria rápida. Poderíamos nele estabelecer um regime, que, com ordem e liberdade, traria aos homens mais felicidade, pois acabamos de ver que a causa de todos os nossos males está dentro de nós, e bastaria superar o que há de inferior e mau em nosso ser, para nos tornarmos mais felizes. A felicidade não está fora de nós,

² Caríbdis, na tradição mitológica grega, era um monstro marinho que morava num dos lados do estreito de Messina, que separa o continente da ilha da Sicília, na Itália. Do lado oposto do estreito, residia outro monstro, Cila. Os dois, um em cada lado do estreito, representavam os perigos da navegação naquela região rochosa e cheia de redemoinhos. Para os navegantes, escapar de Cila significava, muitas vezes, sucumbir a Caríbdis e vice-versa. O mito de Cila e Caríbdis, portanto, representa dois extremos perigosos que devem ser evitados.

mas sim na forma como julgamos as coisas e em nossa atitude.

A tarefa mais urgente e mais necessária para cada um de nós seria, portanto, trabalhar a cultura do **eu**, a reforma do caráter, de modo a servir de exemplo àqueles que nos rodeiam e, pouco a pouco, à sociedade como um todo. Agindo nessa direção, entraremos plenamente nos caminhos do nosso destino, já que a educação da alma é o propósito último e o objetivo supremo de nossa imensa evolução. Colheremos os frutos imediatos de nossos esforços e enquanto negligenciarmos essa tarefa privamo-nos dos benefícios que dela resultam e das alegrias que a lei reserva a todos aqueles que muito trabalharam, muito amaram e muito sofreram.

O estado social em seu conjunto é apenas o resultado dos valores individuais, importa, portanto, acima de tudo, concentrar-se nessa luta contra nossos defeitos, nossas paixões e nossos interesses egoístas. Enquanto não se vencer o ódio, a inveja e a ignorância, não se saberá estabelecer a paz, a fraternidade e a justiça entre os homens e a solução dos problemas sociais permanecerá incerta e precária.

* * *

O estudo do ser humano nos leva assim a reconhecer que as instituições, as leis dum povo são a reprodução e a imagem fiel de seu estado de espírito e consciência e mostram o grau de civilização a que chegou. Portanto, em todas as tentativas de reformas sociais, deve-se falar ao coração do povo ao mesmo tempo que à sua inteligência e à sua razão.

A sociedade é apenas um agrupamento de almas. Para melhorar o todo, deve-se melhorar cada célula social, ou seja, cada indivíduo. Alhures, expusemos as desordens de nossa época, as misérias do nosso atormentado século e demonstramos suas principais causas. Falamos sobre o egoísmo de uns e a avidez de outros; vimos o ceticismo hedonista reinar no alto; o alcoolismo e a devassidão grassar abaixo, e, sobretudo, a ignorância do propósito da vida, a incerteza do amanhã e o desconhecimento

dos deveres mais imperiosos, numa palavra, o enfraquecimento dos caracteres e a corrupção dos costumes. Se as mentalidades se encontram distorcidas, se se minimizou o livre-arbítrio, se a força radiante do homem diminuiu, é porque a fé num ideal superior e numa causa suprema adormeceu. As belas paixões estão extintas e os atos generosos que sustentam a chama vivificante tornaram-se raros.

Mas a que serviriam as recriminações e as críticas vãs? Mais vale procurar o remédio, ou seja, os meios para criar uma sociedade mais feliz e melhor, uma sociedade onde a justiça, o direito e a moral não sejam mais meras aparências, mas realidades vividas. Onde encontrar o raio consolador que ilumina e aquece as almas aflitas, detém os desesperados sobre a rampa do suicídio e põe um freio nas paixões desordenadas que invadem o mundo?

Para isso, o mais essencial seria dar ao povo uma nova educação, baseada numa doutrina espiritualista ampla e racional. É preciso primeiramente que os pensadores que mantiveram a luz projetem sua radiação sobre seus irmãos mais sombrios, a fim de dissipar os maus fluidos que os envolvem. Então, principalmente através da escola, incutir na juventude os princípios regeneradores, pois não se forma uma sociedade pronta, deve-se começar pela infância e preparar a obra dos séculos.

É preciso haver uma concepção simples, nítida e clara da vida e do destino. Então, para coroar a educação popular, uma elevada moralidade livre de preconceitos de seitas e castas, toda impregnada de piedade humana, piedade por todos os que sofrem aqui embaixo, homens e animais; sendo esses últimos muitas vezes as vítimas inocentes da brutalidade masculina.

Inveja e ciúmes engendraram o ódio entre as classes pobres. Deve-se remover o ódio do coração humano, pois, com ele, não há paz, harmonia e felicidade possíveis. O ódio não pode ser vencido pelo ódio, dizia a sabedoria antiga; ele só pode ser vencido pela bondade, benevolência e tolerância. Não se deve cansar de lembrar aos escritores, aos inovadores,

seus deveres e suas responsabilidades. Pela pena e pela palavra eles são imensamente capazes, para o bem ou para o mal. Que eles se lembrem que seus artigos e seus discursos podem ser, para qualquer leitor ou ouvinte, uma causa de elevação ou de retrocesso. O pior papel nesse mundo consiste em trabalhar conscientemente para envenenar as almas.

É preciso mais tolerância em nossos costumes e não lançar anátema naqueles que pensam diferentemente de nós. Agrada-me reconhecer, da minha parte, que entre nossos opositores, há pessoas de mérito, dignas de consideração e estima. A nova educação deverá insistir na noção de vidas sucessivas, pois, enquanto essa grande doutrina não vier a iluminar o caminho do homem sobre a Terra, a incerteza persistirá para ele com as tentativas, os erros e todos os males que decorrem da ignorância do objetivo.

Assim como devemos desprender-nos pelo pensamento de nosso minúsculo planeta e considerar todos os mundos para vislumbrar a unidade do universo e a majestade de suas leis, é somente abarcando com um olhar o panorama de nossas existências que poderemos conhecer o elo que as conecta entre si e relacioná-las ao princípio da justiça que rege todas as coisas. Então compreenderíamos que construímos nosso próprio destino e que todos os nossos atos, bons e maus, recaem sobre nós ao longo do tempo com suas consequências. Nossa maneira de viver e agir seria assim, sem dúvida, profundamente alterada.

Mas isso é impossível por duas razões: uma moral e outra fisiológica. De acordo com a situação da maioria de nós nos degraus inferiores da escala evolutiva, nossas vidas passadas são, em geral, apenas uma trama de erros e de fraquezas, cujo conhecimento, hipnotizando-nos, paralisaria nossa iniciativa e retardaria nossos esforços.

Do ponto de vista fisiológico, nosso cérebro material é incapaz de reproduzir a memória de eventos dos quais não participou. Mas nas profundezas de nossa memória, no que está na moda chamar de subconsciente, todas as aquisições anteriores subsistem e, de lá, vêm nossas aptidões,

nossas faculdades, os traços de nosso caráter e todos os elementos de nossa personalidade; ou seja, o que há de mais essencial para realizar a tarefa de cada nova vida.

* * *

Possuímos agora nas manifestações dos espíritos inúmeras provas da sobrevivência, mas, na ausência de tais provas, basta observarmo-nos atentamente, sem preconceito, sem ideia preconcebida, para constatar que nossas necessidades intelectuais excedem os limites de nossa vida, que nossas aspirações e nossas tendências, excedem o estreito quadro da atual existência.

Em todo ser um pouco evoluído, observa-se como um reflexo, um resumo, uma síntese dos poderes universais: matéria, força e espírito; e por esses três aspectos nos sentimos ligados a esse imenso universo e ao seu propósito. As formas distintas passam e desaparecem, as forças se aprimoram e a alma permanece indestrutível.

Deve-se compreender que tudo no universo, justiça, verdade e moral, tudo se conecta e se funde num princípio único que é a lei viva do universo e se identifica em Deus. Somente quando o homem gravou essa lei em sua consciência e fez dela o motivo de suas ações que ele entra na comunhão divina e experimenta as alegrias espirituais que dela resultam.

Certamente, esse objetivo, esse resultado, está distante; é difícil de realizá-lo plenamente sobre a Terra. No entanto, todas as grandes obras são nele inspiradas, senão estariam destinadas a perecer. Os socialistas devem, portanto, adotá-lo acima de tudo, torná-lo a regra de suas tarefas e a base de suas organizações.

De fato, como se poderia vencer o mal, o erro, a injustiça no mundo se não se começar a vencê-los em si mesmo?

Essa luta, entre todas, é meritória e fecunda. A cada passo adiante, ou

seja, a cada conquista sobre suas paixões, o homem sente intensificarem-se suas forças radiantes e a influência benéfica que elas exercem sobre seus semelhantes. Pouco a pouco aprende a unir seus esforços àqueles do mundo invisível para a realização da obra comum: o aperfeiçoamento social.

Desse ponto de vista, repetimos que o socialismo teria um grande papel a desempenhar. Seria o de fazer penetrar na alma do povo o culto à beleza intelectual e moral, em formas simples, mas capazes de reagir contra esses prazeres malsãos nos quais o espírito se corrompe e o gosto se perverte. Seria o de elevar o pensamento ao ideal onde converge toda a evolução universal e às alturas onde brilham a luz, a verdade e a bondade. Pois não basta assegurar o bem-estar material, é também necessário dar ao homem a força moral que o sustentará nas provas, nos revezes e nas doenças, como diante da morte daqueles que amou.

Todas as vantagens materiais e os mais altos salários não são suficientes para preservar o homem do desânimo e do desespero em momentos dolorosos; por exemplo, quando vê descendo ao túmulo o caixão daqueles que lhe foram queridos; quando ele se sente atingido em seus sentimentos íntimos e em suas mais profundas afeições.

Não há doutrina que possa nos trazer tanto consolo e conforto quanto o novo espiritualismo, porque nos mostra que tudo sobrevive para evoluir. As almas que nos precederam no além nos guardam os tesouros de sua ternura, protegem-nos, assistem-nos nas circunstâncias difíceis e as reencontraremos um dia para percorrer juntos novas etapas ascendentes. Podemos até mesmo obter provas de sua sobrevivência e do interesse que continuam a ter por nós.

Tenho notado com frequência que o trabalho manual, para a maioria dos operários, é puramente mecânico e deixa toda a liberdade ao pensamento. Se fosse regulado, disciplinado e orientado para um objetivo elevado, poderia tornar-se um poderoso meio de aperfeiçoamento para o indivíduo e, por reflexo, para todo o ambiente, enquanto o pensamento quase

sempre flutua sobre temas pueris e vãos e, assim, perde todo o seu poder educativo e social.

Como diz a sabedoria oriental: *“Somos o que pensamos; aquele que fala e age com pensamento puro, a felicidade o segue como sua sombra”*. Mas os ocidentais não sabem regular o conjunto de suas faculdades e é por isso que a existência é frequentemente tão estéril para seu avanço. Eles vieram à Terra para crescer intelectual e moralmente e saem dela como vieram, sem preocupação com possíveis recaídas, com renascimentos em ambientes grosseiros e inferiores onde a tarefa será mais penosa e o destino mais rigoroso.

A lei da jornada de oito horas dá ao operário mais lazer para o trabalho intelectual e a cultura do eu. Que ele saiba então tirar proveito disso. Não se pode perder de vista que nossas responsabilidades se medem pela extensão de nossas liberdades e de nossos meios de ação. E isso se aplica a homens de todas as classes e condições.

É preciso que todos aprendam a libertar por vezes seu espírito dos lamaçais terrestres e a lançar seus olhares àqueles vastos horizontes onde o destino os chama, sem o quê arriscariam encontrar-se, no além-túmulo, no estado de tantos humanos despreocupados com a lei moral, ou seja, num estado prolongado de desordem, inquietude e escuridão.

Pois, nunca é demais o repetir, todo o destino do ser, as condições de sua vida futura e sua situação no além, tudo é regido por uma lei imanente que traz consigo sua própria sanção. O homem, por suas ações, faz, em si mesmo e em sua alma, a luz ou a sombra.

Essa lei imanente, que não é outra senão a lei moral, não é, portanto, o resultado duma convenção terrena, mas algo mais elevado e maior, o reflexo do pensamento divino, a forma suprema da beleza eterna. Somente por meio dela conseguimos triunfar sobre os baixos instintos e os poderes inferiores, direcionando nossas forças a um objetivo cada vez mais elevado. Por meio dela nos sentimos livres e responsáveis, verdadeira-

mente filhos de Deus, provenientes Dele e destinados a Ele retornar!

Socialismo e espiritismo - IV

Revista Espírita – Maio de 1924

A rivalidade entre os partidos às vezes desperta paixões violentas o suficiente para obscurecer as mais altas inteligências e distorcer os melhores julgamentos. Portanto, convém abordar as questões sociais com a máxima circunspecção. É preciso aproximar-se do fim duma longa trajetória, ter adquirido uma experiência madura de homens e coisas e ter-se distanciado previamente das contingências terrenas para delas falar com serena imparcialidade.

Esse é um pouco o meu caso, e é por isso que me propus a abordar essas questões com total franqueza. Recebi várias cartas sobre esse assunto que representam as mais variadas nuances de opinião, desde as mais calorosas aprovações até as críticas mais amargas. Incapaz de responder a todas, envio aos seus autores, indistintamente, amigos e adversários, aprovadores ou críticos, uma irradiação do coração, um pensamento igualmente simpático. Pedirei somente aos meus contraditores que esperem até o final dos artigos que ditei antes de me julgar e me culpar.

Em todos os tempos e em todos os círculos, a questão social tem sido o objeto das preocupações de pensadores, filósofos e políticos; deu origem a uma multiplicidade de teorias e sistemas, um caos confuso onde o pesquisador dificilmente encontra o fio de Ariadne¹ que o impedirá de se desviar.

Ainda hoje os socialistas se dividem em diversas escolas. Os alemães, em

¹ Na mitologia grega, Ariadne era a princesa de Creta e filha do rei Minos. Apaixonou-se por Teseu, mas era desejada pelo deus Dioniso. Ariadne disse que ajudaria Teseu a escapar do labirinto do Minotauro se a levasse a Atenas para se casarem. Teseu aceitou a proposta e Ariadne lhe deu uma espada e um fio de lã (o fio de Ariadne), do qual ficaria segurando numa das pontas para que ele pudesse achar a saída do labirinto. A expressão “fio de Ariadne” passou a ser usada na lógica para descrever a solução de problemas por meio de respostas óbvias.

grande número, aderiram às teorias de Karl Marx², que se inspiram num materialismo brutal e preconizam a luta de classes que logicamente resulta na ditadura do proletariado³, ou seja, o bolchevismo⁴. Ora, sabe-se o que esse regime fez com a Rússia. Voltaremos a esse assunto mais tarde.

Após os sucessos dos exércitos alemães, em Sadowa, depois em Sedan⁵, as teorias marxistas tiveram uma grande expansão. A *sozialdemokratie*⁶

² Karl Marx foi um dos maiores pensadores da história humana, além de jornalista, sociólogo, economista e historiador alemão. Autor de inúmeras obras, algumas em parceria com pensador alemão Friedrich Engels, Marx escreveu sobre economia, direito, história, filosofia e política. Dentre as mais conhecidas estão *O capital*, em três extensos volumes, *A ideologia alemã* e o *Manifesto do partido comunista*. A produção de Marx e Engels teve enorme influência na história filosófica, econômica e política subsequente. Marx morreu em março de 1883.

³ Ditadura do proletariado é uma expressão cunhada por Joseph Weydemeyer, e usada por Marx, Engels e outros pensadores, para descrever o estado na transição entre o capitalismo e o comunismo. A ditadura do proletariado se caracteriza pela radicalização do estado democrático numa sociedade dirigida pela classe trabalhadora. Nesse governo proletário e democrático de transição, não apenas o corpo dirigente do estado, mas toda direção de instituições de governo é eleita e retirada a qualquer momento por sufrágio universal. O termo ditadura é usado porque os meios de produção e os aparelhos de estado, ideológicos e repressivos, são tomados pela classe trabalhadora. O conceito de ditadura do proletariado se opõe à ditadura da burguesia, que é o estado governado por meio da democracia liberal burguesa no qual a burguesia detém os meios de produção e os aparelhos de estado, como ocorre nas sociedades ocidentais contemporâneas. Portanto, há de se ter cuidado no uso da expressão com sentido vulgar de regime autoritário.

⁴ Ver nota sobre bolchevismo no cap. *Socialismo e espiritismo - I*.

⁵ Léon Denis faz referências a duas batalhas vencidas pela antiga Prússia, atual Alemanha. A primeira, a Batalha de Sadowa, ou Batalha de Königgrätz, ocorreu em 3 de julho de 1866 no território da atual República Tcheca, e foi a batalha decisiva da Guerra Austro-Prussiana, vencida pela Prússia, e que abriu o caminho da unificação alemã. A segunda, foi a Batalha de Sedan, na Guerra Franco-Prussiana, ocorrida em 1º de setembro de 1870, próximo à cidade francesa de Sedan. A vitória prussiana estimulou ainda mais o nacionalismo alemão e foi mais um passo importante no processo de unificação da Alemanha. Para a França, a derrota significou o fim do Segundo Império e o início da Terceira República.

⁶ Léon Denis provavelmente se refere ao *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD), ou Partido Social-Democrata da Alemanha, um partido de orientação marxista, revolucionário, anticlerical e pacifista. O SPD foi fundado em 1875 como Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (SAP), mas foi em 1890 que assumiu o nome usado até hoje. Na eleição legislativa de 1912, última antes da I Grande Guerra, o SPD, apesar de continuar sendo oposição ao governo alemão, foi o partido que ocupou o maior número de cadeiras no Reichstag (34,8%). E, mesmo tendo essa força política e eleitoral, o SPD, contrário ao seu pacifismo histórico, apoiou

tornou-se suficientemente poderosa para impedir a grande guerra⁷, malgrado a promessa feita a Jaurès⁸, ela não só votou nos créditos militares demandados pelo imperador para essa guerra, como nela teve um papel pérfido e cruel. Como resultado, assumiu perante a história uma pesada e terrível responsabilidade.

Os socialistas franceses preferiram adotar as doutrinas de Fourier⁹ e Proudhon¹⁰. Seu objetivo comum é a supressão do trabalho assalariado em favor dum novo regime de propriedade no sentido coletivo, a socialização dos meios de produção e de troca. Mas assim que se intenta passar do princípio aos modos de aplicação, imediatamente, entre os unificados¹¹ como noutros grupos, as diferenças de opinião se revelam e as contradições aparecem.

o esforço de guerra alemão e adotou nesse período a política conhecida como *Burgfriedenspolitik*, ou seja, absteve-se de convocar greves e criticar o governo de então.

⁷ Referência à I Grande Guerra, ocorrida entre julho de 1914 e novembro de 1918.

⁸ Jean Jaurès dedicou seus últimos anos de vida a tentar impedir a eclosão da iminente I Grande Guerra, articulando-se com outros partidos da Internacional Operária e propondo uma greve geral europeia contra a guerra. O SPD foi um desses partidos comprometidos em não apoiar o esforço de guerra dos estados europeus, mas que cederam e optaram por votar as dotações militares exigidas por seus respectivos governos. Essa opção do SPD, citada por Léon Denis como uma traição a Jaurès, foi responsável pela divisão do SPD, e a posterior surgimento da Liga Espartaquista e fundação do Partido Comunista Alemão (KPD).

⁹ Charles Fourier foi um socialista francês conhecido como pai do cooperativismo, tendo escrito diversas obras sobre filosofia e economia cooperativa. Propôs a criação de unidades de produção e consumo chamadas de falanstérios, que eram comunidades com centenas de famílias que compartilhavam abrigo e produção baseadas numa forma de cooperativismo integral e autossuficiente. Fourier morreu em outubro de 1837.

¹⁰ Pierre-Joseph Proudhon foi filósofo, economista e deputado francês, escreveu diversas obras, sendo as mais conhecidas *O que é a propriedade?* e *Filosofia da miséria*. Conhecido como o primeiro grande ideólogo anarquista do séc. XIX, era radicalmente contrário à propriedade privada e apoiou a criação de diversas cooperativas e associações de trabalhadores. As ideias anarquistas de Proudhon muito impactaram o movimento sindical em Portugal, Rússia, Itália, Espanha e França. Proudhon morreu em janeiro de 1865.

¹¹ Provavelmente Léon Denis se refere àqueles, chamados de “unificados”, que participaram da união entre os socialistas franceses e de outros países europeus ocorrida pouco antes da eclosão da I Grande Guerra, desfeita pelas divergências surgidas diante da participação de seus respectivos estados na guerra. Essas divergências tornam-se evidentes na Conferência de Zimmerwald, na Suíça, em setembro de 1915, quando alguns partidos socialistas, como o SPD alemão e o SFIO francês são excluídos do encontro, mas alguns de seus grupos internos de oposição à direção desses partidos fazem-se presentes e representados.

É aqui sobretudo que a falta dum ideal superior que una todos os esforços e vontades se faz sentir; pois não é o materialismo em voga nesses círculos que é susceptível de o inspirar. Pelo contrário, os apetites vêm à luz e o socialismo tem servido muitas vezes como trampolim a ambiciosos desavergonhados que o usam para atingir seus fins políticos sem preocupação com os compromissos assumidos, o que muitas vezes contribuiu para desacreditá-lo na opinião geral.

Estamos, portanto, na presença de duas grandes correntes opostas, uma germânica e russa, outra ocidental. A primeira, como vimos, inspira-se por um dogmatismo estreito e brutal formado de teorias preconcebidas, sem relação com as necessidades sociais. Ela leva diretamente ao domínio exclusivo duma classe, ao terrorismo e ao nivelamento¹².

O sr. Hesnard¹³, em seu estudo bem documentado sobre *“Os partidos políticos alemães”*, observa que no Reichstag¹⁴ os socialistas, relutantes em reconhecer o Tratado de Versalhes¹⁵ e o direito da França às reparações, apoiaram todos os governos *“que se esquivaram de suas obrigações, e não é exagero afirmar que todos os partidos políticos (alemães) têm apenas um desejo, o de frustrar a paz”*.

A corrente ocidental, francesa e inglesa, é antes organizadora e construtora. Estende-se por todos os meios: sindicalismo, cooperação, participa-

¹² Ao usar a palavra *“nivellement”*, provavelmente Léon Denis se refere à proposta de nivelamento entre as classes sociais numa futura sociedade comunista, na qual não haveria mais distinção entre elas.

¹³ Oswald Hesnard foi um germanista, tradutor, diplomata francês e conselheiro da Liga das Nações. Publicou em 1923 o livro *Os partidos políticos na Alemanha* que é um panorama dos partidos alemães no princípio da década de 1920, apresentando seus programas e suas relações com o povo, as instituições e os outros partidos. Hesnard morreu em 1936.

¹⁴ *Reichstag* é como é conhecido o parlamento federal alemão, por funcionar no Palácio do Reichstag, situado no distrito de Mitte, no centro de Berlim.

¹⁵ O Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919, é o mais conhecido acordo firmado no final da I Grande Guerra entre as nações envolvidas e estabeleceu, resumidamente, que: a Alemanha era a única causadora da guerra; os alemães pagariam indenização a Inglaterra e França; o exército alemão se limitaria ao máximo de cem mil soldados; os alemães estavam proibidos de produzir armas e munições; os territórios conquistados durante a guerra seriam perdidos; e a região da Alsácia-Lorena foi reincorporada à França.

ção, mutualidade¹⁶ e seguridade social, para proporcionar aos trabalhadores de todos os tipos uma parte crescente nos benefícios da produção e no regime de propriedade. Sonha em expandir pouco a pouco essa organização e criar uma vasta internacional¹⁷ que seria a sociedade de nações viva e ativa, pacífica e mediadora.

Seu erro é crer que se pode alcançar esse resultado apenas por medidas políticas e econômicas. Muito se esquece que é preciso, acima de tudo, uma fé ardente e um elevado ideal capaz de fecundar todos os esforços; esquece-se que é preciso o espírito de dedicação e sacrifício para gerar os sentimentos de altruísmo que são o cimento necessário a qualquer edificação social.

Qualquer que seja o ponto de vista que se tenha, não se pode organizar a vida aqui embaixo sem saber quais são seu propósito e suas leis e a quais horizontes nos conduz. Um conhecimento mais amplo da vida universal e da solidariedade que une todos os seres mostrará aos socialistas que é preciso elevar-se acima dos interesses de casta e classe para realizar qualquer obra grande e duradoura.

¹⁶ Mutualidade ou mutualismo é um sistema de proteção social promovido de forma privada por meio de contribuições regulares visando a assegurar aos associados renda e assistências diversas. As associações mutualistas, que estiveram muito presentes na vida dos trabalhadores durante todo o séc. XIX e no início do séc. XX, tinham como objetivo principal fornecer proteção na ausência da previdência pública na forma de pensões, seguros, indenizações, enterros, remédios, atendimento hospitalar etc., dependendo dos recursos disponíveis das contribuições de associados.

¹⁷ Internacional é como ficaram conhecidas as uniões internacionais entre diversos partidos socialistas e comunistas na história. A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), conhecida como Primeira Internacional, surgiu em setembro de 1864 e se desfez em 1876. Foi a primeira organização de trabalhadores a ultrapassar as fronteiras nacionais, contando com membros da Europa e da América do Norte e tinha Karl Marx entre seus dirigentes. A Segunda Internacional, ou Internacional Socialista, foi fundada por iniciativa de Friedrich Engels em 1889 e não resistiu às divisões internas de comunistas e socialistas em relação à participação de seus países na I Grande Guerra, dissolvendo-se em 1916. A Terceira Internacional, ou Internacional Comunista, foi fundada por Lênin e demais bolcheviques em 1919 e durou até 1943. Outras organizações de pretensões internacionais também existiram, como a Quarta Internacional, fundada por Trótski e seguidores em seu exílio francês no ano de 1938.

Todos os partidos socialistas têm a ambição legítima de conquistar o poder e substituir os governos “burgueses”. Por meio de prolixos cartazes, prometem aos eleitores gerir os negócios públicos num espírito de ordem, economia e progresso. Mas em quase todos os lugares em que os administradores socialistas se estabeleceram, constatou-se um recrudescimento de procedimentos arbitrários e desordem nas finanças.

Nesse exato momento, crescem as reclamações em toda a Alemanha, reclamações que um jornal popular liberal resume nesses termos: *“A experiência socialista produziu resultados lastimáveis. A política partidária desperta paixões e provoca recriminações gerais. Grupos desse meio acusam os dirigentes de exercer uma autoridade de classe e colocar os interesses de seu partido acima dos do estado: por exemplo, as nomeações que fazem e que testemunham um verdadeiro nepotismo de camarilha. O ministro da Instrução Pública concede até diplomas de doutor e assim usurpa um direito que pertence apenas às faculdades. Protestos e demandas de controle, voltados às ações dos socialistas, dirigidos a Berlim, são evitados pelo chanceler”*.

Pode-se lembrar que na França, devido às municipalidades tornarem-se socialistas em várias de nossas grandes cidades, as finanças foram prejudicadas, inclusive, nalguns departamentos, pela gestão do Conselho Geral¹⁸.

Na Inglaterra, o caso de Poplar¹⁹ está na memória de todos. A administra-

¹⁸ Conselho Geral era como se chamavam as assembleias legislativas departamentais na França, atualmente chamadas de Conselho Departamental. Os membros do poder legislativo local, desses conselhos, são eleitos por sufrágio universal.

¹⁹ A Revolta de Poplar, ou Revolta das Taxas, foi um protesto contra o valor de impostos e taxas cobrados pelo governo londrino que ocorreu em Poplar, distrito de Londres, Inglaterra, em 1921, local onde grassavam o desemprego, a fome e a pobreza. A revolta foi liderada por George Lansbury, com o apoio do Conselho do Distrito de Poplar, cujos membros eram na maioria operários. O protesto desafiou o governo, os tribunais e a própria liderança do Partido Trabalhista.

ção da fazenda municipal de Leicester²⁰ não foi mais esclarecedora. É verdade que o governo trabalhista tem intenções muito louváveis e um desejo ardente de resolver os problemas difíceis que pesam sobre a situação na Europa.

Deve-se igualmente considerar a inexperiência dos socialistas, que raramente tiveram a oportunidade de adquirir o conhecimento dos negócios e da manipulação de interesses, que é a partilha das velhas classes dirigentes.

Estava nas tradições dos anglo-saxões cultivar a livre iniciativa individual e desenvolver as forças e vontades de cada um. Os socialistas franceses, por outro lado, esperam quase tudo do estado. Qual das teorias melhor responde à grande lei da evolução? A primeira não só garante a riqueza e a prosperidade das nações, mas está em conformidade com o princípio universal que conduz todos os seres ao melhor e ao bem, aumentando sem cessar os bens pessoais e coletivos.

A apropriação de todas as coisas pelo estado paralisa os laboriosos esforços, extingue a livre concorrência e o espírito de competição. A nacionalização de minas e ferrovias quase sempre resulta em déficit; pressiona por elevação de tarifas e, dessa forma, aumenta ainda mais as dificuldades da vida pública.

Na realidade, o estatismo diminui o poder das nações, sua livre expansão e sua influência no mundo. O estado nas mãos dum partido e duma classe que se apoia na força e na violência em benefício duma única fração

²⁰ Provavelmente Léon Denis faz referência às diversas ações tomadas pela administração trabalhista de Leicester, na Inglaterra, logo após o fim da guerra. Entre os anos de 1919 e 1924, a cidade sofreu, como quase toda a Europa, com o aumento significativo do desemprego e com os problemas sociais decorrentes. A municipalidade então investiu pesadamente na infraestrutura social, construindo habitações em larga escala, novas ruas e avenidas e grandes obras de esgotamento sanitário, conseguindo com isso minimizar os danos sociais do pós-guerra. Entretanto, apesar das milhares de casas construídas com dinheiro público, os habitantes eram obrigados a pagar aluguéis ao município, muitas vezes inviáveis para a massa de desempregados.

do país, como vimos na Rússia e na Hungria, resulta nos piores excessos, destrói a obra de séculos e conduz um país à ruína, ao retrocesso e à barbárie.

Se há uma nação que sofreu de paixões políticas exageradas, é a Rússia. Os estragos que nela causaram são incalculáveis. Não precisamos lembrar as convulsões a que esse país teve de se submeter nem como suas massas foram excitadas por cínicos ambiciosos que bem sabiam que, no fundo, suas teorias eram falsas, mas que as usavam como um degrau para alcançar o poder.

O governo dos soviets²¹ proclamou solenemente a supressão do capital, da propriedade individual e o nivelamento social, numa palavra o comunismo mais integral e mais rigoroso, e eis que depois de cinco anos de miséria, fome e sofrimentos cruéis para o povo, reduz-se a apelar aos capitalistas estrangeiros, a recorrer aos técnicos de todos os países, a fim de reconstruir penosamente o que se destruiu. Não se poderia sonhar com um fracasso mais completo, e essa é uma grande lição para as democracias ocidentais.

Longe de nós criticarmos os comunistas de sincera convicção que gostariam de estabelecer na Terra o regime social que provavelmente reina nos mundos superiores, onde todos trabalham por cada um e cada um por todos num espírito de abnegação e de absoluta devoção a uma causa comum. Esse regime exige qualidades morais e sentimentos de altruísmo que existem apenas como exceção em nosso mundo egoísta e atrasado.

Pode-se seguir nas teorias comunistas a parcela das generosas aspira-

²¹ Soviets, ou conselhos operários, eram organizações colegiadas russas do início do séc. XX, constituídas de membros da classe trabalhadora, que organizavam a luta trabalhista e a produção material por território ou atividade. Formaram a base do processo revolucionário russo de 1917. Os soviets se estruturavam em níveis hierárquicos distintos, até alcançar o ápice, o Congresso dos Soviets, que reunia a representação de todos os operários, soldados e camponeses da Rússia. Após a Revolução Russa, esse órgão deliberativo supremo e soberano elegia um Conselho dos Comissários do Povo que governava a união de todos os soviets, a União Soviética.

ções, mas seria fácil demonstrar que elas são prematuras e inaplicáveis à sociedade atual. Serão necessários séculos de cultura moral e educação popular para levar o espírito humano ao estado de perfeição necessário a tal ordem de coisas, e até lá a posse individual dos frutos do trabalho se manterá como estímulo indispensável, o meio de competição que assegura a ação e o equilíbrio das forças sociais.

No momento, o comunismo, como anteriormente dissemos, só é realizável no seio de grupos restritos, cuidadosamente recrutados, cujos membros são movidos por intensa fé e espírito de sacrifício.

Não se pode sonhar em estender sua aplicação a nações inteiras, a milhões de homens cuja variedade de caracteres e temperamentos tornaria laboriosos e sábios os idiotas, preguiçosos, imprevidentes e devassos. Em todo caso, não será pelo crime e pelo sangue que se poderá fundar um regime de fraternidade, solidariedade e amor!

As instituições são realmente vivas e fecundas apenas se os homens, através duma vida interior verdadeira, souberem como animá-las. Um comunismo sem ideal elevado só pode edificar-se sobre areia perpetuamente movediça. As tendências soviéticas parecem ser inseparáveis de doutrinas materialistas que não veem senão o limitado horizonte da vida presente, e fecham qualquer perspectiva ao além e à evolução superior. Resulta disso uma ausência de princípios morais e uma supressão de qualquer freio contra a desregramento, que explicam as paixões furiosas e até mesmo as atrocidades que se atribuem ao bolchevismo.

* * *

Em suma, o que caracteriza o movimento socialista oriental é a ausência de qualquer filosofia verdadeiramente humanitária e conciliadora, e as funestas consequências dessa privação aparecem a todos os olhos desprevenidos. Desse ponto de vista, a Rússia nos oferece uma dolorosa lição. Quanto à Alemanha, não temos de nos louvar por ideias que de lá vieram há mais de um século. Seja seu brutal e devastador militarismo

ou o grosseiro materialismo de Büchner²² e Moleschott²³, ou ainda aquele mais refinado, mas não menos egoísta de Nietzsche²⁴, e acima de tudo o socialismo de Karl Marx, o homem amargo e odioso cujo principal objetivo é a guerra de classes, tudo isso é desprovido de generosidade e grandeza e não resulta senão em tumulto e esmagamento de uns pelos outros.

O sr. Lucien Deslinières²⁵, conhecido por seus antecedentes socialistas, acaba de publicar um livro intitulado *Livremo-nos do marxismo*, que ele resume no *Repertório Filotécnico*²⁶ do primeiro trimestre de 1924:

²² Ludwig Büchner foi um filósofo e médico alemão que se tornou um dos expoentes do materialismo científico do séc. XIX. Escreveu várias obras sobre fisiologia, darwinismo e filosofia, nas quais afirma que a natureza é puramente física e não tem propósito, vontade, leis impostas por autoridade externa ou sanção ética sobrenatural. Morreu em abril de 1899.

²³ Jacob Moleschott foi professor, fisiologista e escritor holandês, mais conhecido por seus pontos de vista filosóficos em relação ao materialismo científico, estando no centro dos debates públicos sobre materialismo na Alemanha dos anos 1850. Defendeu em seus textos a ideia da base fisiológica da emoção e do pensamento, sendo conhecido pela afirmação “*sem fôsforo, sem pensamento*”. Morreu em maio de 1893.

²⁴ Friedrich Nietzsche foi um grande filósofo e filólogo alemão da segunda metade do séc. XIX. Sua obra marcou profundamente a filosofia do séc. XX, tendo escrito livros que se tornaram clássicos da filosofia contemporânea, como *Assim falou Zaratustra*, *Além do bem e do mal*, *Genealogia da moral* e *Ecce homo*. Sua complexa e instigante filosofia fez seguidores e contestadores em todo o espectro ideológico. Theodor Adorno resumiu a filosofia nietzscheana como a expressão do “*humano num mundo em que a humanidade se tornou uma farsa*”. Nietzsche morreu em agosto de 1900.

²⁵ Lucien Deslinières foi jornalista, escritor e socialista francês, tendo publicado diversas obras sobre socialismo. Seu percurso filosófico e político é curioso: ainda jovem lutou contra o socialismo ao lado dos republicanos; em seguida, tornou-se um socialista ativo, candidatando-se pelo Partido Operário (PO), de tendência marxista, tendo inclusive passagem pela Rússia bolchevique, quando conheceu Lênin e Trótski e ocupou cargo no governo revolucionário soviético; em novo movimento, tornou-se membro do Partido Socialista (PS), apoiando abertamente suas candidaturas e criticando o marxismo que, segundo ele, não previa com clareza nem a transição para a nova sociedade nem a sua estrutura e organização, reconectando-se ao socialismo utópico, período em que escreveu o livro *Livremo-nos do marxismo*. Morreu em abril de 1937.

²⁶ O *Communiqué du Répertoire Philotechnique*, ou Comunicação do Repertório Filotécnico, era uma publicação periódica da Sociedade Filotécnica, fundada em Paris em 1795 com o objetivo de promover “*a defesa das sólidas tradições literárias e artísticas*” da França. Todos os membros dessa sociedade eram obrigados a publicar, ao menos uma vez por ano, nesses cadernos de comunicação, trabalhos nas áreas das ciências, letras ou artes.

Durante uma estada de quase um ano (1920-1921), diz ele, na Rússia soviética, onde o marxismo é a lei, constatei que seus efeitos eram um absoluto desconhecimento dos princípios fundamentais da economia socialista e, por consequência, uma total inaptidão para qualquer obra reconstrutiva.

Uma vez essa convicção enraizada em meu espírito, não hesitei em romper com o meu partido para proclamar a verdade. Daí o meu livro e seu principal interesse está nos seguintes pontos: o marxismo, em tudo pretendendo inovar, permaneceu na rotina das ciências econômicas e sociais, que se mantêm na observação dos fatos e se recusam à procura de ideias, e, com isso, tornam-se estereis.

Antes de Karl Marx, o socialismo era profundamente simpático; graças a ele, hoje é execrado. A luta de classes é uma tática perniciosa que afasta do socialismo aqueles que seriam seus melhores elementos, sem lhe proporcionar a menor força. A classe operária por si só é incapaz de transformar a sociedade e governar o novo mundo.

É o marxismo o responsável pelo fracasso econômico da revolução russa.

O socialismo deve rejeitar tudo o que é demagogia e violência e tornar-se o partido da justiça e da razão. Ao criticar o regime atual, deve acima de tudo fornecer as bases positivas para um regime melhor.

Felizmente, nem todos os socialistas são marxistas; o sr. Ramsay MacDonald²⁷, o líder incontestado do Partido Trabalhista e primeiro-ministro da Grã-Bretanha, lembra-nos disso muito apropriadamente em seu discurso em Brighton, ao fazer o julgamento do materialismo.

Um despacho de Londres, datado de 7 de março, anuncia-nos que ele fa-

²⁷ Ramsay MacDonald foi o primeiro trabalhista a se tornar primeiro-ministro do Reino Unido, durante o reinado de Jorge V. MacDonald foi um dos três principais fundadores do Partido Trabalhista e se elegeu pela primeira vez à Câmara do Comuns, o parlamento britânico, em 1906. Durante sua ação parlamentar, tornou-se líder do seu partido entre 1911 e 1914, tendo sido derrotado em 1918 por suas posições contrárias à participação britânica na I Grande Guerra. Retornou ao Parlamento em 1922 e em 1924 tornou-se primeiro-ministro com o apoio dos liberais, tendo curto mandato de nove meses. MacDonald voltou a ser primeiro-ministro britânico em duas outras oportunidades: 1929-1931 e 1931-1935. Foi duramente criticado por outros membros do Partido Trabalhista por suas propostas liberais e contrárias aos interesses dos trabalhadores.

lou nesses termos na reunião do Conselho Nacional de Igrejas Livres²⁸: *“Eu sou um daqueles que têm fé no estado socialista. Não tenho disso vergonha nem medo. Mas há dois socialismos. Um é uma filosofia e um sistema de vida; o outro, um meio eleitoral. A ideia de classes é tóxica para o espírito social”*.

Em relação à atmosfera de recolhimento moral do domingo britânico, ele acrescenta *“que gostaria de ver uma situação da sociedade mais alinhada a essa atmosfera, melhor para a formação do caráter e a mútua disciplina, do que alinhada à do domingo francês característico da moderna necessidade de distrações”*.

Compreende-se, na sua forma cortês, o sentido crítico dessas últimas palavras dirigidas ao público francês, é que o sr. R. MacDonald não ignora que nossos socialistas perderam de vista o ideal espiritualista dos homens de 89 e 48²⁹. Deve-se admitir que muitos dentre eles atualmente adotariam de bom grado a palavra de ordem: odiar e desfrutar. A massa cega busca acima de tudo dinheiro e prazeres; ela não tem outro deus senão o lucro e nem outra regra além da ganância. O belo entusiasmo que reinou entre nós durante a guerra em todas as classes e admirava o mundo, essa união patriótica que salvou a França, cessou, por um lado, para dar lugar ao declínio, e, por outro, ao desencadeamento de cobiças. Nos momentos de decadência do Império Romano, a multidão exclamava: *“Pão e circo!”*. Em suma, ao que chegamos em nosso país e o que se passa ao nosso redor são indícios duma ruína iminente?

Após o grande exemplo de heroísmo e de sagrada união, é triste oferecer ao mundo o espetáculo de nossas divisões. Em vez de ativar as más paixões e pressionar pela luta de classes, ensinemos a todos a grande lei

²⁸ Léon Denis provavelmente se refere ao *National Council of the Evangelical Free Churches*, ou Conselho Nacional das Igrejas Evangélicas Livres, fundado em 1896, que reunia basicamente as igrejas metodista, batista e presbiteriana britânicas e que não faziam parte da igreja oficial do estado, a anglicana.

²⁹ Referências aos dois mais conhecidos processos revolucionários na França: a Revolução Francesa de 1798 e a Revolução de 1848 que culminou com a derrubada da Monarquia de Julho (1830-1848) e a criação da Segunda República (1848-1852).

que regula os destinos dos indivíduos e dos povos e faz recair sobre eles as consequências dos atos praticados.

Todos precisamos uns dos outros. Há um profundo mal-entendido entre os diferentes meios sociais. Ora, qualquer demarcação entre eles é arbitrária. Entre os “burgueses”, muitos trabalham tanto quanto os operários. O homem que possui capital e o faz render parece ocioso, mas ele presta um serviço ao seu país, pois seu capital frutificando permite-lhe empreender novas obras. Se elas falharem, a perda só afeta a ele e não à coletividade. São as classes médias que mais sofreram com a crise econômica, até mais que o operário cujos salários acompanharam o aumento do custo de vida. Alguns pequenos comerciantes tornaram-se novos ricos, mas quantos dos antigos burgueses e pequenos rentistas tornaram-se novos pobres?

O trabalho é um dever social para todos os seres em via de evolução. Isso não se acomoda à beatitude ociosa nem à passividade. Pelo contrário, a atividade do ser aumenta à medida de sua elevação. Mas a certa altura o trabalho é puramente intelectual e sem fadiga. Em nosso planeta inferior, tudo requer esforço. Aqueles que vivem ociosos aproveitando o trabalho dos outros devem lembrar-se que obrigam assim outros homens a desenvolver mais atividade no campo da produção. Todos devem participar da obra social, seja intelectual ou materialmente. A união da inteligência e do trabalho é necessária para assegurar e equilibrar a obra humana.

As recentes pretensões do socialismo, em diversos meios, de dar a supremacia ao trabalho manual sobre a inteligência conduz fatalmente a um enfraquecimento dessa última. Resulta disso uma regressão geral, uma inversão das leis e do propósito do universo que, ao contrário, dão a supremacia ao espírito sobre a matéria. É por isso que o verdadeiro ponto de partida do socialismo deve ser a educação, o ensino. O progresso intelectual e moral se realiza em primeiro lugar, o progresso material seria sua consequência inevitável.

Qualquer tarefa inteligentemente compreendida e realizada enobrece aqueles que sentem sua grandeza, e a causa socialista só teria a ganhar se, às suas reivindicações por vezes justificadas, acrescentasse essa noção de ideal espiritualista que resume todas as generosas aspirações e as esperanças da humanidade.

Socialismo e espiritismo - V

Revista Espírita – Junho de 1924

Para resolver o problema social, vimos que os teóricos nos propõem vários sistemas: coletivismo, estatismo, comunismo etc. Mas acima de todos os sistemas, coloca-se uma questão: para melhorar o destino dos seres humanos por meio duma distribuição equitativa dos bens, para acabar com os abusos e com a especulação desenfreada, para apagar os traços do que foi, ainda ontem, a exploração do homem pelo homem, bastaria recorrer a instituições, a regulamentos e a leis?

Todas as obras humanas mudam e passam. Todas as formas sociais que acabamos de enumerar foram aplicadas através dos tempos por várias civilizações, mas nenhuma resistiu à ação do tempo e ao choque das paixões. A história tem registrado as sucessivas tentativas e os esforços dos inovadores para realizar seus sonhos, sempre seguidos de fracassos reumbantes. E, de tantas vicissitudes, surge uma consideração. É que no socialismo como na política, os homens sempre recebem o que merecem; suas obras sociais estão sempre relacionadas ao estado de aperfeiçoamento que alcançaram.

Se queremos preparar um futuro melhor, comecemos primeiro por instruir o homem sobre as verdades necessárias, tornando-o mais sábio, mais esclarecido e mais senhor de si mesmo e de suas paixões.

No campo da economia social, o que prevaleceu até agora é a livre concorrência, ou seja, a luta de interesses, a rivalidade e o antagonismo. Greves se seguiram a greves, coalizões e sabotagens; os sindicatos operários se ergueram contra os sindicatos patronais e os trustes, ou seja, força contra força e seu inevitável produto, o ódio! Ora, o ódio não pode nada gerar de fecundo e duradouro. É ao coração do homem que se deve dirigir.

O que todos os benefícios materiais, a mutualidade¹, a participação nos lucros, os altos salários não puderam realizar, uma grande doutrina simples, consoladora e apaziguadora pode fazê-lo.

As reivindicações socialistas divulgaram amplamente ao trabalhador os seus direitos, mas não os seus deveres. Elas negligenciaram cultivar suas qualidades morais, desenvolver nele o espírito de ordem, de sabedoria e de previdência, e o que resultou?

O povo viu ampliar-se seu bem-estar físico, mas não está mais feliz: tornou-se mais exigente, mais insatisfeito e menos consciente. E, todavia, para mudar tudo isso, bastaria incutir em todos o amor ao trabalho e a confiança na vida, que não é, na realidade, nada além que a lenta e gradual ascensão em direção à luz e à perfeição.

Primeiramente, não há outro direito além daquele que resulta dos méritos adquiridos, dos serviços prestados e duma efetiva participação na obra da civilização e do progresso. Cada direito adquirido implica uma série de deveres correspondentes, e esses deveres são tanto mais numerosos quanto mais preciso e extenso for o direito: deveres perante a família, a pátria e a humanidade.

Logo a liberdade, esse princípio tão mal compreendido, que suscitou tantas discussões estéreis. Alguns querem uma liberdade absoluta, o que necessariamente leva à licenciosidade, ou seja, à desordem e à anarquia. Outros aderem a um vago determinismo, que faria do homem uma espécie de marionete cujos fios estariam ligados a um destino invisível. A verdade está entre esses dois extremos; está ao alcance de todos. A liberdade, ou melhor, o livre arbítrio, é proporcional ao grau de evolução do ser e aumenta à medida que ascende na escala infinita de existências e mundos.

E isso é o que há de maior e mais nobre no destino humano: a conquista

¹ Ver nota sobre mutualidade no cap. *Socialismo e espiritismo* - IV.

da liberdade pelos esforços constantes em direção ao bem, a gradual libertação de sujeições inferiores, a educação, o aperfeiçoamento da alma que prossegue, de século em século, pelo retorno à carne em vidas sucessivas, vidas de trabalho, de atividade e de elevação pelas quais o ser se desenvolve para se tornar uma força cada vez maior e desempenhar um papel cada vez mais considerável no universo. O homem é livre na medida em que coloca suas ações em harmonia com as leis universais. A fim de regenerar a ordem social, o espiritismo, o socialismo e o cristianismo devem dar as mãos; do espiritismo pode nascer o socialismo idealista. Há um interesse capital em aproximar essas três ordens de ideias. O ser deve aperfeiçoar-se desenvolvendo suas qualidades inatas e apagando os estigmas que traz de suas vidas anteriores².

O socialismo é, portanto, na realidade, apenas a aproximação de fluidos de mesma natureza, sua fusão e sua harmonia na vida humana e conforme o grau alcançado ao longo das existências percorridas. O conhecimento das leis espirituais é então indispensável para estabelecer a verdadeira natureza do ser e sua possível adaptação aos diferentes meios sociais. É necessário que cada ser possuindo uma força radiante, um poder atrativo, infunda-a por meio de vibrações naqueles em que o mesmo fluido circula mais fracamente. Isso seria o verdadeiro comunismo. O objetivo essencial é obter uma correlação direta entre os pontos de vista moral, fluídico e material.

Os grandes missionários espirituais foram, de maneiras diversas, grandes socialistas. O socialismo é a elevação da coletividade na ordem física e moral, e essa melhoria deve ser regulada pela justiça e pela razão. É por isso que deve acontecer uma fusão integral pelas trocas de força suscetíveis de paralisar as paixões e os defeitos que subsistem em nós. Sendo a vida atual apenas um estado transitório, nenhum de seus problemas pode ser logicamente resolvido se se negligencia tudo o que a condiciona no passado e o objetivo que deve atingir no futuro.

² Ver como provas da reencarnação meu livro *Problema do ser e do destino, passim*. (Nota original do autor.)

Acima de tudo, convém desenvolver o senso moral na criança e no adulto, ou seja, o elevado sentido da vida, de seus deveres, de suas responsabilidades; gravar profundamente no pensamento e no coração do ser humano essa lei imprescritível da consequência dos atos que devolve, no curso de nosso destino, todos os elementos, bons ou maus, que geramos.

A partir de então, a dignidade humana seria enaltecida e a existência assumiria um caráter mais nobre e um objetivo mais preciso; seria a construção, por nossos próprios cuidados e ao longo dos séculos, de nossa personalidade e a edificação de nosso destino. Somos o que fizemos de nós; nossa sina, feliz ou infeliz, está em nossas mãos. Assim, na sequência de nossas vidas, a ação da justiça se torna mais evidente. Tudo o que fazemos recai sobre nós, através do tempo, em alegrias ou dores. E como poderia o futuro ser melhor que o passado se continuamos a semear no presente sementes de ódio, de causas de discórdia e desunião, se o fraco continua a ser esmagado pelo forte, se tantos corações sensíveis são partidos pelo egoísmo e pela brutalidade, numa palavra, se o homem permanece cruel com o homem?

Todos os fluidos impuros causados por nossas paixões, engendrados pelas obras do mal e pelas injustiças cometidas acumulam-se silenciosamente sobre nós e, então, um dia, quando a medida estiver cheia, a tempestade irrompe na forma de flagelos e calamidades, fonte de novos sofrimentos, pois o excesso de prazeres provoca fatalmente um aumento da dor até que o equilíbrio seja restabelecido na ordem moral como ocorre na ordem física.

O abuso dos prazeres, o excesso de luxo, o alcoolismo e a devassidão se redimem pelo sofrimento, pelas privações e pela miséria. Aprendamos a ser sóbrios e comedidos em todas as coisas. O operário frequenta muito o cabaré, os cinemas realistas³ e outros lugares maléficos. Mas cabe às

³ Provavelmente Léon Denis refere-se à produção cinematográfica francesa dos anos 1910 e 1920, conhecida por sua proposta realista, que contava histórias ficcionais com elementos bastante reais, a fim de levar seu público a se envolver na trama reproduzida. Muitos desses

classes dirigentes dar o exemplo e não fazer do prazer a regra predominante de sua vida.

As catástrofes, o conjunto do que chamamos forças cegas, parecem-nos inexplicáveis apenas porque ignoramos as causas invisíveis que as produzem e que, na maioria das vezes, emanam de nós mesmos e são explicadas por nossa inferioridade e nossas violações da lei.

Mas, ao contrário, toda alma imbuída dessa lei, dessa necessidade de evoluir, sentirá a grandeza de seu papel. Em presença dessa ordem universal que sempre traz os efeitos de suas causas, diante dessa perfeição de formas e regras, compreenderá que é chamada a realizar essa perfeição em si e ao seu redor, e que para isso a infinitude de tempos e espaços lhe está aberta.

Se somente um quarto das somas que se gastam em obras de destruição e morte fosse consagrado à educação das massas e à popularização de princípios soberanos, a face do mundo mudaria rapidamente e o progresso seria mais rápido no funcionamento das obras sociais. Pelo desenvolvimento do senso moral e da evolução das inteligências, muitas causas de sofrimentos desapareceriam e a humanidade daria um passo mais seguro em direção a tempos melhores.

A guerra, dissemos anteriormente, em lugar de servir de lição foi seguida por um despertar de violentas paixões e cobiças vis. O poder corruptor do dinheiro e o florescimento do vício e do crime só aumentaram. Nem a religião, nem a ciência, nem as disciplinas sociais, nenhuma barreira pôde parar, ou apenas retardar esse vaga impura que arrasta a humanidade. Algo mais era necessário, agora que tantas instituições mostraram sua impotência.

A intervenção do mundo invisível tornou-se necessária para despertar

filmes abordavam o cotidiano do trabalhador, com suas dificuldades materiais, seus vícios e suas ambiguidades morais.

nos cérebros enevoados a noção da imortalidade e as exigências que ela acarreta. Precisava-se ser lento e gradual, para não jogar problemas nesses cérebros obscurecidos e desequilibrados. Precisava-se apoiar sobre um acúmulo de provas irrefutáveis. E isso é o que se realiza através duma ação providencial. Assim, a humanidade perdida e desnorteada recebe esse impulso do alto que a traz de volta à trilha segura, ao caminho real da alma, segundo a expressão de Platão⁴.

Diante das vastas perspectivas que se abrem, e com as quais se familiarizará pouco a pouco, o homem será obrigado a elevar seu pensamento acima das baixas contingências terrenas e a enfrentar esse objetivo, ainda distante, mas tão grandioso, que lhe é indicado.

O nome “invisível” se tornará a imensa fonte onde todos os pensadores, escritores, poetas e artistas virão para beber. Inconscientemente, a maioria dos grandes homens do passado colaborou com o invisível, mas, no futuro, essa colaboração se tornará consciente, desejada e solicitada e a obra humana será por ela fecundada e centuplicada.

* * *

Em sua análise dos versos dourados dos pitagóricos^{5,6}, o Dr. Carton⁷ em-

⁴ Platão é um dos maiores pensadores da história humana. Viveu na Grécia antiga provavelmente entre os anos 428 a.C. e 348 a.C. Escreveu diversas obras em forma de diálogos cuja personagem principal quase sempre era Sócrates, de quem era discípulo. Dentre suas muitas obras, as mais conhecidas são *Apologia de Sócrates*, *Fédon*, *Teeteto*, *Sofista*, *O banquete* e *A república*. Foi, ao lado de Sócrates, o sistematizador da tradição filosófica idealista ocidental.

⁵ Ver Doutor Carton, *A vida sábia*, Maloine, Editor. (Nota original do autor.)

⁶ Os *Versos dourados de Pitágoras* são uma série de máximas morais atribuídas a discípulos de Pitágoras, sem haver, entretanto, confirmação de autoria. Estima-se que tenham sido escritos por volta do séc. III a.C., sem também haver essa confirmação. Essas máximas estão apresentadas em 71 versos hexâmetros datílicos, estilo comum da poesia épica clássica grega e latina.

⁷ Paul Carton foi um famoso médico francês que atuou por mais de 40 anos no hospital-sanatório Limeil-Brévannes e criou em 1921 a Sociedade Naturista Francesa para a promoção da medicina natural. Sua fama adveio dos resultados no tratamento de pacientes com dieta equilibrada, hidroterapia, helioterapia e exercícios físicos ao ar livre. Publicou diversos livros

tregou-se a um estudo admirável, mas do qual devo fazer algumas reservas num ponto. Ele avalia que o conhecimento das sucessivas vidas da alma deve ser reservado apenas aos iniciados e escondido do vulgo. Pelo contrário, creio que devemos ao povo toda a verdade, sobretudo porque ela é indispensável para a educação dos seres e para a regeneração social.

Não há verdadeira moral sem crença elevada e sem sanção. A noção de vidas sucessivas, inseparável da consequência dos atos, mostra-nos a repercussão de nossos méritos e deméritos sobre o destino humano e constitui essa sanção necessária e conforme a justiça.

Na ordem social, é do interesse de todos que a lei moral seja observada, pois é a melhor garantia de nossa segurança; os atos culpáveis, os maus exemplos e os fermentos da maldade e do ódio que se lançam na humanidade alteram o presente e comprometem o futuro como o prova a lei dos renascimentos.

É em vão que se busca a felicidade na posse dos bens materiais e dos prazeres terrenos que o sopro da morte carrega. A felicidade está na alegre aceitação da lei do trabalho e do progresso e no justo cumprimento da tarefa que o destino nos impõe, da qual resulta a satisfação da consciência, único bem que podemos encontrar no além.

Por vezes respondem-me com acidez: não queremos acreditar em suas vidas sucessivas. Ao que replico: quer acreditem-nas ou não, isso nada impede de ser o que é! A formidável e inexorável lei, no entanto, permanece e é melhor se lhe submeter de bom grado, pois qualquer violação a essa lei de trabalho e evolução leva ao sofrimento. Todos devem enfrentá-la, mas aqueles que não podem explicá-la nem a compreender obtêm menos benefícios para sua depuração e seu adiantamento.

com receitas para uma vida saudável, tratados de medicina natural e reflexões metafísicas sobre a saúde, como o livro *La vie sage: commentaires sur les vers d'or des pythagoriciens*, de 1918, publicado em português com o título *Vida perfeita: comentários aos versos de ouro*. Carton morreu em outubro de 1947.

Uma crença elevada, dizemos, é necessária; não podem encontrá-la no ensino atual das igrejas que está misturado com muitos erros; não podem encontrá-la no materialismo, hoje quando a sobrevivência nos é provada por tantos fatos.

O novo espiritualismo lhes traz essa crença regeneradora. Mas se ainda não podem elevar-se a essa grandiosa concepção das coisas e das leis, creiam ao menos em si mesmos, em sua alma imortal e em suas forças escondidas que são seu dever e seu papel desenvolver, pô-las em ação a fim de ascender mais alto em direção à luz e à compreensão de tudo o que é belo, grande e poderoso no universo.

* * *

Os violentos revolucionários, que pretendem fundar a ordem social em sangue e ruínas, são apenas cegos e equivocados. A harmonia social só pode ser estabelecida com justiça, bondade e solidariedade.

O verdadeiro comunismo, por excelência, exige a doação de si mesmo, um sentimento de altruísmo levado ao ponto do sacrifício; e, como vimos, só foi praticado até agora e de forma duradoura por associações religiosas. Elas se inspiravam num ideal superior. Em seus impulsos de fé e amor, alcançavam a renúncia de si mesmas em benefício duma coletividade.

Deve-se ainda notar que essa renúncia implicava o esquecimento da família. Ora, a família é a base essencial, o eixo de toda sociedade humana: por conseguinte, tal sistema não pode generalizar-se.

A solidariedade dos seres na comunhão universal é um princípio sagrado no qual se deve inspirar toda grande obra humanitária.

Com o materialismo, a solidariedade é apenas um bem fugaz e efêmero que conecta os homens entre dois nada. Mas, pelo ensinamento dos espíritos, essa ideia de solidariedade cresce, reveste-se duma amplitude e

duma autoridade imponente. A ascensão coletiva, através de vidas que não param de renascer, une-nos estreitamente aos nossos companheiros de viagem eterna. Estamos, portanto, interessados no aperfeiçoamento moral dum ambiente ao qual devemos retornar e, consequentemente, dos seres que o habitam conosco.

A educação das almas, segundo a grande lei da evolução e as consequências do nosso passado, obriga-nos a renascer nas diferentes condições sociais, quer para nelas reparar nossos erros anteriores, quer para adquirir as qualidades inerentes a essas condições. Portanto, importa a todos trabalhar para fazer reinar nesse mundo, em todos os ambientes, ordem, justiça e harmonia. Não se eleva a si mesmo senão ajudando os outros a subir a imensa escala, trazendo para eles conhecimentos e qualidades adquiridos.

Conectados através de nossas vidas, perseguindo todos um objetivo comum, sentimo-nos unidos por laços poderosos e chegamos, ao longo do tempo, pelas perfeições alcançadas, a formar uma grande família, um grande ser coletivo cujos membros vibram em uníssono sob as radiações do pensamento e do amor divinos.

Na longa sequência de existências percorridas, na lenta e árdua ascensão das almas em direção a um objetivo sublime, mil circunstâncias nos levam a entrar em contato com outros seres, participar de sua vida, de seus esforços, de seu trabalho, de seus prazeres e de suas dores. É assim que, ao longo dos séculos, tecem-se os laços que nos unem à massa humana. Tudo o que a atinge nos afeta, tudo o que a fere nos alcança.

Perante essas perspectivas, a solidariedade nos parece muito mais ampla e poderosa do que com as pálidas teorias materialistas.

Unidos por sinais e propósitos comuns, viemos do mesmo Pai e regressaremos a Ele para viver um dia, pelos méritos adquiridos, em sua paz e em sua luz.

Diante de tais horizontes, o que se tornam as mesquinhas rivalidades, os ciúmes, os ódios e todas as miseráveis competições da Terra? Desvanecem-se para dar lugar a uma irradiação de amor que aproxima todos os homens numa fraterna harmonia.

Em consequência, o dever se apresenta mais preciso, o dever de ajudar em sua evolução os fracos, os ignorantes, os atrasados e todos aqueles que estão abaixo de nós, como outrora nos ajudaram os generosos espíritos que alcançaram as alturas da sabedoria e do conhecimento.

Socialismo e espiritismo - VI

Revista Espírita – Julho de 1924

Como temos demonstrado¹, o espiritismo pode ter uma poderosa influência na economia social e na vida pública, pois sua concepção da existência e do destino vem facilitar o desenvolvimento de todas as obras de coletividade e solidariedade.

Por esse ensinamento, o homem sente-se mais unido aos seus irmãos; ele sabe que só pode evoluir por meio deles e com eles, e daí a eclosão de ideias generosas que até então foram consideradas utopias e que agora, graças a essa noção de vida evolutiva, poderão passar ao domínio dos fatos.

É assim que o novo espiritualismo proporciona a todas as coisas um elemento regenerador. Ele ensina a amar a família e a pátria; mas, sobretudo, ele nos traz essa noção sublime da grande família humana: a fraternidade das almas, a comunhão de todos na busca dum mesmo objetivo e a lenta e gradual ascensão de todos em direção a mais luz.

Pobre humanidade sofrida, escalas penosamente o caminho da vida sob um céu frequentemente sombrio e de rajadas ora ardentes, ora gélidas! Quando penso nesse longo desfile que se desenrola nas árduas encostas com seu pesado cortejo de sofrimentos e misérias, sinto-me tomado duma imensa simpatia por todos esses companheiros da jornada terrena.

Nesse momento, não quero ver nada de teus defeitos, ó humanidade, mas somente teus méritos e teus males. Por meio século tenho trabalhado incessantemente, com a pena e a palavra, para esclarecer e consolar as almas. Incapaz de as curar, quero ao menos enviar um pensamento fraterno a todas aquelas que se curvam sob uma dura tarefa e sob o fardo de suas provações, e àquelas que, no espaço, preparam-se para renascer

¹ Ver as revistas anteriores. (Nota original do autor.)

nesse ambiente atormentado.

Dirijo esse pensamento ao mineiro enterrado no solo, ao trabalhador do campo curvado sobre seu sulco duro, ao marinheiro na tempestade, ao metalúrgico, ao fundidor, ao vidreiro que, sob o hálito ardente das fornalhas, forjam o ferro, derramam a gusa e o vidro e criam os mil objetos necessários à civilização. Não esqueço a mulher, essa mãe da humanidade; a mulher, fiel companheira de nossos trabalhos e nossas dores, que nos deu a vida à custa de seu sofrimento e que nos sustenta e nos consola nas horas difíceis.

A todos envio um pensamento fraterno, pois fraternidade é a palavra mágica, o princípio soberano que resolverá todos os problemas sociais, dissipará ódios, invejas, rancores e que, do caos das paixões, fará surgir um novo mundo.

Não é um espetáculo impressionante ver, em todos os grandes centros industriais, nas primeiras horas do dia, desenrolar-se, ao som estridente das sirenes, a longa procissão de homens, mulheres e crianças, com rostos sombrios e pálidos, que se dirigem às fábricas para retomar o trabalho monótono que lá os reterá o dia todo? Ou para ver emergir das entranhas da terra, nas regiões do norte, esses mineiros enegrecidos pelo pó de carvão a tal ponto que não se consegue mais distinguir a cor de seu rosto? Ou, ainda, nos amplos cais de nossos empórios, e sob o sol ardente, os estivadores curvando-se sob a carga?

É preciso ter aprendido cedo sobre a miséria, ter conhecido a luta pelo pão de cada dia, para entender o estado de espírito dessas multidões; para se explicar a surda irritação gestada no fundo de tantas almas amassadas e feridas pelo pesado rolo da necessidade.

Talvez haja, no vago instinto de hostilidade da maioria desses seres, apenas o legado sombrio dos séculos passados, vidas de servidão que nenhuma outra esperança iluminou além da morte.

Mas hoje o trabalhador conquistou sua liberdade e, ainda mais, sua dignidade de homem pelo seu trabalho. É por isso que a data de 1º de maio, que até então tem sido uma espécie de chamado à revolta, tornar-se-á, pouco a pouco, um símbolo de apaziguamento e reconciliação e se transformará numa festa do trabalho, consagrando a nobreza do esforço alcançado pela solidariedade de todos. E essa data é ainda mais oportuna por coincidir com o despertar da natureza, com os sorrisos e as promessas da primavera².

Por vezes se pergunta qual é o propósito de tantas vidas obscuras, atormentadas e árduas. Se se buscasse enumerar todas aquelas que ocorreram desde a origem do mundo, encontrar-se-ia na presença de números formidáveis. Por que todas essas existências, cujas cinzas são espalhadas pelo tempo por todos os ventos e das quais a memória humana não mantém nenhum vestígio? Por que tantas dores, tormentos e lágrimas? É que a vida é um cadinho onde a substância da alma se refina, onde suas partes mais duras se fundem sob o fogo das provas e onde se dá a alquimia divina.

É preciso esse lento refinamento dos séculos para fazer da alma primitiva, brutal e selvagem um ser polido, transformar o egoísmo feroz em espírito de sacrifício e fazer brotar dos pântanos terrestres as delicadas flores da sensibilidade, da piedade e da bondade.

Pobre alma humana, deves passar muitas vezes pelos alambiques terrestres para destilar teus sucos ocultos, para arredondar tuas arestas. Alma humana, tu és o enigma vivo na qual confusamente se agitam e se misturam tantas paixões e tantas vagas aspirações. Tu és capaz dos mais belos pensamentos e dos piores sentimentos: amores e ódios, grandezas e misérias, ingratidão e devoção. Mas há em ti uma força divina que tua evolução ao longo do tempo tem, precisamente, o propósito de despertar e crescer, a fim de te preparar para tarefas mais elevadas, para u'a maior

² Na França, como em todo o hemisfério norte do globo terrestre, a primavera ocorre entre o final de março e o final de junho de cada ano. Portanto, o 1º de maio nessa parte do planeta ocorre justamente durante a primavera.

participação nas obras eternas. E é esse o propósito de tua vida, de todas as tuas vidas, e é esse o papel atribuído à Terra na cadeia dos mundos.

A vida só se produz e se desenvolve pelo sofrimento. É necessário sofrer para dar à luz, ascender, crescer, depurar-se; é necessário sofrer para abrir sua alma a todas as sensações delicadas e poderosas, para iniciá-la ao conhecimento de grandes harmonias e para a preparar para as alegrias e a felicidade da vida superior. O sofrimento é a lei dos mundos inferiores, uma lei grave e austera, mas profunda em seus fins. Sem ela, não há equilíbrio moral, não há estímulo para o melhor e não há compreensão do bem e do belo.

Com frequência, nas horas de angústia, acusam-se Deus, a natureza ou o mundo inteiro, sem considerar que a fonte de nossos males está em nós mesmos. É verdade que, no domínio moral de causas e efeitos, o homem apenas vê as coisas imediatas. Seu olhar não consegue abraçar os períodos durante os quais a lenta incubação de seus erros e falhas se desenvolve, sobretudo quando provêm de suas existências anteriores e constituem a trama de seu destino.

Dissemos que a maioria desses males resulta do estado mental de nossas gerações que, por muito tempo, desviaram-se da vida reta sem preocupação com a lei do dever e com as disciplinas elevadas, e se perderam nos caminhos floridos da paixão, do egoísmo e da venalidade. Por que essa humanidade, cujo progresso é tão notável na ordem intelectual e material, permanece estacionária na ordem moral? Por que a barbárie, a crueldade e o egoísmo se manifestam em nossa época com tanta intensidade quanto em tempos remotos? Isso só o espiritismo pode-nos explicar. As almas, suficientemente evoluídas quando deixarem a Terra, viverão quase todas em mundos melhores, enquanto constantemente ascendem até nós, de planos inferiores, contingentes de almas ainda grosseiras que vêm continuar sua educação na esfera terrena. Eis por que o nível moral muda tão lentamente. Herdam-se os trabalhos de gerações passadas e não se herdam as virtudes que permanecem individuais. É por isso que se deve trabalhar acima de tudo na educação do povo se se qui-

ser melhorar o destino da humanidade.

A reforma do indivíduo deve conduzir à reforma da coletividade, de modo que todo triunfo do homem sobre si mesmo, sobre suas paixões, repercuta em seu ambiente e que os progressos do todo reajam sobre cada indivíduo. É trabalhando para a elevação dos outros que trabalhamos mais efetivamente para nos autoelevar. E, ao mesmo tempo, desenvolve-se, cresce e se afirma em nós e ao nosso redor essa noção essencial de fraternidade que nos conecta uns aos outros.

Para bem compreender a realidade e o poder dessa noção, é necessário considerá-la sob o aspecto que lhe dá o ensino dos espíritos. Já não se trata mais da fraternidade dos corpos, mas daquela das almas, que se encontram ligadas em todos os degraus de sua grandiosa evolução.

Não somente somos irmãos por nossa comunidade de origem e de propósitos, sendo todos filhos de Deus e destinados a nos unir a Ele, mas também porque somos chamados, em virtude da lei de necessidade, a percorrer juntos o imenso caminho que conduz a Ele, a aí nos encontrarmos e a nos reconhecermos por trabalhar e sofrer juntos, para que nossos caracteres se modifiquem e nossas qualidades se desenvolvam sob os sopros purificadores e regeneradores da adversidade.

No entanto, notemos que a noção de fraternidade não implica a de igualdade. Entre as doutrinas sociais em voga, essa é das mais contestáveis. Não há igualdade na natureza, nem o há também na humanidade. No além, todos os seres são hierarquizados de acordo com seu grau de adiantamento, conforme a lei da evolução. As teorias revolucionárias, que pretendem nivelar tudo por baixo, cometem simultaneamente um erro monstruoso e um crime, pois são destruidoras da obra do passado e do gigantesco esforço de séculos para criar uma civilização. Estaria mais conforme à lei universal do progresso estabelecer instituições que contribuíssem para facilitar a ascensão do homem, atribuindo-lhe um propósito cada vez mais elevado.

Sem dúvida, a obra do passado nos legou muitos abusos e imperfeições que temos o dever de corrigir, mas também introduziu na existência humana vantagens e facilidades que seria absurdo suprimi-las.

É legítimo que todos os homens aspirem ao bem-estar material, bem como às alegrias do espírito e do coração, mas acreditamos acima de tudo que é por meio da ação moral que se conseguirá melhorar nossas instituições e aperfeiçoar a ordem social.

Para dissipar os mal-entendidos que dividem nossas diferentes classes, é preciso antes de tudo viver a vida do povo, fazer contato com ele e transmitir-lhe o brilho do que há de melhor em nós, numa palavra, partilhar mais de perto suas tristezas, suas misérias e esforçar-se para nele despertar gostos mais nobres, aspirações mais elevadas e uma necessidade mais intensa de cultura intelectual. Insiste-se muito sobre os defeitos do trabalhador e não o bastante em suas qualidades do coração, que são grandes. Mesmo os mais hostis são acessíveis às boas maneiras e aos saudáveis raciocínios.

Na minha juventude, interessei-me muito pelas cooperativas operárias de produção e participei de seus trabalhos. Mais tarde, quando me dediquei à propaganda do espiritismo, dirigi-me preferencialmente às massas trabalhadoras, e posso dizer que encontrei lá mais eco do que em qualquer outro lugar.

Se se quiser saber o que pode o espiritismo sobre o público de trabalhadores, basta medir sua ampla extensão entre os mineiros da bacia de Charleroi³.

Em vez da luta de classes, trabalhemos então para sua fusão, preparando

³ Região francófona da Bélgica que, outrora rica e poderosa, construiu sua economia com base na indústria do carvão. Chegou a ser durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX a região com a maior produção de riquezas do país. Tal como muitas cidades industriais, sua sorte mudou quando a indústria do carvão entrou em declínio durante os anos 1960-70.

os materiais da cidade futura, feita de justiça e harmonia. O espiritismo nos ajudará nisso, ensinando-nos que a condição dos humildes pode voltar a ser a nossa um dia e que a alma deve renascer em diferentes ambientes para neles aperfeiçoar sua educação.

* * *

Chegado ao entardecer da vida, o homem por vezes se interroga e lança um olhar para trás sobre o longo caminho percorrido. Evoca as sombras de todos aqueles que conheceu e que o precederam no além e, ao mesmo tempo, a lembrança de boas ou más relações, tarefas cumpridas, situações ocupadas e as decepções e as vicissitudes sofridas. Percebe ainda o tênue eco das agitações do passado, do rumor das paixões, mas, devido ao recuo do tempo, apreende melhor o valor real dos seres e das coisas. Um grande apaziguamento dele se apodera e se sente mais inclinado à indulgência, ao esquecimento das ofensas e ao perdão das injúrias. Entende melhor o profundo sentido da vida e as vantagens e desvantagens que dele derivam do ponto de vista essencial de sua evolução intelectual e moral. Pois esse é o objetivo supremo da existência.

É o mesmo no espaço, mas lá, vastas perspectivas se abrem e o círculo de lembranças se amplia. O espírito evoluído vê o panorama de suas existências se desenrolar com suas alternativas de sombra e luz, as quedas e as ascensões, e sente mais intimamente a solidariedade que o conecta a todos os seres que conheceu, viajantes como ele na longa peregrinação através dos séculos.

Ele sabe que no decurso de suas vidas foi, alternadamente, rico e pobre, patrão e trabalhador, servo e senhor; que suas existências humildes e obscuras foram mais numerosas que as existências brilhantes. Deve-se primeiro aprender a obedecer para, mais tarde, aprender a comandar.

O espírito por vezes repassa em sua memória as cenas, os quadros e os tristes e doces espetáculos de suas existências terrenas, existências penosas e árduas, às quais ele deve seu estado de adiantamento.

Ó Terra, planeta sombrio e frio, mundo de desbaste e expiação, de iniciação ou resgate, ocupas um dos degraus mais baixos da escala de ascensão das almas; a matéria pesa fortemente em tua superfície, as necessidades aí são múltiplas e o trabalho esmagador. Tudo isso é necessário para conter o ardor dos jovens espíritos a quem serves como escola e morada e necessário para reprimir suas paixões, seus apetites desregrados e submetê-los à disciplina. Mas, à medida que o espírito se eleva na escala dos mundos, a matéria torna-se mais sutil, o trabalho mais fácil e as necessidades menos imperiosas. O espírito penetra no seio de sociedades mais perfeitas e felizes e lá prova os prazeres espirituais reservados às almas depuradas.

Ele reconhece a maioria dos seres que o rodeiam por ter percorrido com eles as etapas terrenas. Recorda-se da ajuda prestada, dos serviços trocados e das alegrias e das penas partilhadas, e em todas essas recordações encontra tantos elos que o relacionam a essa multidão como a uma imensa família cujo número aumentará à medida que a alma se eleva e participa duma forma mais ampla e completa na vida universal. E o espírito sente em si uma força que o impele a sempre crescer, a se desenvolver e a se aperfeiçoar. De fora, envolve-o uma atração que o leva às coisas divinas e aos cumes da sabedoria e da luz. Mas, malgrado essa atração, sente-se livre, livre em suas escolhas e suas resoluções, e ao mesmo tempo responsável. Admira essa imponente hierarquia de almas que se sucede ao infinito e que é a estrutura espiritual do universo, hierarquia baseada sobre méritos e virtudes e à qual podem aspirar todos aqueles que trabalharam muito, amaram muito e sofreram muito.

* * *

Toda obra humana, para ser bela, grandiosa e duradoura, deve ser como um reflexo, como uma imagem reduzida da obra eterna. As instituições, as regras e as leis sociais devem inspirar-se no plano geral e na ordem do universo. Ora, esse é o ponto fraco do socialismo, a causa de seus insucessos cada vez que ele quer passar de teorias e sistemas diversos a uma realização prática e a uma organização viva.

O socialismo se preocupa muito pouco com as leis superiores e com o verdadeiro objetivo da vida, que é um objetivo de evolução e aperfeiçoamento. Ele se preocupa muito com o corpo material, que é transitório, e muito pouco com o espírito, que é imortal.

Ora, como vimos, as instituições que não estão em harmonia com os princípios eternos estão destinadas a perecer. O socialismo deve, antes de tudo, reunir todas as forças e os conhecimentos de forma a dar um impulso mais vivo à evolução do homem durante sua estada na Terra. O verdadeiro socialismo consistiria, portanto, em estudar e observar as leis e harmonias universais para realizá-las, na medida do possível, no ambiente terreno, tanto na ordem física quanto nas faculdades do espírito e nas qualidades do coração. Somente quando cada indivíduo adquirir a perfeita saúde da alma e do corpo e o domínio de si mesmo e quando as coletividades tomarem plena consciência de seus deveres e seu destino é que a humanidade avançará com um passo mais seguro no caminho do bem. Até lá, terá de esperar por provações, catástrofes e males de todos os tipos, pois há correlação em todas as coisas e a desordem dos espíritos traz a desordem da natureza e da sociedade.

Objetar-se-me-á que a massa humana é ainda pouco apta à compreensão das verdades elevadas, mas ao menos cabe aos líderes do movimento assimilá-las, a fim de orientar para um propósito nobre e elevado a marcha da multidão que os segue.

Parece que o momento de renovações se aproxima. Em meio às vicissitudes de nossos tempos conturbados, produzem-se fatos significativos dos quais emerge uma grande esperança. Apesar dos males do nosso século, vê-se se manifestar por todos os lados uma vontade de viver, saber e progredir que é uma garantia segura de restauração moral e evolução humana.

Acima das sementes da decadência e da ruína, sente-se passar o sopro do espírito que suscita por todos os lados ricos empreendimentos do futuro. Apesar das causas de rivalidade e ódio que ainda dividem os povos,

vê-se se delinear uma necessidade crescente de entendimento e solidariedade que tende a uni-los em tarefas comuns.

Jamais, ao longo da história, a solidariedade na provação, no luto e no sofrimento apareceu duma forma tão intensa. A cruel guerra mundial abriu muitas almas para novos sentimentos e a dor tornou-se uma promessa de renovação.

Todos aqueles que foram dilacerados pela angústia, pela incerteza do amanhã e pela perda de entes queridos sentiram a necessidade duma situação que poupasse às gerações o retorno de males semelhantes. Essa necessidade de solidariedade passou da teoria à ação. Ela engendra obras que reúnem os representantes de povos, sociedades, corporações e de todas as associações humanas, e isso é apenas um reflexo, uma repercussão dessa imensa solidariedade que une todos os poderes do espaço e empurra todas as forças sociais da nossa Terra para um período de transformação.

A imensa multidão de vítimas da guerra paira sobre nós. Ela não permanece inativa, trabalha de mil maneiras, com a ajuda de espíritos superiores, para multiplicar os laços que unem o céu e a terra. E eis que uma comunhão mais estreita se estabelece entre aqueles que ainda estão sob o jugo da carne e aqueles que dele estão libertos.

Do alto, correntes de força, inspirações e socorros fluídicos se derramam sobre a humanidade. Uma nova revelação se espalha por todos os pontos do globo, uma poderosa revelação que levará a vida planetária a horizontes mais bem iluminados pela sabedoria e pela luz divina.

Socialismo e espiritismo - VII

Revista Espírita – Agosto de 1924

Os acontecimentos¹ que se desenrolaram por vários meses suscitaram muitos comentários e perturbaram muitos espíritos. A fim de permanecer no círculo de preocupações do momento, que se nos permita, dessa vez, deixar nosso assunto habitual em suspenso para considerar do alto a questão política e social, como se a julgássemos do espaço.

Do ponto de vista da evolução, estamos num ponto de virada brusca após o qual teremos que encontrar a estrada segura. Toda sociedade é regida por princípios que, sob a ação do tempo, assumem novos aspectos. Os recentes movimentos políticos, dizem-nos, são provocados por reencontrados que já desempenharam um papel importante em épocas revolucionárias, seja na França ou no estrangeiro, porque o espírito não é forçado a renascer no mesmo país.

A França, durante séculos, representou no mundo as grandes tradições históricas; essa tradição, que era monarquista, foi quebrada pela Revolução. Hoje, é necessário reconstituir o prestígio da França por meio duma nova direção inspirada num ideal superior.

Já se pode prever que o espiritismo, de mãos dadas com a ciência, tornar-se-á no futuro a base de doutrinas religiosas chamadas a substituir os dogmas ultrapassados. Esses adaptaram-se à mentalidade dos tempos em que foram estabelecidos, mas não mais respondem às necessidades da humanidade em marcha.

Por conta de meus artigos precedentes, colocaram-me entre os socialistas. Mas, tive o cuidado de o dizer, não aceito o socialismo sem a doutri-

¹ A França viveu, desde o fim da I Grande Guerra, momentos de instabilidade política. O ano de 1924 foi ainda mais conturbado, pois houve grande disputa entre direita e esquerda pelos votos dos franceses e mudanças na formação do governo, levando a França a ter no ano dois presidentes e três primeiros-ministros.

na espiritualista que o tempera, adoça-o e remove-lhe todo o caráter da amarga violência. Reprovo o socialismo materialista que semeia o ódio entre os homens e, conseqüentemente, permanece infecundo e destrutivo, como se viu na Rússia. Sou um evolucionista e não um revolucionário.

Creio dever deixar a palavra aos nossos guias e protetores invisíveis, muitos dos quais participaram da liderança política do século passado; um deles nos diz:

Vossa época tem uma grande importância. Vossos políticos, em geral, veem apenas o sentido prático e bastante material, a razão e o interesse são seus guias, e isso, em grande medida, é o que constitui a política das esquerdas. Mas isso está longe de ser suficiente para assegurar a vida intelectual e moral duma grande nação. Será forçosamente necessário recorrer, cedo ou tarde, às doutrinas espiritualistas para dar a essa política toda a sua grandeza e seu alcance.

A mudança da frente² causou alguma surpresa, mas a política do vosso antigo ministério³ parecia reviver velhas tendências que não podiam oferecer o sumo necessário à obra do progresso.

Teríamos preferido que a mudança da frente se fizesse primeiro no terreno filosófico, porque, assim, o socialismo seria iluminado por uma luz mais viva e pura. Será mais difícil beneficiar as instituições humanas com a irradiação superior que deveria tê-las inspirado em primeiro lugar. Tal é o nosso sentimento do ponto de vista psíquico; agora, do ponto de vista prático, desçamos à arena e descubramos o que aconteceu.

² Provavelmente o autor espiritual se refere nessa mensagem às mudanças na frente do governo entre maio e junho de 1924, mudanças de presidente e de primeiro-ministro franceses, quando a esquerda, liderada pela SFIO (Seção Francesa da Internacional Operária) e pelo Partido Republicano, Radical e Radical-Socialista, conhecido como Partido Radical, venceu as eleições parlamentares de maio de 1924 e passou a exigir a renúncia do então presidente Alexandre Millerand. A direita buscou convencer Millerand a dar um golpe de estado, mas ele não aceitou e renunciou ao cargo no dia 11 de junho. Tendo a maioria no parlamento, a centro-esquerda venceu as eleições presidenciais indiretas de 13 de junho, saindo vitorioso o ex-ministro das relações exteriores e presidente do Senado Gaston Doumergue, do Partido Radical.

³ Entendida a “mudança da frente” como a mudança no governo francês ocorrida em junho de 1924, o “antigo ministério” provavelmente se refere ao gabinete de Alexandre Millerand, cujo primeiro-ministro era Raymond Poincaré.

Os homens políticos que queriam reviver as instituições do passado se depararam com forças poderosas, livres de toda preocupação conservadora e animadas pelo desejo de renovação. Qual será o resultado? Vós assistireis a lutas e rupturas, das quais nascerá, daqui a algum tempo, um novo partido.

O golpe de estado constitucional pode ter parecido um choque, mas do choque irrompe a faísca. Embora lamentando que a evolução não parta dum ideal superior, não podemos, do espaço, impedir que as ideias sigam seu curso. Contudo, correntes de ondas são-vos enviadas de mundos mais evoluídos, para que vossas vistas se movam em direção ao futuro e que vossos líderes venham a compreender a existência da vida universal e suas leis.

Do espaço, trabalha-se para ampliar as concepções dos homens de direita e para moderar os impulsos exuberantes dos extremistas. É preciso saber esperar sem muito otimismo e preparar de forma ordenada e racional o desabrochar de novos princípios.

Outra mensagem (16 de maio de 1924). Após as eleições⁴:

A vontade soberana do povo decidiu que dois grandes princípios devem inspirar a liderança política do vosso país no exterior e internamente. Se os cérebros dos homens políticos se impregnarem das forças do espaço, deles poderá resultar algum bem. Devemos assegurar para isso que espíritos sábios intuem vossos estadistas.

Quando os recém-eleitos se depararem com a realidade, primeiro deverão constituir u'a maioria mais à esquerda. Se ela não for composta de homens conscienciosos, apaixonados por liberdade e independência, ela levará a uma política de estagnação.

É necessário um novo espírito, comparável a um vinho generoso, que derrame nas veias do povo um ardor maior e um desejo de seguir em frente.

Do ponto de vista científico, veem-se surgir novas teorias e a política deve seguir um movimento paralelo. A nova maioria se inspirará nas doutrinas socialistas nos limites da justiça, do bom senso e da razão.

⁴ As eleições legislativas francesas de 1924 ocorreram entre 11 e 25 de maio. Nos departamentos próximos à Paris, na região administrativa Île-de-France, a eleição ocorreu especificamente no dia 11 de maio. Outros departamentos só terminaram o processo eleitoral durante o período até o dia 25. Então, provavelmente, Léon Denis, ao dizer “*após as eleições*” para uma mensagem de 16 de maio, refere-se ao processo eleitoral específico de Paris.

Face aos novos fenômenos científicos, é necessário apresentar fatos políticos do mesmo tipo. O pensamento evoluiu. Se muito ardente, desviar-vos-ia. É preciso, para vos fazer viver, moralmente falando, certo ímpeto que vos ajude a ascender à vida superior.

Choques ocorrerão no reinício das Câmaras⁵, os republicanos se encontrarão frente a frente com os socialistas, e, esses, em desacordo com os comunistas. A princípio, a composição será trabalhosa. Quando os futuros governantes tiverem de decidir sobre os problemas a serem resolvidos, sua inclinação os levará a soluções pacíficas.

Quatro anos de legislação é pouco se, nesse lapso de tempo, a nova política cometer alguns erros, a opinião pública voltará atrás. Hoje, a política de arbitragem parece prevalecer no mundo sobre a da luva de ferro.

Para que vossa terra evolua e o homem possa ascender a outro planeta, será necessário renunciar às ideias militaristas. Uma nova era psíquica se prepara para vós. Sugestões apropriadas se produzirão, e não haverá outra guerra por quatro anos. P.⁶ deu espaço às críticas daqueles que se recusaram a voltar ao passado. Deveis inspirar-vos nas instituições do futuro e não naquelas do passado.

A primeira medida será reforçar o espírito laico e introduzir na educação esse ideal de beleza que, associando-se às doutrinas políticas, morais e científicas, criará um impulso rumo à espiritualidade que não deverá jamais se enfraquecer.

Nos séculos anteriores, a religião foi necessária. A espiritualidade simples andava junto ao ambiente científico recém-nascido, mas agora o vão se aprofunda. As ondas fluídicas que vos envolvem refinam o pensamento. Dizei a todos que o culto à beleza e ao ideal pode por si só conduzir a humanidade a uma compreensão mais ampla da vida universal.

⁵ *Chambres*, ou Câmeras, são as duas casas do parlamento francês. A Câmara Alta, ou Senado, e a Câmara Baixa, ou Assembleia Nacional. Quando se reúnem conjuntamente, são chamadas de Congresso da França.

⁶ Provavelmente o autor espiritual se refere a Raymond Poincaré, que foi o primeiro-ministro do governo francês derrotado nas eleições parlamentares de maio de 1924, e que era conhecido como “*Poincaré-la-Guerre*” por sua postura sempre agressiva e militarista, tendo ordenado, em 1923, a invasão da Alemanha, episódio conhecido como “*Ocupação do Ruhr*”, para forçá-la a pagar à França as reparações devidas pela I Grande Guerra. Poincaré morreu em outubro de 1934.

Outra mensagem (30 de maio de 1924):

A França nesse momento vê desenrolar-se um período instável que deve durar algum tempo. Assistireis a confrontos, mudanças de ministério, sobressaltos políticos e alianças partidárias que vos surpreenderão, depois a tempestade se acalmará e nascerá no seio das duas assembleias um novo partido, que formará u'a maioria mais estável e trará de volta um período relativamente pacífico.

De vosso antigo presidente do Conselho⁷, aprecio a lealdade, seu amor pelo país e sua facilidade de trabalho, mas o que lhe falta é uma espécie de intuição que lhe indique que certas possibilidades têm limites. Às vezes é necessário fazer concessões para recuperar o terreno perdido na luta política; ele compreenderá seu erro e um dia retomará a tarefa que começou. Num regime republicano, não deve ser o mesmo homem a governar constantemente, pois a natureza humana não pode exteriorizar todas as qualidades necessárias.

Não concordo completamente com os homens políticos que assumirão o poder. Gostaria de aliar um ideal superior às ideias políticas e humanas. Os políticos atuais recorrem ao seu eu consciente. Os governos que se sucederão são necessários para exercer uma compressão entre os partidos de esquerda e os de direita. Eles pegarão da esquerda o que pode ser levado à vossa sociedade atual.

Creio que os homens que serão chamados ao governo serão forçados a circunscrever seu programa num círculo mais estreito.

Do espaço, posso dizer-vos que, para a estabilidade da França e do mundo, é necessário aliar as teorias humanitárias às teorias racionais e positivas. No dia em que vossa liderança política estiver estabilizada, vossa ciência terá funcionado, vossos cérebros estarão mais aptos a compreender que uma nova espiritualidade deve eclodir e que a humanidade deve impregnar-se de racionalismo.

Projetamos radiações suscetíveis de dar forças evolutivas necessárias para e-

⁷ Aqui o autor espiritual parece referir-se a Aristide Briand. Esse político francês fez-se fortemente presente na política francesa entre as décadas de 1900 e 1930, dedicando-se principalmente à política externa. Briand, socialista e pacifista, foi presidente do Conselho em onze oportunidades, ministro de diferentes pastas em governos diversos por 26 vezes e também deputado da região do Loire por 27 anos. É interessante notar que a mensagem de 1924 diz que “um dia retomará a tarefa que começou” e curiosamente Briand, após deixar o governo em janeiro de 1922, retoma o cargo de primeiro-ministro em novembro de 1925, tendo nesse novo período seu maior feito biográfico: o Tratado de Locarno, que lhe trouxe o Prêmio Nobel da Paz em 1926. Briand morreu em março de 1932.

quilibrar os cérebros de homens políticos, a fim de conduzir a um período de paz.

Mensagem de 11 de julho:

Do ponto de vista psíquico, a situação europeia deve clarear-se. Do espaço, não podemos analisar cada pensamento humano do ponto de vista político, visto que tudo se traduz em mais ou menos pureza, em cores mais ou menos claras e densidades fluídicas variadas.

Quando lançamos um olhar sobre as diversas regiões do vosso planeta, vemos se as lutas são mais ou menos violentas. Nesse momento, trata-se de circunscrever um foco representando os apetites e o espírito de dominação de vosso inimigo de 1914⁸. Dois meios estão à vossa disposição: desfazer os fluidos malignos por uma vontade inabalável ou dissolvê-los projetando nesses fluidos outros fluidos mais etéreos, cuja natureza estará relacionada à elevação da consciência e ao sentimento de justiça. Eis como se apresenta o mapa psíquico do vosso campo de batalha político.

França e Inglaterra poderiam, se quisessem, combinar seus esforços para comprimir o círculo adversário. Seria preciso pouco para isso, mas esse pouco é difícil de se realizar. A fé inglesa carece de sinceridade; é acompanhada duma segunda intenção. Embora desejando evitar uma nova guerra com a Alemanha, ela aspira ao domínio do mundo ditando a todos suas vontades.

Na França, o ideal nacional não é suficientemente aliado ao ideal de justiça e equidade. O que nos impede de agir do espaço é que forças opostas suscitam aí incessantes controvérsias.

Seria necessário que o egoísmo inglês desse lugar a um sentimento de justiça que se fundisse fluidicamente com as emanações idealistas francesas, as quais se quebram pela lógica demasiado implacável de vossos aliados.

Três forças estão, portanto, presentes: a força brutal alemã, o incompleto ideal francês e o egoísmo e a lógica inglesa excessivamente puritana.

⁸ O inimigo da França na I Grande Guerra, ocorrida entre julho de 1914 e novembro de 1918, foi a Tríplice Aliança, composta de Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, com o apoio do Império Otomano, sendo que a Itália abandonou a aliança ainda em 1914, no início da guerra; e seus aliados na Tríplice Entente eram Reino Unido e Rússia, com entrada tardia dos Estados Unidos em 1917.

As conferências entre os dois primeiros-ministros não alcançaram um grande resultado. Na Inglaterra, há interesses alemães e objetivos financeiros em jogo.

Do alto, deseja-se que surjam em vosso país homens honestos e íntegros, com um ideal formado de amor ao país e à justiça social. Vós os possuíis, mas em feixes separados.

O ideal espírita crescerá, mas antes que vossos feixes radiantes se juntem aos nossos, a tempestade moral deve ser acalmada.

* * *

O que posso acrescentar à visão clara desses grandes espíritos que desempenharam, todos, um importante papel político durante a sua última estada terrena? Como eles, sou republicano, não que considere nossa República o mais perfeito dos governos. Nesse ponto, compartilho das opiniões de Montesquieu⁹, que escreveu que a República requer sabedoria e virtude. Faltam à nossa, como o dizem os guias, o ideal superior e a tradição moral que faz a grandeza e a dignidade das nações.

A rigor, eu me acomodaria, como tantos outros, numa monarquia constitucional se soubesse que ela poderia dar mais paz e felicidade ao meu país. Mas creio impossível uma restauração desse gênero, pois estão ausentes os elementos necessários a seu sucesso, ou seja, o respeito à autoridade, o sentimento de hierarquia e o gosto pela disciplina.

Sou pela democracia, que, por si só, parece-me capaz de garantir a pacificação e a aproximação entre os povos. Os estados despóticos e a política dos soberanos tendem naturalmente a usar a força para ampliar seu poder, enquanto as democracias, nas quais todos os cidadãos eleitos devem pronunciar-se sobre as questões graves, são pouco favoráveis à guerra, que, longe de render, arruína os povos. Assim, em nossa época,

⁹ Charles-Louis de Secondat, ou Barão de Montesquieu, foi um grande pensador francês do séc. XVIII, proponente da hoje quase universal separação entre os poderes nos estados ocidentais. Dentre suas obras mais conhecidas estão *Cartas persas* e *O espírito das leis*. Morreu em fevereiro de 1755.

busca-se criar instituições suficientemente sábias e poderosas para resolver pela arbitragem os conflitos entre as nações.

Recordemos aqui que as duas repúblicas mais antigas do mundo, a Suíça e os Estados Unidos, em suas obras fundamentais, inspiram-se num ideal comum que, na origem, assumiu um caráter sagrado. O Juramento de *Rütli*¹⁰ e o dos emigrantes do *Mayflower*¹¹ uniram os signatários num vínculo federal sancionado por uma fé espiritualista e por uma prece a Deus.

Esses sentimentos persistiram e ainda fazem a grandeza desses povos que, muitas vezes, souberam reagir contra as intromissões da política utilitária e materialista que tende a invadir o mundo. A França também teve seus momentos de idealismo e espiritualidade. A Declaração dos Direitos do Homem¹² e as publicações de 1848¹³ disso dão um testemunho irrecusável. Mas hoje ela parece ter esquecido esse ideal superior que faz o prestígio das obras humanas. A última guerra alterou muitos caracteres e consciências e desencadeou apetites e cobiças sem limites.

¹⁰ Rütli, ou Grütli em francês, é uma pradaria suíça onde teria ocorrido, segundo uma lenda local, entre o final do séc. XIII e início do séc. XIV, o juramento, ou pacto, entre os homens livres dos vales de Uri, de Schwyz e de Unterwalden que deu origem à federação suíça. No mitológico juramento, há referência explícita à proteção divina para a federação pactuada.

¹¹ *Mayflower* é o nome do navio que transportou em 1620 peregrinos da Inglaterra ao Cabo Cod, no atual estado do Massachusetts, Estados Unidos. Antes do desembarque nas novas terras, os colonos, puritanos separatistas em busca da liberdade religiosa não permitida na Inglaterra anglicana do séc. XVII, decidiram elaborar um documento, já que ali ainda não havia leis estabelecidas, no qual concordavam em seguir as regras propostas a fim de possibilitar a harmonia e a sobrevivência de todos. Esse documento, que se inicia afirmando ser “*Em nome de Deus*”, traz, dentre outros, o seguinte objetivo: “*efetuado para a glória de Deus e o avanço da fé cristã*”.

¹² A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte da França em 26 de agosto de 1789, no bojo dos acontecimentos da Revolução Francesa e apenas seis semanas depois da queda da Bastilha. Esse documento, que contém um preâmbulo e dezessete artigos, é um marco na história dos direitos humanos.

¹³ O ano de 1848 na França foi marcado pelas revoluções de fevereiro e junho, que foram o eco das disputas sangrentas entre a burguesia e os trabalhadores franceses naquele período e as responsáveis pelo início da Segunda República. Sobre “*as publicações de 1848*”, provavelmente Léon Denis se referiu aos textos legais que garantiram direitos aos trabalhadores como o sufrágio universal masculino, a redução da jornada diária de trabalho de 12 para 10 horas e a criação das fábricas com capital estatal e dirigidas por operários, chamadas de “*ateliers nationaux*”.

Antigamente, conheciam-se duas formas de satisfazer as necessidades da vida: adquirir riquezas ou restringir bastante as necessidades, vivendo com economia. Essa última, embora a mais segura, caiu em desuso. Quer-se possuir a todo custo. As necessidades se multiplicaram a ponto de tornar a luta pela vida mais amarga e mais tirânica. Também o trabalho e a tarefa cotidiana, que outrora se cumpria com alegria, entusiasmo e bom humor, o trabalho —embora bem aliviado— tornou-se para muitos uma coação, um jugo que dificilmente se suporta.

Ignora-se que multiplicando as falsas necessidades e atijando os desejos, prepara-se o infortúnio do ser, não só na Terra, mas também na vida do espaço, pois, se as necessidades desaparecem com o corpo, os desejos, que são do espírito, persistem com ele e as privações se fazem sentir no além onde a matéria não tem mais império. A ausência de coisas que muito amamos torna-se uma causa de sofrimento.

Para todos esses males, qual será o remédio? Só se pode encontrar numa renovação do espírito e do coração, ou seja, numa educação nacional que explique ao homem a razão de sua presença e sua passagem pela Terra. A que serve, pois, conquistar os ares, as águas e todos os poderes materiais, se o homem não aprende a se conhecer e a discernir o propósito de sua vida. E se o remédio não estiver no estudo e na ciência, ele virá pela prova, porque as causas amargas são as mais eficazes para o progresso e a purificação do ser.

Mas agora começa, em estreita colaboração com o mundo invisível, uma nova fase da evolução humana. É através dos esforços reunidos dos habitantes da Terra e do espaço que se dissiparão as trevas e se curarão os males que pesam ainda sobre a humanidade.

Socialismo e espiritismo - VIII

Revista Espírita – Outubro de 1924

Se se considerar a obra da Terceira República¹, abstraindo as críticas que ela possa comportar, não se poderia ignorar o grande esforço social que realizou, esforço do qual resultam consideráveis vantagens em benefício da massa de trabalhadores. Essas vantagens se resumem da seguinte forma: garantias sociais, aposentadorias de operários, participação nos lucros dum grande número de indústrias e proteção de cooperativas e da mutualidade² em todas as suas formas. Além disso, os serviços de colocação de mão de obra foram estabelecidos em toda a França, 160.000 trabalhadores já se tinham beneficiado deles em 1916. Esse número subiu para 1.200.000 em 1923.

O Ministério do Trabalho acaba de publicar um resumo muito sugestivo das reformas realizadas no domínio que lhe é atribuído. Nele se assinalam tentativas ousadas e transformações decisivas no trabalho social. O papel desse ministério é duma importância capital; consiste em assegurar a produção nacional, regular o mercado de trabalho, resolver as greves e apaziguar os conflitos. Graças à sua intervenção, a França, que contava com mais de 120.000 desempregados em abril de 1911, tinha apenas 1.500 em 1923. Criou, para isso, os trabalhos “ditos de auxílio”³ e pa-

¹ Período da história francesa que foi de setembro de 1870 a julho de 1940. O fim da Terceira República se deu quando a Alemanha invadiu a França na II Grande Guerra e instalou um governo fantoche no país, conhecido como a “França de Vichy”. Os franceses dividem sua história republicana em cinco períodos distintos: Primeira República (1792-1804); Segunda República (1848-1852); Terceira República (1870-1940); Quarta República (1946-1958); e Quinta República (1958-presente). Entre esses períodos, os franceses viveram sob três monarquias constitucionais (1791-1792, 1814-1830 e 1830-1848), dois impérios (1804-1814 e 1852-1870), a “França de Vichy” (1940-1944) e um governo provisório no pós-guerra (1944-1946).

² Ver nota sobre mutualidade no cap. *Socialismo e espiritismo - IV*.

³ Os “*travaux de secours*”, ou trabalhos de auxílio, são, de forma geral, contratos de trabalho precários e temporários e têm três funções básicas: permitir a maior exploração do trabalho, obstruindo direitos e garantias; ajudar os desempregados a se reinserirem no mercado de trabalho, dando-lhes novas experiência e capacitação profissionais; e servir para mascarar o

gou subvenções consideráveis aos fundos de desemprego criados pelos sindicatos.

O direito de greve é legítimo, é a arma do trabalhador contra as pretensões exageradas dos capitalistas, dos chefes da indústria. Mas é uma faca de dois gumes que por vezes se volta contra aquele que a usa e o fere. Além disso, a greve prolongada pode paralisar toda a vida econômica de um país e causar privações e sofrimentos cruéis a todo um povo, sem distinção de classes.

É então que a ação do estado pode ser efetiva, não se impondo como árbitro obrigatório, mas fazendo com que todos entendam, pela boca de seus representantes, as palavras de apaziguamento e conciliação e buscando com os interessados, num espírito de equidade, os meios para prosseguir a obra pacífica e fecunda do trabalho. Por exemplo, em 1922, houve 679 greves, envolvendo mais de 40.000 trabalhadores e arbitradas com sucesso.

Por outro lado, a cooperação em todas as suas formas levou a um grande desenvolvimento e tornou-se um recurso precioso para suavizar as condições da existência do trabalhador e de sua família. O número de cooperativas de consumo elevou-se a 4.910 em 1920, com 2.500.000 associados e um orçamento de 2 bilhões⁴.

É assim que durante meio século vemos desenrolar-se a obra social numa forma lenta, é verdade, mas segura e contínua; obra de paciência e de

número de desempregados no país, contando entre os empregados aqueles com menos direitos e maior instabilidade. Similarmente, na França, existem hoje os "*contrats aidés*", que são contratos trabalhistas que contam com a ajuda do governo ao capital por meio da desoneração do custo do trabalho.

⁴ Léon Denis se refere certamente ao valor em francos. Houve, no pós-guerra, entre os anos 1919 e 1927, uma grave crise econômica na França. Como resultado, a moeda francesa, o franco, desvalorizou-se fortemente perante outras moedas, como a libra e o dólar, e a inflação se fez presente no cotidiano francês. Para servir de referência, uma libra, que em 1919 comprava cerca de 25 francos, chegou a comprar 100 francos em 1924 e 200 francos na metade de 1926.

grande fôlego, muito mais eficaz em seus efeitos do que as revoluções violentas que provocam fatalmente reações não menos violentas e colocam tudo em questão.

Malgrado todas essas melhorias, o povo permanece descontente, a classe operária parece desdenhar da realização gradual e metódica dos progressos sociais e uma espécie de amargura persiste em muitos, e ainda assim a situação material do operário tornou-se, em geral, preferível àquela da pequena burguesia.

Por que o povo permanece desafiador e, por vezes, hostil? É que ele foi por muito tempo enganado, abusado e até traído no passado. O povo tornou-se incrédulo, não só em relação a dogmas, mas também acerca de promessas eleitorais: contudo não é cético. O que ele demanda acima de tudo é justiça. E essa aspiração que ele tem pela justiça imanente não é um sentimento poderoso e quase religioso? Encontra-se no fundo das consciências, e está aí, em meio às incertezas e contradições, o que nos direciona a uma situação melhor. Precisamos de instituições que pratiquem a justiça, na família, na cidade, e que dela façam o móvel de todas as ações.

Nesse sentido, ainda há muito a fazer, pois não basta assegurar ao operário o pão e a moradia. O povo não tem somente necessidades materiais, demanda também que se cultivem suas faculdades superiores. Sua educação, demasiado negligenciada por uma política materialista, por sua insuficiência e seus falsos métodos, muito contribuiu para criar o estado de desordem e o mal-estar do qual sofremos. O povo, tornado soberano, tem necessidade de ser mais esclarecido em seus votos e julgamentos.

É preciso pensar em dar ao homem uma fé livre e desinteressada que o sustente em suas provações, uma crença racional que lhe permita reagir contra as causas da degradação. É tempo de substituir o dogma envelhecido por um ideal científico e consciente em harmonia com a evolução humana. Então o povo mostrará todas as qualidades que estão nele, e se verá dissiparem-se os preconceitos e a desconfiança que a democracia

ainda inspira em certos espíritos inquietos.

De fato, o problema intelectual se relaciona estreitamente com o problema moral. Ambos nos impõem o dever de combater o alcoolismo e todos os vícios que dificultam o desenvolvimento humano. É preciso ensinar ao homem a se respeitar e a salvaguardar sua própria dignidade, pois, ao elevar o nível moral, trabalha-se simultaneamente para resolver todos os problemas difíceis do momento atual.

O sentimento de justiça de que acabamos de falar encontra sua sanção nos ensinamentos do espiritismo. A enorme massa de testemunhos do além-túmulo não é a prova de que essa noção é a própria lei do universo e a regra suprema dos seres e das coisas? Junto à lei da evolução, que lhe está estreitamente relacionada, essa prova proporcionaria às instituições baseadas no progresso e na justiça uma força moral incomparável e uma espécie de consagração.

Não esqueçamos que a solução das questões sociais não poderia ser completa, satisfatória e definitiva, enquanto um pensamento elevado não vier irradiar sobre as inteligências e os corações; enquanto um impulso de solidariedade humana não vier dissipar os mal-entendidos e as dissensões que ainda separam os partidos e as classes, facilitar a fusão de interesses e a união de esforços no cumprimento da obra comum. Seria preciso mais consciência em uns, mais justiça em outros, com o sentimento de deveres e responsabilidades que incumbem a todos na medida dos recursos e do poder de cada um.

Esse grande pensamento, esse nobre ideal e esses sentimentos elevados, Jean Jaurès⁵ neles se inspirava em seus discursos e em suas ações, e daí a forte impressão que ele exercia sobre seus ouvintes. Desde sua morte procuramos entre os socialistas aqueles que se tornarão dignos de o substituir, mas mantemos a esperança de vê-los surgir um dia.

⁵ Ver nota sobre Jean Jaurès no cap. *Socialismo e espiritismo - I*.

Enquanto isso, é uma grande doutrina que vem mostrar, a todos, os laços de fraternidade que nos ligam através de nossas vidas renascidas em nossa marcha em direção ao mesmo propósito grandioso e longínquo. Só ela pode ajudar-nos a resolver os inúmeros problemas que ainda inquietam e fascinam o espírito humano.

O socialismo do futuro será o socialismo espiritualista, pois realizará um ideal baseado no desenvolvimento das mais altas faculdades da alma. Só ele saberá dissipar os preconceitos de castas, de raças, de cores e de religiões e fazer nascer um profundo sentimento de fraternidade humana.

Qual será seu programa de ação no dia em que, findo o período de lutas, deverá coroar sua obra de regeneração social? Acreditamos que esse programa pode-se resumir como segue:

Assegurar o pão da velhice e o abrigo dum lar para trabalhadores desgastados pela idade e por enfermidades.

Dar à criança o alimento intelectual necessário, isto é, instruí-la sobre seus deveres e o grande propósito da vida; iniciá-la nos princípios que fazem do universo e do conjunto das existências um todo harmonioso do qual ela é parte integrante, atuante e responsável.

Proteger a mulher contra as fraquezas mórbidas e seduções funestas, poupá-la, no estado de gravidez, do trabalho manual e possibilitar-lhe a vida familiar e a educação dos pequenos.

Assegurar a todos uma parcela de bem-estar proporcional à tarefa realizada e aos serviços prestados na obra social. Tornar acessíveis a toda alma humana os ensinamentos, as consolações e as luzes que proporcionam o culto do bem e do belo em suas diversas formas: arte, literatura, poesia, tudo o que constitui um meio de elevação, moralização e aperfeiçoamento, tudo o que apaga da alma as manchas do passado, tudo o que prepara o ser para seus reais destinos. Numa palavra, proporcionar a todo ser humano o que ele veio requerer da existência, ou seja, de acordo

com a lei da evolução, um degrau para subir mais alto na hierarquia das almas pelo desenvolvimento das qualidades do espírito e do coração.

* * *

Colocam-me, sobre a economia social, uma série de questões às quais me esforçarei por responder:

Por que –perguntam-me– o plano de reformas sociais, tão legítimas e urgentes, está tão longe de se realizar? O que devemos pensar do conflito permanente entre capital e trabalho, do sindicalismo, da CGT⁶ e da lei de oito horas?

Qual é a forma mais prática de cooperação de operários e de intervenção do estado?

O socialismo, mesmo em suas reivindicações mais legítimas, defronta-se com tradições robustas diante das quais é por vezes obrigado a ceder. Se, nos meios parlamentares, no seio da oposição, ele se mostra intransigente, assim que alcança o poder, vê-se-o imediatamente moderar sua ação, suspender seu programa de reformas e temporizar.

Ramsay MacDonald⁷ era, na oposição da Câmara dos Comuns⁸, o mais vi-

⁶ A *Confédération générale du travail* (CGT) é uma das maiores confederações sindicais francesas, fundada em setembro de 1895, na cidade de Limoges, surgiu como uma necessidade de organização dos trabalhadores responsáveis pelos grandes movimentos grevistas na França dos anos 1870 e 1880. Uma das principais lutas da CGT, durante o período posterior à sua fundação, foi a jornada de trabalho de oito horas, consolidada em votação no parlamento francês em 23 de abril de 1919, durante a presidência de Raymond Poincaré, cujo primeiro-ministro era Georges Clemenceau. A “Lei das oito horas”, como ficou conhecida, tinha como princípio defendido durante os debates parlamentares a divisão do dia do trabalhador na então consagrada expressão “três 8s”: 8 horas de trabalho, 8 horas de lazer e 8 horas de sono para o trabalhador.

⁷ Ver nota sobre Ramsay MacDonald no cap. *Socialismo e espiritismo - IV*.

⁸ O parlamento do Reino Unido é dividido em duas câmaras: a Câmara dos Lordes, ou Câmara Alta, e a Câmara dos Comuns, ou Câmara Baixa. Os membros da Câmara dos Lordes não são eleitos e sim indicados pela Igreja Anglicana e pela nobreza britânica. Já a Câmara dos Comuns tem seu corpo inteiramente escolhido pelo voto popular.

rulento orador trabalhista. Tornado primeiro-ministro, ele mesmo declara querer conciliar as novas reformas com as velhas formas da sociedade inglesa. Zomba daqueles que pretendem transformar homens e instituições num dia e protela a nacionalização de minas e ferrovias sonhada por seu partido.

“Nosso programa de reformas”, disse ele, “será o a obra de gerações sucessivas e mesmo quando estivermos mortos, desaparecidos e esquecidos, a marcha continuará. O ideal de um grande futuro ainda se erguerá diante do nosso povo”. R. MacDonald não acredita na existência de classes irreduzíveis, nem na luta entre elas, nem na revolução fatal e nem mesmo na revolução possível (*Jornal de Genebra*, 2 de setembro de 1924).

Num sentido diferente, a república dos soviets⁹, que antes abolira o capital e a propriedade, esforça-se agora por solicitar empréstimos a todos aqueles que se dispuserem a lhe adiantar grandes somas e oferece, como garantia aos financiadores, concessões de minas ou florestas.

Na França, nossos socialistas terão o cuidado de não cair nesse excesso, eles sabem que o capital é uma força. É a reserva dos povos e vê-se que os próprios bolcheviques¹⁰ não podem tentar a recuperação de seu país sem apelar ao crédito. Por toda parte os detentores de títulos são uma legião, e se os encontram até entre os trabalhadores mais humildes.

Assim o socialismo se adapta pela própria força das coisas. Reconhece que o capital é necessário para a realização de grandes trabalhos, para o início de atividades e para a gerência geral da mão de obra. Seu objetivo essencial será, portanto, uma repartição mais equitativa e igualitária da riqueza entre os diversos elementos da produção. Quanto aos excessos provenientes do mau uso do poder financeiro, podem-se sempre os reprimir por leis quando se tenha adquirido o poder.

⁹ Ver nota sobre soviets no cap. *Socialismo e espiritismo - IV*.

¹⁰ Ver nota sobre bolchevismo no cap. *Socialismo e espiritismo - I*.

Enumeramos acima todas as inovações criadas pelo estado em favor da classe trabalhadora, e não voltaremos a elas. Acrescentamos somente que a burguesia não vê sem receio sua ingerência na produção industrial. É que a experiência demonstrou que o estado é geralmente um mau empresário e um produtor oneroso. As exigências dos operários e dos funcionários que ele emprega elevam os preços de custo dos produtos a cifras que tornam impossível sua exportação. Os outros estados, aqueles que souberam manter um regime de liberdade, como os Estados Unidos, manterão a supremacia em todos os mercados e suas vantagens serão tais que dificilmente pensarão em adotar os métodos do estatismo.

Um socialismo sábio e prudente deverá sempre dar uma grande parte da obra geral à iniciativa privada, que é fonte de energia, de emulação e de concorrência fecunda.

No que diz respeito às grandes associações patronais e operárias, às federações e aos sindicatos, deve-se reconhecer no mesmo nível sua razão de ser, na justa medida em que colocam o interesse superior do país acima dos interesses de casta ou corporação. É necessário admiti-los como legítimos, sob a condição de não saírem de seu papel social e de se resguardarem desse espírito de dominação que tende à opressão duma classe pela outra e conduz a reações em sentido contrário.

Não é um instinto natural que leva os homens a unir suas forças diante dum perigo a enfrentar, duma dificuldade a superar? A ordem social deve comportar a liberdade de associação enquanto mantém um equilíbrio justo entre esses agrupamentos de forças e se opõe às ingerências de uns sobre os outros, cada um cuidando de seus próprios interesses.

Na ordem econômica, a solução do problema está na associação do capital, motor indispensável de qualquer empresa, da inteligência dirigente e da mão de obra que executa. Aqui, como em todas as coisas, a equidade deve presidir à repartição dos bens. Esse é o objetivo imediato e terreno do ideal democrático e é por isso que as massas operárias nele puseram sua esperança e sua fé.

Sem dúvida o acordo nem sempre é fácil de se alcançar, como o demonstram os conflitos periódicos que eclodem na vidraria operária de Albi¹¹ entre a direção e o conselho de trabalhadores. Mas nada se obtém sem esforço!

Devemos assinalar inovações exitosas que dão uma forma mais prática à solução do problema cooperativo: algumas grandes indústrias inglesas e estadunidenses criaram o que chamam de “o acionariado” *copartnership*¹², ou seja, a adesão do operário a uma parte do capital que ele adquire pela aplicação de sua poupança, cujo pagamento é complementado pela gestão na proporção do tempo de serviço cumprido. Outras companhias criam ações de trabalho que se somam aos salários de operários especializados. De sorte que eles mesmos se tornam coproprietários.

A experiência mostra que esses sistemas são preferíveis à simples participação nos lucros, pois garantem uma distribuição mais justa de vantagens e perdas.

Quanto à lei de oito horas, se sua aplicação parece justificada para certas indústrias, como as minas, a metalurgia, as vidrarias etc., noutros casos produziu verdadeiros abusos. Por exemplo, as companhias ferroviárias tiveram de aumentar seu pessoal em proporções que provocaram despesas excessivas. Foi-lhes, então, necessário elevar as tarifas de transporte

¹¹ O autor refere-se provavelmente à VOA, como era conhecida a Verrerie Ouvrière Albigeoise, ou Vidraria Operária Albigenense. A VOA foi uma experiência cooperativa de trabalhadores em Albi, uma cidade próxima a Toulouse, no sul da França, surgida a partir dum grande movimento grevista ocorrido em 1895, que resultou em fechamento da fábrica e demissão de todos os trabalhadores. Os operários, entretanto, uniram-se e criaram sua própria fábrica, a VOA, que recebeu doações e auxílios diversos vindos de organizações de trabalhadores de toda a França e de indivíduos, como o amigo pessoal de Léon Denis, o deputado socialista Jean Jaurès, interessado na inusitada experiência cooperativa operária. A VOA se tornou em 1989 uma sociedade anônima, abandonando seu estatuto de cooperativa, e em 1998 foi comprada por uma grande corporação.

¹² Em inglês, no texto original. *Copartnership* é uma forma de participação societária dos trabalhadores numa empresa que com eles compartilha seus lucros. Os trabalhadores passam, portanto, a fazer parte do acionariado, ou seja, do corpo de acionistas da empresa.

de tal forma que se tornaram um incômodo considerável para o comércio e uma das causas permanentes do elevado custo de vida.

Ainda sob esse ponto de vista, a liberdade do trabalho nos parece preferível, sobretudo agora que o operário possui, em seus sindicatos, os meios para lutar em pé de igualdade com o patrão. Além disso, a lei de 8 horas já sofreu tantas derrogações que ela não passa de letra morta. Nesse ponto, como em tantos outros, a necessidade obriga a negociações.

Para produzir todos os seus efeitos benéficos, o socialismo não deve confinar-se num realismo míope e ignorar a importância do fator moral na solução dos problemas que pretende resolver. O espiritismo é um meio poderoso de propaganda e realização de todas as ideias grandiosas, generosas e humanitárias. Ele oferece ao socialismo uma base e uma sanção ao demonstrar que os princípios de solidariedade, fraternidade e justiça, que são sua própria essência, encontram-se nas leis universais e são a regra dos mundos superiores.

Até agora, o socialismo não conseguiu derrotar os preconceitos que se erguem contra ele. O espiritismo, com sua elevada doutrina e sua ciência experimental, vem para lhe prestar o auxílio necessário para vencer os obstáculos e aplanar o seu caminho. Os resultados desse grande movimento renovador do pensamento já aparecem aos olhos de todos aqueles que sabem medir o andamento e calcular suas amplas consequências.

Em breve, do próprio seio do partido socialista, surgirão homens dotados da palavra e da pena que encontrarão argumentos decisivos a favor de sua causa. O estudo do espiritismo lhes mostrará a solidariedade que liga a humanidade visível à humanidade invisível como duas partes do mesmo todo; mostrar-lhes-á que as condições de vida no além, que são a consequência de nossos atos, são regidas por esse mesmo princípio de justiça soberana e que é necessário conhecê-las para estabelecer na Terra leis e instituições sociais sábias e harmoniosas.

Espíritas à Esquerda



ISBN: 978-65-01-98318-9

BR



9 786501 983189